

7

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ATKINSON P. & COFFEY, A. Revisiting the relationship between participant observation and Interviewing. IN Gubrium F. J. & Holstein, J. A. (orgs) **Postmodern Interviewing**. Thousand Oaks, SAGE, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Título Original: *Estetika Slovesnogo Tvortchestva*. [1979].

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAMBERG, Michael. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In MOITA LOPES, Luís Paulo e BASTOS, Liliana Cabral. **Identidades. Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras. p.149-185, 2002.

BASTOS, Liliana Cabral & FABRÍCIO, Branca Falabella. Narrativa e identidade de grupo: a memória como garantia do ‘nós’ perante o ‘outro’. In: PEREIRA, M. G. D., BASTOS, C. R. P., PEREIRA, T. C. (Orgs.) . **Discursos socio-culturais em interação. Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, p. 39-66, 2009.

BASTOS, L. C.; OLIVEIRA, M. C. L.; PEREIRA, M. G.. **Narrativas Fictivas: experiência, comunidade e argumentação na fala de profissionais de uma empresa em processo de mudança**. In: V Congresso Internacional da Abralín, 2007, Belo Horizonte. Caderno de Resumos. Belo Horizonte : UFMG, 2007. p. 574-575.

BASTOS, Liliana Cabral; OLIVEIRA, M. C. L. A experiência de imigração e a construção situada de identidades. *Veredas (UFJF)* , Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 31-48, 2004.

BASTOS, L. C.; RIBEIRO, B.T. . Telling stories in two psychiatric interviews: a discussion on frame and narrative. **AILA Review** , Amsterdam/Philadelphia, v. 18, p. 58-75, 2005.

BASTOS, Liliana Cabral. Construindo estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Revista Caleidoscópio**, Vol. 3, n 2 p. 74-87. Unisinos, RS, 2005.

_____. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais. In: **Calidoscópio**. Vol 3, maio/ago, Unisinos, 2005.

_____. Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. **Calidoscópio**, Unisinos, Vol. 6, Nr 2 p. 76-85, mai/ago. 2008

_____. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta** (PUC-MG), Belo Horizonte, V.7, Nr 14, p. 118-127, 1º Sem. 2004

_____ Diante do sofrimento do outro - narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. **Calidoscópico** (UNISINOS), v. 6, p. 76-85, 2008.

BAUMAN, Richard. **Story, performance and event**. Contextual studies of oral narratives. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____ **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____ **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____ **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In Ferreira & Amado (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. Título original: *L'illusion biographique*, 1986.

_____ **Distinction: a social critique of the judgement of taste**. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1984.

_____ **Public opinion does not exist. Communication and class struggle**, Vol 1. New York, International General, [1972] 1979.

BRIGADA DE INFANTARIA PÁRA-QUEDISTA. Desenvolvido pela Brigada de Infantaria Pára-quedista. Apresenta a estrutura organizacional com links específicos para as unidades que a compõem. Disponível em www.bdainfpqdt.eb.br Acesso em 15 julho 2008.

BRIGGS, C. L. Interviewing, Power/Knowledge, and Social Inequality. IN Gubrium F. J. & Holstein, J. A. (orgs) **Postmodern Interviewing**. Thousand Oaks, SAGE, 2003.

BROCKMEIER, Jens & CARBAUGH, Donal. **Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture**. Edited by Brockmeier & Carbaugh editors. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2001.

BROCKMEIER, Jens. **Autobiographical Time**. Narrative Inquiry, 10 (1). 51-73. John Benjamins B. V. Amsterdam, 2000.

BRUNER, J. **Acts of Meaning**. Cambridge, Harvard University press, 1990.

_____ Self-making and world-making. In **Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture**. Edited by Brockmeier & Carbaugh editors. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2001.

BRUNO, Daniela Caldeira. **Discurso pedagógico, prática de significação ideológica: uma visão da construção de identidades em contexto educacional militar**. Dissertação de mestrado. PUC-Rio, 2005.

BUCHOLTZ, Mary & HALL, Kira. Identity and Interaction: a sociocultural linguistic approach. In *Discourse Studies*. Sage Publications. London, Thousand Oaks, CA and New Deli. P. 585-614, 2005.

_____ Language and Identity. In Alessandro Duranti (ed). **A companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Basil Blackwell. 368-294, 2003.

BUTLER, Judith. *Giving an account of oneself*. New York: Fordham University Press, 2005.

CASTRO, C. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

_____. **O Espírito Militar: um estudo de antropologia na Academia Militar das Agulhas Negras**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1990.

CLANDININ, D. J. & CONNELLY, F. M. **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco, Jossey-Bass, 2000.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Cambridge: Polite Press, 1995.

DE FINA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah; and BAMBERG, Michael (editors). **Discourse and Identity**. Studies in Interactional Sociolinguistics 23. Cambridge University Press, 2006.

DESCARTES, **Meditações sobre Filosofia Primeira**, edição bilíngüe, em latim e em português, trad. de F.Castilho, CEMODECON , IFCH-UNICAMP ,1999.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008. Título original: Les formes élémentaires de La vie religieuse [1960].

_____. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 4ª ed. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional. [1895] 1966.

_____. **The rules of social method**, New York: Free Press, [1966] 1985.

ERICKSON, F. Ethnographic microanalysis. In: MCKAY, S.L.; HORNBERGER, H. (Eds.). **Sociolinguistics and language teaching**. Cambridge: CUP, 1996.

_____. Ethnographic microanalysis of interaction. In **The handbook of qualitative research in education**. New York Academic Press, 1992.

_____. Ethnographic microanalysis of interaction. In: The handbook of qualitative research in education. New York Academic Press, 1992.

ERICKSON, Frederick; SHULTZ, Jeffrey. O “quando” de um contexto. Questões e métodos na análise da competência social. In Ribeiro, B. e Garcez, P. (Orgs). **Sociolingüística Interacional**. Edições Loyola: São Paulo, 2002.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Portaria 018 do Estado Maior do Exército, de 21 de março de 2003.

_____. Desenvolvido pelo Centro de comunicação Social do Exército. Apresenta a estrutura institucional com *sites* específicos de cada setor e *links* para todas as Unidades Militares do EB, canções, revistas, publicações, fotos, noticiários, informações. Disponível em: <https://www.exercito.gov.br>. Acesso em 16 dez. 2004.

_____. Desenvolvido pelo Centro de Comunicação Social do Exército. Apresenta a estrutura institucional com sites específicos de cada setor e *links* para todas as Unidades Militares do EB, canções, revistas, publicações, fotos,

noticiários, informações. Disponível em: <https://www.exercito.gov.br>. Acesso em 15 julho 2010.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____ **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____ **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____ **Critical Discourse Analysis**. London: Longman, 1995.

_____ Critical language awareness and self-identity in education. In D. Corson (Ed). **Discourse and Power in Educational Organizations**. p. 257-272. Toronto, Ontario: OISE Press, 1995.

_____ **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FEIJÓ, M. C. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FISH, Stanley Eugene: **“Interpreting the variorum”**: Advance or retreat? In *Critical Inquiry*, Vol 3, No 1 (autumn, 1976), pp. 183-190.

FONTANA A. Postmodern trends in Interviewing. IN Gubrium F. J. & Holstein, J. A. (orgs) **Postmodern Interviewing**. Thousand Oaks, SAGE, 2003.

GADAMER H. G. **Verdad y Método**. Sígueme, Salamanca, 1977.

GARAGALZA, Luís. A hermenêutica filosófica e a linguagem simbólica. In Araújo & Baptista (orgs). **Variações sobre o imaginário**. Domínios, Teorizações, Práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

GARCEZ, P. M. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. IN Moita Lopes, L. P. & Bastos L. C. (orgs) **Identities. Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, Mercado das Letras, 2002.

GEE, James Paul. An example of discourse analysis. In **An introduction to discourse analysis**. Theory and Method. London, Routledge, 1999.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **Thinking big with small stories**. *Narrative Inquiry* 16:1, 122-130. John Benjamins Publishing Company, 2006.

GERGEN, K. & GERGEN, M. Memory, identity, Community. [in Hinchman & Hinchman (orgs).] **The idea of Narrative in the Human Sciences**. Albany, NY, State University of New York, 2001.

_____ Narratives of the self. In Hinchman, L. P. & Hinchman, S. (orgs). **Memory, Identity, Community**. New York, State University Press, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-Identity: Self and society in Late Modern Age**. Stanford, Stanford University Press. 1991.

GLESNE, C. **Becoming qualitative researchers. An introduction**, Longman, 1999.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução Maria Célia Santos Raposo 11ª ed.. Petrópolis: Vozes, 1985. Título original: *The presentation of self in everyday life* [1959].

_____ **Manicômios, prisões e conventos.** Tradução Dante Moreira Leite. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. Título original: *Asylums: essays on the social situation of mental patients and other inmates* [1961].

_____ **Frame analysis.** New York: Harper & Row. 1974.

_____ A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: Figueira, S. (Org.). **Psicanálise e Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. P. 76-114, 1967.

_____ **A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução Maria Célia Santos Raposo 11ª ed.. Petrópolis: Vozes, 1985. Título original: *The presentation of self in everyday life* [1959].

_____ **Estigma, Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, [1963] 1988.

GOFFMAN, Erving. The frame analysis of talk. In: E. GOFFMAN, **Frame Analysis.** Boston, Northeastern University Press, p. 496-559. 1974.

GRANSCI, A. **Prison notebooks.** New York; Columbia University Press, 1994.

GUBRIUM F. Jaber & HOLSTEIN, James. **The self we live by. Narrative identity in a postmodern world.** New York, Oxford University Press, 2000.

_____ From the Individual Interview to the Interview Society. IN Gubrium F. J. & Holstein, J. A. (orgs) **Postmodern Interviewing.** Thousand Oaks, SAGE, 2003

GUBRIUM, J. F. & LINCOLN, Y. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research.** Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. P. 105-117.

GUMPERZ, J. **Discourse Strategies.** Cambridge, Cambridge University Press. 1982

_____ **Discourse Strategies.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning.** London: Edward Arnold Publishers, 1978.

HALLIDAY, M.A.K ; HASSAN, H. **Language, context, and text: aspects of the language in a social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold Publishers, 1985.

_____ **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning.** London: Edward Arnold Publishers, 1978.

HARRÉ, Rom. Metaphysics and narrative: singularities and multiplicities of self. In: Brockmeier, Jens & Carbaugh Donal. **Narrative and Identity: studies in**

autobiography, self and culture. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

_____ The social construction of selves. In: Yardley, K. e Honess, T. **Self and Identity: Psychological perspectives.** John Wiley & sons Ltd, 1987.

HYMES, D. Models of Interaction of language and social life. In: J. J. Gumperz & D. Hymes (eds) **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**, 35-71. New York: Rinehart and Winston, 1972.

KIESLING, S. F. "Hegemonic Identity-making in Narrative." In **Discourse and Identity**, Anna De Fina, Deborah Schiffrin & Michael Bamberg (eds.). Cambridge: Cambridge University Press. pp.261-287, 2006.

KOVITZ (2003:6), The Roots of Military Masculinity by Marcia Kovitz. In: HIGATE, Paul R. **Military Masculinities.** Identity and the state. Connecticut: Praeger Publishers, 2003.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In W. Labov (Ed.), **Language in the inner city: studies in the Black English vernacular** (pp.354-396). Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.

LAMONT, Michele. **Morality and the Boundaries of Race, Class, and Immigration.** Harvard University Press, 2007

LANGELLIER, Kristin M. "**You're marked**": **breast cancer, tattoo and the narrative performance of identity.** In BROCKMEIER, Jens and CARBAUGH Donald. Narrative and identity. Studies in autobiography, self and culture. Amsterdam, John Benjamins, 2001

LINCOLN, Y. S. & GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. IN Denzin, N. K. & Lincoln Y. S. e Colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens.** Porto Alegre, Artmed, [2003] 2006.

LINDE, C. **Life stories. The creation of coherence.** New York, Oxford University Press, 1993.

MEDINA, C. A. **Entrevista, o diálogo possível.** São Paulo. Ed. Ática, 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. In: Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ:Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Aprova a Diretriz Estratégica de Garantia da Lei e da Ordem e dá outras providências. Portaria nº 736, de 29 de outubro de 2004, do Comandante do Exército.

_____ Aprova o regulamento da Academia Militar das Agulhas Negras. Portaria nº 009, de 14 de janeiro de 2002, do Comandante do Exército.

MISHLER, E. The analysis of Interview-Narratives. In Sarbin, T. (org.) **Narrative Psychology. The storied nature of human conduct.** New York, Praeger, 1986.

_____ **A mão dupla do tempo.** In: Moita Lopes e Bastos (Orgs.) *Identidades, recortes múltiplos e interdisciplinares.* Campinas SP: Mercado das Letras, 2002.

_____ **Craftartists' Narratives of Identity.** Harvard University Press. Cambridge, Massachusettes, 1999.

_____ **Research Interviewing. Context and Narrative.** Cambridge, Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, Luíz Paulo. *Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais.* In Moita Lopes L. P. (Org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.

NORBERT, Elias. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1987] 1994.

RAMUNDO, Alessandra M. **Assimetria e construção do conhecimento no contexto militar.** Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2003.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Constituição Federal,** 1988.

_____ Decreto nº 2,243, de 3 de junho de 1997 do Presidente da República. Dispõe sobre o Regulamento Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas, Manual de Toques, Marchas e Hinos das Forças Armadas.

_____ Decreto nº 2,243, de 3 de junho de 1997 do Presidente da República. Dispõe sobre o Regulamento Continência, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas, Manual de Toques, Marchas e Hinos das Forças Armadas.

_____ Lei complementar nº 97, de 9 de junho de 1999. Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas.

REZENDE, Cláudia Barcellos & COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Analysis.** Newbury Park, CA: sage, 1993.

SANTOS, Miriam de Oliveira. **Berço de heróis. O papel das escolas militares na formação de “salvadores da pátria”.** Dissertação de mestrado. UFRGS, 2000.

SCHIFFRIN, D. *Interactional Sociolinguistics.* In: **Approaches to Discourse.** Oxford: Blackwell, 1994.

SCHOLES, R. & KELLOGG, R. **The nature of Narrative.** New York. Oxford University Press, 1966.

SCHOLES, R. *Afterthoughts in Narrative: language, Narrative, and Anti-narrative.* *Critical Inquiry.* 7:204-212, 1980.

SEWELL JR., William H. *The concept(s) of culture.* IN **Beyond the cultural turn: New directions in the study of society and culture.** Edited by Bonell, Victoria E. & Berkeley, Lynn Hunt. University of California Press, 1999.

SHAKESPEARE, William. **The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark**. In WELLS, Stanley & TAYLOR, Gary (general editors). William Shakespeare: The complete works. Pp 653-691. Oxford: Clarendon Press, 1988.

SHILLING, Chris. **The body and the social theory**. London: Sage Publications, Second Edition, 2004.

SHOTTER, J.; GERGEN, K. Social accountability and the social construction of 'you'. In: SHOTTER, J. E SHOTTER, J. e GERGEN, K. (eds.). **Texts of identity**. London: Sage, 1989.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico. Corpo, subjetividades e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVERMAN, D. **Interpreting Qualitative Data. Methods for analysing talk, text and interaction**. London: SAGE, 2001.

SNOW, David. **Collective identity and expressive forms**. eScholarship Repository, University of California. <http://repositories.cdlib.org/csd/01-07>, 2001.

TANNEN, Deborah & WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (orgs). **Sociolinguística Interacional**, 142-153. Porto Alegre: Age Editora [Social Psychology Quaterly, 50 (2): 205-16, 1987.

_____ Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de uma consulta médica. In Ribeiro, B. e Garcez, P. (Orgs). **Sociolinguística Interacional**. Edições Loyola: São Paulo, 2002.

TANNEN, Deborah . What's in a frame? Surface evidence for underlying expectations. In: R. Freedle (ed.). **New directions in discourse processing**, 137-81. New York: Ablex, 1979.

_____ Interactional Sociolinguistics. In: W. Bright (ed). **The Oxford International Encyclopidia of Linguistics**, 9-12. New York: Oxford University Press, 1992.

_____ **Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self. A construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____ **As fontes do self. A construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola. [1997] 2005

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: Edson de Oliveira Nunes (Org.). A aventura sociológica. Rio: Zahar, pp36-46, 1978.

_____ **Subjetividade e Sociedade. Uma experiência de geração**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

WENGER, E. **Communities of practice**. Cambridge. Cambridge University Press, 1998.

WITTGENSTEIN, Ludwig: **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Editora Vozes, [1953] 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1

Convenções de transcrição:

...	pausa não medida
(3 seg)	pausa medida
.	entonação descendente ou final da elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
sublinhado	ênfase
<u>MAIÚSCULA</u>	fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	fala em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(palavra)	fala duvidosa
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada
↑	subida na entonação
↓	descida na entonação
hh	aspiração ou riso
.hh	inspiração

Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schecloff e Jefferson, 1974; Atkinson e Heritage, 1984), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987), Tannen (1989), Castilho e Petri (1987), Gago (2002).

ANEXO 2

Transcrição da entrevista com Capitão Vieira

D – Cap Daniela

V – Cap Vieira

00:01:00

1	D		e de onde vinha essa vontade- porque pelo que eu vi você
2			nutriu essa vontade, ↑ lá na AMAN, e depois nos três
3			anos de tropa. de onde vinha essa vontade? <por que
4			ser pqd?
5	V		bom, a minha vontade vai iniciar já:: no na mesma
6			vontade de ser militar. a minha história começa aos
7			doze anos quando EU decidi pela, por essa carreira.
8			eu tinha DOZE anos de idade.
9	D		sei
10	V		eu pedi pro meu pai, pro meu pai mandar uma carta pra
11			AMAN. a gente não sabia nada. MEU PAI sabia o que era
12			AMAN, meu pai é civil mas serviu como soldado há
13			muitos anos atrás. pé preto, não era pqd nem nada.
14	D		hum hum =
15	V		= ma:s é:: nós enviamos então a carta e foi explicado
16			o que que tinha que ser feito para ser oficial
17	D		[pra você ingressar na carreira
18	V		[e aí de doze anos até o dia que eu entrei, eu comecei
19			com aquilo ali, me formei em projetista de desenho de
20			construção civil primeiro
21	D		sei
22	V		passei DIRETO pra AMAN
23	D		ah tá
24	V		aí eu guardei aquela vontade
25	D		você não fez PREP então, [foi CA
26	V		[não fiz PREP, foi CA. e: foi
27			o último concurso. de lá pra cá acho que nem teve mais
28			[concurso direto
29	D		[é é acho que não teve mais não
30	V		isso, então é: é: mas o que que me fez, com essa
31			idade, querer ser militar? porque eu admirava FILME,
32			essas tropas que mostravam o combate:nte, o
33			patriotismo, então foi o mesmo motivo que me trouxe
34			pra brigada pára-quedista <por ser uma tropa de elite>
35	D		hum hum a brigada é uma tropa de elite?
36	V		isso
37	D		como você falaria um pouco mais sobre isso? por que
38			que é uma tropa de elite? o que que faz aqui que não
39			se faz em outro lugar?
40	V		então veja bem, eu separei aqui alguma idéias ((o
41			capitão retira do bolso uma folha com anotações feitas
42			por ele próprio sobre tópicos que ele tem a intenção
43			de salientar durante a entrevista))
44	D		hum hum
45	V		inicia já com o nosso próprio lema NÉ? <BRASIL, ACIMA
46			DE TUDO> ...só tem uma substituição a esse lema que é.
47			DEUS. acima de tudo, pra quem tem uma religião,
48			qualquer que seja ela.
49	D		sei
50	V		então depois de deus é o seu país, a sua nação. então

51			essa tropa ela já se diferencia por isso, pelo seu
52			lema. é o lema que envolve uma tropa que foi preparada
53			para defender ↑ o brasil, e não só uma região do país.
54			e isso tá dentro da nossa é é, das nossas missões.
55	D		hum hum
56	V		a brigada pára-quedista atua DENTRO e FORA do
57			território nacional, né? é uma tropa apta pra isso. e
58			RÁPIDO. então ah ah ela se distingue eu acho que ela
59			se distingue por tropa de elite já por isso, pela sua
60			CAPACIDADE de operar em QUALQUER região e com rapidez,
61			com grande mobilidade
62	D		hum hum
63	V		fora isso OUTROS atributos da área afetiva que a gente
64			encontra nessa tropa
65	D		you pode me falar alguns? que you ... que you
66			SENTE, que you percebe que tá em you e que tá nos
67			outros? essa tropa de elite?
68	V		então ah ah comungando com isso que eu acabei de
69			falar, o sentimento de patriotismo, seria o primeiro
70			né? já pelo seu próprio lema, então todos que estão
71			aqui são voluntários a defender a pátria. ninguém tá
72			aqui forçado. todos são VOLUNTÁRIOS. então a primeira
73			característica dessa tropa que eu vejo que a difere. a
74			SEGUNDA, é a CORAGEM. e eu dividiria essa coragem em
75			dois ramos. a coragem pessoal, individual, porque you
76			coloca em risco a SUA vida, né? e a coragem de fazer
77			parte de uma tropa que vai REALMENTE cumprir missão.
78	D		hum hum
79	V		vai ser colocada a prova né? contra uma força adversa,
80			um inimigo, qualquer que seja a situação inusitada.
81	D		é: you falou várias vezes já em ↑patriotismo, ah you
82			pode me contar algum episódio da sua vi:da ou aqui na
83			caserna, aqui no batalhão, ou em alguma missão que
84			you já tenha participado onde isso ficou ↑ patente? o
85			PATRIOTISMO? "eu tô fazendo isso pela minha pátria,
86			pelo meu país"? né? em alguma coisa que you já tenha
87			sido empregado? na hora de you estar com o seu
88			soldado?
89	V		é difícil de responder essa sua pergu:nta com uma uma
90			uma idéia específica né? porque TUDO que eu fiz,
91			sempre foi com esse sentimento de patriotismo, nada
92			assim ficou mais marcante "pô, isso aqui eu fiz pela
93			pátria, isso não"
94	D		já tá no [sangue né?
95	V		[é NORMAL. tudo o que eu FIZ né? nesses, já
96			tô com praticamente 18 anos de exército, eu fiz com
97			vontade de defender a pátria, eu fiz pela pátria. me
98			recordo VÁRIAS vezes de tá no avião, voando já,
99			equipado, como mestre de salto, que é quem lança os
100			pára-quedistas, de tá ali, "pô, tô aqui mesmo pela
101			pátria, isso é uma doideira, isso é loucura"
102	D		é loucura? [é loucura tá lá em cima?
103	V		[vou tá me jogando () ((fala rindo)) é
104			diferente de qualquer outra coisa né? é diferente,
105			porque a gente já chega ((no combate, na missão a ser
106			cumprida)) de uma forma mais complicada, mais difícil,
107			do que uma outra tropa. mas tudo que eu fiz foi, não
108			teve um sentimento diferente que não seja a <defesa da
109			pátria>.
110	D		hum hum you falou em patriotismo, falou em cora:gem,

111			falou em risco de vida, né? falou em cumprir missão, o
112			que que é isso "cumprir missão"? já virou um jargão
113			isso e é usado pra uma porção, com uma porção de
114			outros sentidos ah "fulano vai cumprir missão, fulano
115			não sei que, tá cumprindo missão". o que é isso? esse
116			espírito de cumprimento de missão, que eu vejo que é
117			CLARO nos homens que servem aqui na brigada pára-
118			quedista?
119	V		bom, e::u, acho que esse sentimento ficou tão
120			arraigado na na minha pessoa, que pra mim cumprir
121			missão é fazer QUALQUER coisa que eu tenha que atingir
122			um objetivo. QUALQUER COISA. seja profissional ou
123			peçoal. então, é:: cumprir missão pra mim é por
124			exemplo é:: eu ter que vir ao quartel mas ao mesmo
125			tempo ter que dar assistência a minha esposa, aos meus
126			filhos e ↑ eu vou TER que cumprir essa missão.
127	D		hum hum
128	V		eu vou ter que bater essas duas frentes, três frentes,
129			quantas forem necessárias, é:: arrumar um tempo pra
130			estudar pra passar na ECEME ((Curso de Comando e
131			Estado Maior do Exército)), arrumar um tempo pra me
132			habilitar ((em língua estrangeira, proficiência
133			lingüística exigida pelo Exército que habilita o
134			militar a integrar missões oficiais no exterior)) que
135			eu ainda não me habilitei. então... é: cumprir missão,
136			pra mim significa você envidar todos os esforços pra
137			atingir um determinado objetivo e conquistar esse
138			objetivo.
139	D		tem muito a ver com RESPONSABILIDADE?
140	V		TEM, [tem muito a ver com responsabilidade
141	D		[aí você falou que tem filhos, é casado, como é
142			que você JUNTA, essas duas coisas? porque eu percebo
143			que servir aqui na brigada, servir aqui no vinte e
144			seis né? que é um batalhão cem por cento é: o efetivo
145			dele é cem por cento núcleo ba:se, como você consegue
146			conciliar isso?
147			
148	V		7:20((rindo)) com muito espírito de cumprimento de
149			missão ... não pode deixar furo nem de um lado nem de
150			outro.

00:09:15 DIFERENTE, não melhor [nem pior, apenas DIFERENTE

1	D		você se sente diferente por ser pára-quedista?
2	B		me sinto°
3	D		por- porque eu percebo sempre que=
4	V		DIFERENTE, não melhor [nem pior, apenas DIFERENTE
5	D		[nem pior. em q- até que ponto
6			vai essa diferença? em que? você não se sente nem
7			melhor, nem pior, mas diferente em que termos? porque
8			a gente percebe que, eu estudo a linguagem, né? e a
9			linguagem não é só o que a gente fala, é o que a gente
10			não fala também. e é o que a gente vê, o que a gente
11			constrói a partir dos símbolos e dos signos que eu tô
12			vendo. por exemplo, a gente vê a BOINA GRENÁ, O BOOT
13			MORROM, né? é:: isso JÁ salta aos olhos, o BREVÊ
14			prateado, isso já confere uma identidade pro sujeito
15			de ↑boca fechada.
16	V		eu é: a diferença é na DETERMINAÇÃO. eu acredito que
17			seja na determinação. a boina, o boot o brevê são
18			apenas, é um esteriótipo, pra diferenciar, pra de

19			longe alguém ver. não é por isso que eu me sinto
20			diferente. eu SINTO ORGU:ULHO, em tá vestindo aquilo
21			porque eu sei que sou identificado como: pertencente a
22			uma tropa de elite.
23	D		hum hum
24	V		ma::s o que me difere, que eu vejo, não melhor ou
25			pior, mas, >a dedicação<. a gente se dedica: a coisas
26			que: †não é normal ... uma pessoa... se dedicar. no
27			seu dia-a-dia. a gente acaba se dedicando, colocando
28			em RI:SCO a vida.

00:11:00 - hoje tô aqui pra contar essa história

1	D		eu tava conversando com o coronel Ermínio, e ele me
2			disse que saltar de pára-quedas é MUITO mais seguro
3			que saltar gancho ((salto semi-automático, em que o
4			pára-quedas é acionado automaticamente, sem o controle
5			direto do pára-quedista)), é muito mais seguro do que
6			andar de ônibus, é porque, isso é é você também pensa
7			isso, é uma questão de coragem, de confiar em quem
8			dobrou seu pára-quedas? de confiar em quem tá
9			conferindo né? os seus itens, a sua farda?
10	V		é, olha só. eu não vejo que é mais seguro nem menos
11			seguro. nesse ponto eu tenho, o pensamento um pouco
12			diferente. né? o:: salto semi-automático, ele é MUITO
13			seguro, [tem muito menos
14	D		[semi-automático é gancho?
15	V		é gancho. tem muito menos pane no semi-automático que
16			no livre. o livre né? e e ele: por ser um salto mais
17			complexo, ele oferece mais situações de PANE. não tô
18			dizendo que seja maior o risco ou menor o risco, mas
19			tem muito mais PANE
20	D		você já passou [por alguma pane?
21	V		[já, já passei
22	D		você podia me contar?
23	V		°lhe conto°, mas só só concluindo, é a: a: realmente o
24			que você disse é: confiar no equipamento. eu confio
25			MUITO no equipamento. aliás, em TUDO que eu fiz no
26			exército. <eu sempre tive medo> mas a minha coragem
27			sempre foi MAIOR [do que o medo
28	D		[além do medo
29	V		eu NUNCA estive em uma situação tranqüila. [nunca
30	D		[é, quem
31			não tem medo é LOUCO, né?= =é louco. eu nunca tive esse sentimento de loucura
32	V		"vou me jogar daqui, vou fazer rapel ((descer por
33			corda)), vou fazer rapel do helicóptero, vou fazer um
34			halocasting ((tipo de incursão muito perigosa em que
35			se salta do helicóptero na água, sem pára-quedas, de
36			uma altura de 10 a 20 metros)). qualquer coisa que eu
37			fiz, eu sempre tive aquela dorzinha no estômago, mas
38			sempre com é é, MINHA coragem, né? minha
39			determinação... por isso que eu acho que a gente tem
40			um pouco de diferente. né? a gente consegue vencer
41			essa situação
42			
43	D		e são muitas situações [recorrentes, né? de de peri:go
44	V		[é normal todo mundo falar
45	D		de ter me:do, de de enfrentar esse medo, eu acho tá,
46			vocês passam MAIS que nas tropas que não têm tantos

47			cursos assim como você tem, né? especializados,
48			superespecializado. e alguma situação dessas de PANE
49			que você tenha passado
50	V		é eu tive uma uma uma pane no::: no salto livre
51	D		logo assim no primeiro?
52	V		não. eu já era avançado já de salto livre, já tinha me
53			formado ... foi perto de ... do ano dois mil mais ou
54			menos... aí eu SALTEI, fiz o que eu tinha que fazer
55			ali, tinha um trabalho relativo a fazer durante a
56			queda né? curva, <i>looping</i> . aí eu fiz tudo que tinha que
57			fazer, eu tinha que comandar ((a abertura do pára-
58			quedas) mais ou menos a três mil e quinhentos mais ou
59			menos, aí eu comandeí o meu pára-quedas ele: retardou
60			a abertura, ele DEMOROU a abrir.
61	D		hum?
62	V		isso poderia ser uma pane ou não. ficou constatado que
63			é: † não foi um charuto ((pane em que o velame do pára-
64			quedas fica enrolado nas cordas em forma de charuto)).
65			eles não constataram em relatório que foi um charuto.
66			acontece que a gente tem um procedimento de emergência
67			adotado. deu dois mil e quinhentos, você não está
68			aberto?
69	D		hum hum
70	V		você parte para efetuar o procedimento de emergência.
71			né? que é primeiro agir nos tirantes de de
72			sustentação, né? agi: ele continuou, é, parcialmente
73			fechado, então desconectei meu pára-quedas principal e
74			comandeí o reserva.
75	D		teve que usar o reserva?
76	V		“usei o reserva”.
77	D		e aí? como é? o que você sentiu? isso foi feito assim?
78			porque do jeito que você tá contando, parece que você
79			fez realmente pensando [“tempo um vou fazer isso,
80			tempo dois vou fazer aquilo”
81	V		[foi mecânico. foi mecânico
82	D		[de tanto treinamento?
83	V		foi, de tanto treinamento. foi mecânico, fiz mecânico.
84			só depois que o pára-quedas RESERVA abriu é que deu
85			aquela moleza no corpo que eu vi que eu tava ... que
86			eu tinha acabado de sair assim de uma situação de
87			risco mesmo. † na hora foi mecânico. olhando o
88			altímetro, dois e quinhentos, pô, o pára-quedas não
89			tá aberto ainda, ele não tava com a característica
90			enrolado do charuto, mas ele, não tava com o slider
91			alto também, é: que ele prende o: dificulta a abertura
92			né?
93	D		sei
94	V		não era isso. ele simplesmente não abria. ele ficou
95			lá, fechado lá, pouco, segundo o relatório ele ia
96			abrir, ele tava dobrado de alguma forma que ia ter um
97			retardo MAIOR do que o normal né? ia abrir, mas eu?
98			aprendi que em dois mil e quinhentos eu tenho que,
99			desconectar. então agi como tinha que agir, nos
100			tirantes, não abriu, passou um pouquinho de dois e
101			quinhentos, falei “então chega”
102	D		era a sua vida, né? [era a sua vida ali também.
103	V		[desconectei e acionei, confiei no
104			reserva ((rindo)) e hoje tô aqui pra contar essa
105			história.

00:16:26 – 00:18:00

eu sou, eu sou da brigada pára-quedista, então, tem mais gente dependendo de mim

1	D		((Vieira saiu da brigada por um tempo, fez o curso de guerra na selva, que era um outro objetivo
2			profissional, e retornou para a brigada)) deu saudade
3			da brigada? porque você resolveu voltar pra brigada?
4			
5	V		eu contava histórias da brigada o tempo todo. tem
6			muito a ver, tem muito a ver, eu até separei aqui
7			((fazendo novamente referência às anotações feitas por
8			ele com os pontos que tinha a intenção de abordar na
9			entrevista)), tem muito a ver co::m, os atributos da
10			área afetiva que são cultuados aqui. entã::o eu tinha
11			parado ali na CORAGEM. mas ESPÍRITO DE EQUIPE? também
12			é outra coisa que nos difere MUITO. a gente tem muita
13			preocupação, em não errar, ou de trabalhar menos ou
14			não se dedicar, PELA EQUIPE. e não só por você. então
15			além de ter esse lado pessoal, né? orgulhoso de você,
16			que você gosta daquilo que você faz, tem a preocupação
17			de “pô, eu sou, eu sou da brigada pára-quedista,
18			então, tem mais gente dependendo de mim” , isso
19			acontece no SALTO, do avião, aonde o soldado
20			inspeciona a sua fita, você é o mestre de salto, a
21			vida de todo mundo tá na sua mão. e eles confiam
22			plenamente em você, se você jogar ele sem tá
23			enganchado ele sai e:: não quer nem saber, né? e::
24			então era isso, eu contava isso o tempo todo ((quando
25			não estava servindo na brigada)) onde eu tava, eu tava
26			falando “pô, mas lá na brigada, isso não acontece, lá
27			na brigada, o espírito de equipe é diferente, tá todo
28			mundo junto, sempre remando na mesma direção, as
29			coisas são mais simplificadas, não ficam elocubrando
30			tanto, perdendo tempo com algumas coisas que, são
31			desnecessárias, são mais voltados pra parte
32			profissional”.

00:18:20 orgulho: a tropa pára-quedista decide os combates (sentimentos ontológicos – prosódia alterada ao pronunciar SER)

1	V		pra mim, eu consegui atingir os dois objetivos que eu
2			queria. que era ser de uma tropa de elite, nível
3			MUNDIAL. que é ser pára-quedista. qualquer tropa de
4			qualquer país, qualquer país >quer dizer<, tem uma
5			tropa ↑pára-quedista. E historicamente elas foram
6			lançadas em TODOS OS COMBATES.
7	D		hum hum
8	V		↑iniciando o combate, ↑decidindo o combate, a tropa
9			pára-quedista ela tem essa característica. em qualquer
10			país, então a gente tem esse orgulho por ser também
11			pára-quedista. e no brasil, eu julgo que é
12			↑necessário, principalmente o infante, conhecer a
13			amazônia, e SER especializado, dentro do possível, na
14			tropa dentro do ambiente operacional que é a hipótese
15			número um do emprego nosso que é a selva. então, acho
16			que isso °eu consegui também°

00:22:25 EU SOU INFANTE. Fui fuzileiro a vida toda

1	D		e: você falou que você é o oficial de operações
2	V		FUI
3	D		foi. o que é ser o oficial de operações? que função é
4			essa?
5	V		eu fui o oficial de operações dois anos na: na SELVA e
6			dois anos aqui no vinte e seis e era um objetivo meu,
7			eu queria ser o oficial de operações no dois meia
8	D		POR QUE? por que o oficial de:
9	V		É, o oficial de operações ele é: o:: oficial que::
10			responsável pelo ↑preparo e emprego da tropa.
11	D		hum
12	V		então, toda parte de <formação, do soldado, da
13			qualificação do soldado, a instrução, a preparação do
14			adestramento, ou seja, o adestramento da pequena
15			fração, do grupo de combate, do pelotão, da companhia,
16			do batalhão, sempre vai ter a cabeça ali, pensante ali
17			do do de TODOS, ↑ do estado maior, mas o oficial de
18			operações é quem pensa exclusivamente neste tipo de
19			assunto.
20	D		e você queria muito ser o oficial de operações.
21	V		°eu queria°
22	D		por que?
23	V		é, porque: é é infantaria, né? EU SOU INFANTE. Fui
24			fuzileiro a vida toda, desde aspirante, eu fui. Quando
25			eu era aspirante eu comandeí um pelopes ((pelotão de
26			operações especiais)) que hoje não tem mais
27	D		não tem mais pelopes?
28	V		não, se alguém chama de pelopes, não não tem mais essa
29			denominação. tem gente, tem batalhão que, por não ter
30			uma mística, ele bota lá que tem [um pelopes
31	D		[ah sei
32	V		mas ho:je em dia são as forças de ação rápida
33	D		hum hum
34	V		então, não tem mais o pelopes. Então, eu comandeí um
35			pelopes logo como aspirante, que era um pelotão de
36			operações especiais, um pelotãozinho diferente, ele
37			é:, ((rindo)) tem a misticazinha dele .
38	D		sei
39	V		depois, comandeí pelotão de ↑fuzileiros, companhia de
40			fuzileiro, comandeí companhia de fuzileiro LEVE que é
41			a a tropa aeromóvel, comandeí compan- pelotã:o de
42			fuzileiro pára-quedista, pelotão de apoio pára-
43			quedista, comandante de companhia de fuzileiro pára-
44			quedista, depois fui pra selva, comandeí companhia de
45			fuzileiro de selva e aí fui... é um passo normal,
46			natural. porque tudo isso que eu fiz eu NUNCA tive na
47			administração, nunca tive voltado pra administração de
48			pessoa:l, é, pra administração de materia:l, né, ou
49			seja, não fui de logística
50	D		hum hum
51	V		ERA NATURAL que eu fosse oficial de operações. então,
52			talvez por isso e:u eu já tava com esse pendor, ser o
53			[oficial de operações
54	D		[e é uma função que sobrecarrega muito? você fica
55			muito atarefa:do? muita coisa pra você planeja:r? pra
56			você colocar em [PRÁTICA?
57	V		[é o tempo todo. eu digo que é um dos

58			oficiais do batalhão que ma:is fica sobrecarregado.
59			porque TUDO tem que passar por ele. seja a parte,
60			tanto a parte, ATÉ a parte da administração, ou seja,
61			a própria diretriz tem no manual de instrução, vai lá
62			MANUTENÇÃO do quartel, que é uma parte administrativa
63			mas você tem que tá pensando "qual dia? encaixado com
64			o dia da instrução. então é um oficial que A AGENDA do
65			batalhão, passa pela pela mão dele. TUDO que acontece
66			no batalhão passa pela mão do oficial de operações.
67			ele é o principal assessor, DE operações, é claro, do,
68			comandante. o comandante tem vários assessores, mas
69			isso daí ele ele tem uma ligação muito grande com o
70			comando. porque é voltado pra atividade FIM.
71	D		certo.[era o seu ideal.
72	V		[(rindo)) só por isso

Ainda tenho alguns pontos que eu gostaria de falar

A gente cultua realmente ideais

1	D		haha "só por isso", como se fosse pouco. Vieira,
2			agradeço muito você gastar seu tempo aqui comigo, eu
3			não vou fazer nada com esses dados que eu não te
4			apresente antes, vou falar "Vieira, olha, tô querendo
5			ver isso e isso" a gente conversa. muito obrigada
6			mesmo Vieira, obrigada, tá?.
7			((o gravador é desligado. no entanto o Cap Vieira me
8			diz que ainda tem pontos que ele gostaria de comentar,
9			assuntos que ele pensa serem importantes e que não
10			foram tratados na interação. Ele se refere mais uma
11			vez aos pontos que havia tomado nota em preparação
12			para a entrevista. o gravador é acionado e a
13			entrevista continua))
14	V		ainda tenho alguns pontos que eu gostaria de falar.
15	D		ficou faltando então falar, Vieira? sobre algumas
16			linhas ali que você tinha anotado.
17	V		é, então só a parte aqui da tradição. nossa tropa
18			também, me chama muito a atenção, me dá muito prazer e
19			orgulho por ser uma tropa DE TRADIÇÃO. acho que: quem
20			assistiu aquele filme <i>band of brothers</i>
21	D		hum hum
22	V		é aquilo ali, nós somos aquilo ali re- ... ali mostra
23			exatamente o que nós somos
24	D		é, ali mostra muito o lado do companheiri:smo, né? do
25			espírito de corpo?
26	V		DA CORA:GEM, DA CAPACIDADE PROFICIONA:L ali tem
27			exemplos de de liderança, de profissionalismo,
28			invejáveis.
29	D		hum hum
30	V		você vê aqueles velhinhos ali, VIVOS ai:nda, contando
31			né? eu tive contato com alguns americanos
32	D		sei
33	V		que que conhecem aquela tropa, ah a companhia ibis,
34			que é uma companhia histórica, existe uma manobra
35			deles, que eles conquistam um um um uma bateria de
36			artilharia, com um efetivo pequeno
37	D		hum hum
38	V		que inclusive é estudado na na academia

39	D	sei, esse tipo de [manobra que eles
40	V	[é . >na academia DELES<.
41	D	ah sei
42	V	então a tradição que é o que? O CULTO A IDEAIS. A
43		gente cultua realmente ideais né? honestidade,
44		brasilidade. e, o PROFISSIONALISMO. é uma tropa
45		profissional, o pára-quedista É uma tropa
46		profissional. e esse profissionalismo, ele, se divide
47		em dois aí. a voluntariedade, que eu citei lá no
48		início. então porque isso aí é pessoal. e, a
49		CAPACITAÇÃO TÉCNICA. então, TEM que conhecer a
50		profissão. não basta só querer. não basta ser burrão e
51		fortão. tem que ser inteligente, tem que, buscar é é
52		se aperfeiçoa:r, conhecer os equipamentos que vão
53		chega:ndo, CONHECER a doutri:na. então é uma tropa
54		também que TEM essas características. a gente busca
55		isso daí, busca atingir esse objetivo.
56	D	como é que VOCÊ busca isso? você já se aperfeiçoou, já
57		fez uma porção de curso. O que você pretende pra: pra:
58		seguir isso aí que você tá colocando? capacitação
59		técnica?
60	V	bom, então, eu ao longo, desde tenente, vim fazendo os
61		curursos que a própria brigada é, e o exército me
62		ofereceram. então eu fiz curso em todas as áreas, né?
63		de ↑montanha, de ↑caatinga, de de ↑selva. e: os cursos
64		de pára-quedismo eu fiz os cursos todos. agora: >me
65		habilitei< e agora no nível que eu to, vou sair major
66		agora, em dezembro, agora é a ECEME ((Escola de
67		Comando e Estado Maior)), né? é isso.
68	D	hum hum
69	V	vai ser a forma que eu vou poder contribuir, melhor,
70		no futuro novamente pelo exército
71	D	e você pretende voltar pra cá depois que fizer a
72		ECEME?
73	V	não sei se depois da ECEME, porque depois você vai ter
74		que seguir pra algum lugar ali:, ou selva ou brigada
75	D	sei
76	V	e se eu tive que comandar um dia um batalhão, também,
77		ou selva ou brigada
78	D	hum
79	V	((rindo)) ou brigada ou selva, tanto faz
80	D	haha
81	V	e, a última, a resistência física.
82	D	hum?
83	V	né? que não é: assim, não julgo que seja é: o mais
84		importante. eu acho que o mais importante ta na área
85		afetiva. né? eu não acredito que a gente precise de
86		atleta. é uma opinião muito pessoal, particular. não
87		é? é:: >↑não que eu não seja bem preparado<, que os
88		meus TAF's são todos 'E' ((refere-se à menção
89		Excelente que tem nos Testes de Aptidão Física
90		aplicados 3 vezes ao ano em todos os militares do
91		Exército Brasileiro))
92	D	sim, haha
93	V	senão parece, quem ouve, pensa que, não é isso. é que
94		eu não acho que aqui você tem que ter um atleta de cem
95		metros, um atleta de de salto em distância não
96	D	sim
97	V	mas tem que tem um um um preparo físico MÍNIMO, né?
98		que te dê capacidade de durar na ação. então por isso

99			da exigência, da área de estágio, da área de estágio
100			fazer uma SELEÇÃO, né? ela seleciona realmente.
101	D		porque ser um pára-quedista militar, é é no caso não é
102			só saltar. porque tem uma porção de cursos de pára-
103			quedismo aí civil que a gente vai lá, faz o curso e
104			salta. mas o militar é diferente, porque ele vai
105			SALTAR e aí ele vai ser empregado. não é? por isso que
106			eu tenho que ter resistência física?
107	V		é. exatamente. porque é: a forma de emprego do do
108			pára-quedista, ele: na sua concepção clássica, né? ele
109			é, na doutrina, no assalto, aeroterrestre, ele é
110			lançado na retaguarda do inimigo. pra atingir um
111			objetivo né? de de importância estratégica. então como
112			você vai tá, praticamente ISOLADO né, de de tropas
113			amigas, você chega lá na frente e tá CERCADO, você
114			tem que ter um preparo INTELECTUAL, EMOCIONAL, E
115			PROFISSIONAL, E FÍSICO pra sustentar esse tempo todo.
116			tudo que você carrega tá na sua mochila. é diferente
117			de uma tropa motoriza:da, de uma tropa blinda:da, que
118			tem a viatura pra lhe apoiar o tempo ↑todo. ou ↑quase
119			o tempo todo. nós não, nós saímos do avião, a partir
120			dali , só deus sabe quando a gente vai receber
121			suprimento. a gente tem a doutrina que é setenta e
122			duas horas, mas historicamente, se a gente for estudar
123			todas as vezes que os pára-quedistas foram empregados,
124			nem sempre a junção chegou dentro das setenta e duas
125			horas
126	D		hum hum
127	V		então é: é: pela forma clássica já se se justifica, a
128			formação nossa na parte de resistência física.
129	D		hum hum
130	V		fora isso? se você é tropa de elite você não pode tá
131			baixando ((se refere a precisar de cuidados e
132			tratamentos médicos)) com com qualquer chuvi:nha, é:
133			com não pode ter, é dificuldade de carregar pe:so,
134			né? de subir elevações altas. então, pra isso você tem
135			que ter uma resistência física também. já que a gente
136			vai ser empregado em qualquer parte do território.
137	D		hum hum
138	V		é isso aí.
139	D		muito bacana. Obrigada Vieira. obrigada de novo.
140			desculpa aí atrapalhar a sua rotina.

ANEXO 3

Transcrição da entrevista com Capitão Rocca

D = Cap Daniela

R = Cap Rocca

00:02:00 – 00:03:17

então, tem que ser um, tem que ser um militar selecionado.

1		D	desde garoto assim? você admira:va, você via? onde
2			você via paraquedista? pessoal da sua família mesmo?
3			que contato você tinha assim, com essa com essa
4			história de de ser paraquedista?
5		R	tinha u:m, um tio meu que é paraquedista, né? foi
6			soldado e um primo meu que foi cabo. então, visando,
7			inspirado por eles, né? eu resolvi também, vir pra,
8			pra >brigada paraquedista< e depois, dentro do
9			exército também, né? o paraquedista é muito é:
10			exaltado, muito exaltado e, ((interrupção da
11			interação, alguém bate à porta e fala com o Cap
12			Rocca))
13		D	dentro do próprio exército você percebia que o
14			paraquedista é? exaltado, ele é=
15		R	= é um combatente único, né? um combatente que: ele
16			↑salta, né? e vai cumprir sua missão. então, tem que
17			ser um, tem que ser um militar selecionado.
18		D	você acha que ele é um combatente completo? vamos
19			dizer assim? porque ele não adian- não é só saltar,
20			né? pelas conversas que eu já, que eu tenho tido aqui,
21			percebi que não é só saltar, saltar é o início, da
22			missão que você vai cumprir?
23		R	é só o início. ser um combatente completo é meio
24			difícil, né?

00:04:40 – 00:06:00

um guerreiro que nã:o teme, não teme a nada né? não teme a morte
não teme NADA

1	D		eu li no site da brigada, do vinte e seis, pra ser
2			mais precisa, que a mística paraquedista é
3			materializada no brevê prateado, no boot marrom e na
4			boina bordô. você acha que é assim mesmo? você acabou
5			de falar "eu via a boina, o brevê, e isso chamava a
6			minha atenção". você acha que essa mística ta
7			materializada nesses componentes da farda? e o que tem
8			por trás disso?
9	R		é:: não só, né? tá materializada no boot, na boina e
10			no brevê, né? mas não só a boina o boot e o brevê
11			caracterizam o paraquedista, né? a atitude do
12			paraquedista é que vai é convencer as pessoas, né? de
13			de: que vai mostrar pras pessoas quem é o combatente
14			paraquedista. porque: saltar do avião é fácil, né? mas
15			por trás disso tem muita coisa, né? por trás ali do
16			salto, daquela boina, do boot e do brevê, ta ali um,
17			um guerreiro que nã:o teme, não teme a nada né? não
18			teme a morte não teme NADA. então é um desafiador, o
19			paraquedista é u:m militar que desafia, a qualquer

20			coisa. não tem medo de nada.
21	D		Você não tem medo de nada?
22	R		NÃO.
23	D		Sério?
24	R		Sério.

00:10:10 – 00:11:44

porque é pra isso que a gente vive

1	D		o que a área de estágio fez com você? ou de você? ((a
2			área de estágio é a fase do curso de paraquedismo em
3			que os candidatos são bastante exigidos física e
4			psicologicamente))
5	R		a área de estágio transforma, né? a gente fala lá que
6			a área transforma né, o pé preto no paraquedista. né?
7			então eu acho que, nessa parte aí a área de estágio
8			deve manter o seu padrão, né? deve manter o seu padrão,
9			porque isso aí coloca em risco em risco, essa
10			diminuição aí do padrão exigido, põe em risco, a
11			própria mística paraquedista que você, que é o
12			objetivo da sua pesquisa. então isso aí eu acho que
13			coloca em risco.
14	D		hum
15	R		a mística paraquedista. eu acho que a brigada
16			paraquedista, né? é uma tropa de elite, é uma tropa,
17			que tem que tá pronta, pra guerra. né? não pronta pra
18			demonstrações, () não pronta pra é: ser vitrine.
19			nada disso. acho que a gente tem que ser preparado pra
20			guerra, né? é pra isso, quando eu vim pra brigada
21			paraquedista, é nisso que eu acredito, nisso que eu
22			acreditava, né? e eu acho que nisso que todos devem
23			acreditar. porque é pra isso que a gente vive.
24	D		vocês estarem prontos pra guerra?
25	R		é

00:22:00 – 00:24:55

o motivo pelo qual eu entrei pro exército brasileiro, né? foi
defender o meu país
foi a realização de um sonho pessoal

1	D		no site da brigada, eu li que “ser paraquedista é
2			experimental o sentimento mais profundo de
3			nacionalidade”. quando você esteve fora da sua nação,
4			fora do brasil, você experimentou esse sentimento de
5			nacionalidade, você tava lá pensando em algum motivo
6			maior, você pensava na sua missão em termos mais,
7			amplos “eu to aqui, cumprindo uma missão, é, de” >é
8			uma missão da ONU< né?
9	R		humhum
10	D		“é de apoio a um outro país, ou eu tô representando o
11			MEU próprio país”? como é que você lidou com esse fato
12			aí, você poderia me contar algum fato, alguma coisa
13			que tenha acontecido onde você tenha experimentado o
14			seu sentimento de brasileiro, assim? de nação?
15	R		sim. é: ... cada um, tem o seu ideal né? mas, o que a
16			gente aprende né? o que, o motivo pelo qual eu entrei
17			pro exército brasileiro, né? foi defender o meu país.
18			né? mas, é: nem todos pensam da mesma forma. certo?

19			mas eu, eu tinha esse sentimento de nacionalidade de
20			estar defendendo o meu país, embora eu sabia que
21			também não era nada daquilo, né? não era nada daquilo,
22			que ali eu não tava defendendo o nosso país.
23	D		sim, tá tá. não era o seu país mas você estava
24			cumprindo uma missão pelo seu país, né?
25	R		pelo meu país.
26	D		o seu país mandou você cumprir uma missão lá.
27	R		é, mas ali a gente não ta defendendo o nosso país. a
28			gente ta defendendo outros interesses. que também não
29			vem ao caso.
30	D		sim
31	R		eu falar aqui né? mas, ali, eu estava a frente do MEU
32			pelotão, né? da primeira companhia paraquedista, né?
33			e, do vinte e seis b i paraquedista e representando
34			também a brigada paraquedista. então isso aí era o meu
35			principal pensamento. né? e eu era o comandante de
36			uma fração. então isso aí foi foi a realização de um
37			sonho. né? foi a realização de um sonho pessoal
38	D		Certo
39	R		né? de sentir, de sentir, de de realizado né? em
40			estar, executando tudo aquilo que eu fui treinado pra
41			fazer. né?
42	D		humhum
43	R		então, particularmente, eu, minha maior realização foi
44			foi pessoal. porque defender o país, né? é meio, é
45			meio puxado a gente falar que foi pra lá pra defender
46			o brasil
47	D		é, porque lá não é o brasil

00:41:00 – 43:00:00

qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar.

1	D		O que é pra você, pertencer a uma unidade operacional
2			permanente? Como é que você se sente pertencendo a uma
3			unidade operacional permanente? tem algum fato que
4			você possa me contar, algum caso, alguma lembrança que
5			possa ilustrar o fato de você pertencer a uma unidade
6			operacional permanente?
7	R		((fica em silêncio, me olhando))
8	D		quando eu digo que você pertence a uma unidade
9			operacional permanente, o que vem a sua cabeça?
10	R		unidade operacional permanente? não entendi?
11	D		tava no site da brigada
12	R		((risos))
13	D		((risos)) o vinte e seis é uma unidade operacional
14			permanente. deve ser de pronto-emprego, né? tá pronto
15			pro [combate a qualquer momento
16	R		[é, acho que é isso.
17	D		foi isso que eu entendi. quando eu digo que você
18			pertence a uma unidade de pronto-emprego, o que que te
19			ocorre? o que que te passa?
20	R		... é: é tá pronto, né? pronto pra qualquer missão, a
21			qualquer hora, [em qualquer lugar.
22	D		[em qualquer lugar. você tá pronto?
23	R		eu tô pronto. sempre estive pronto
24	D		() já foi, e agora você tá, a qualquer momento que
25			te derem uma missão, você tá pronto pra cumprir?
26	R		qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar

27	D		brasil!
28	R		[acima de tudo!
29	D		[acima de tudo!

ANEXO 4

Transcrição da entrevista com Capitão Marcos Almeida

D = Cap Daniela

M = Cap Marcos Almeida

00:07:00 – 00:11:00

então, tem que ser um, tem que ser um militar selecionado.

1	M		Eu me identifiquei MUITO com as atividades da área de
2			estágio ((refere-se ao curso de paraquedista))
3	D		Pois é, me fala sobre isso
4	M		Porque: eu sempre gostei de de puxar contagem ((puxar
5			as canções que serão repetidas pela tropa)), do
6			treinamento físico, né? sempre gostei muito disso. E:
7			pô aqui? eu ((risos)) eu era o camarada que entrava
8			puxando contagem e saía puxando contagem. Marcação de
9			capacete? Pô, acho que entrou, a gente entrou umas
10			quatorze vezes. Das quatorze, acho que umas oito pelo
11			menos, eu ↑entrei e saí puxando contagem ↑sem parar
12	D		Humhum
13	M		DIRETO. Aí pô, nem dava espaço pros outros. Eu saía
14			puxando puxando puxando.
15	D		Era uma vibração que tava vindo de você
16	M		Tava, pô
17	D		Porque você vinha assi:m, você já tinha experiência,
18			já tinha passado por muitas coisas, né? na selva e
19			tudo
20	M		Humhum
21	D		E você tava agora >não sei nem se eu tô falando por
22			você< mas você tava realizando um sonho [que tinha
23			ficado guardado
24	M		[é. isso. e pô,
25			assim, eu tava nu:m >vamos dizer assim< ao meu ver,
26			u:m ponto assim que é: ↑não é o auge, mas é pô, é
27			próximo disso, dá: vida militar é o último ano de
28			tenente.
29	D		Sei
30	M		() meu sexto ano de tenente,
31	D		Humhum
32	M		E: pô, o sexto ano de tenente é o que, você se
33			considera um um ↑super tenente, né? você sabe TUDO,
34	D		Certo
35	M		De tudo da vida de tenente, né?
36	D		Humhum
37	M		O tenente mais experiente
38	D		((risos))
39	M		Então, pô, eu me sentia a vontade pra: pra: chamar
40			atenção dos outros, que eram mais modernos que tavam,
41			de repente, vacilando, eu
42	D		Sei
43	M		Eu chamava atençã:o, e: ↑dava exemplo, dava exemplo.
44			Eu tava à frente, pô até pela, >vamos dizer assim<,
45			não digo nem pela idade, mas pela antiguidade, no
46			sexto ano, né? o ↑último de tenente. E tá ali
47			representando na área de estágio, né?
48	D		Você foi pra área junto com os tenentes que tinham

49		acabado de sair da aman, por exemplo?
50	M	Não, não. [Meu curso foi só antigão
51	D	[era um curso especial?
52	M	Foi só antigão. Foi o curso de meio de ano
53	D	Ah. Foi o curso que as mulheres fizeram também?
54	M	Não. No meu não teve nenhuma mulher
55		Não? Até: uma tentou >acho que foi até uma que saiu
56		nesse curso agora< ela tentou mas não passou na
57		natação, do teste de entrada.
58	D	E aí? Você acabou lá a área, e tal? E nos seus
59		primeiros saltos? Foi muita emoção? Foi bacana? [Ficou
60		marcado?
61	M	[foi,
62		pô. E: assim, o salto é:? Que nem assim, ele é: o
63		salto é uma coisa assim ... pô, pra quem nunca saltou?
64		Dá medo, lógico, né? o medo é, ele, o medo [faz parte
65		da coisa
66	D	[é natural.
67		O louco não tem medo, né?
68	M	Só o louco não tem medo
69		Só o louco não tem medo. Imagina? Pô. se jogar do
70		avião, né? lá de cima e tal. Uma coisa meio que,
71		maluco né?
72	D	Hum
73	M	Mas é: totalmente seguro. A primeira vez, a gente QUER
74		saltar porque a gente, RALA muito pra pra concluir o
75		curso. E a gente sabe que pô, é aquilo ali, tem que
76		saltar, hum. Tipo assim, eu acho que o grande motivo
77		do curso ter toda essa ralação não é nem selecionar, é
78		fazer o camarada não amarelar na hora do salto. Porque
79		aí ele já pensa "eu passei por tudo isso pra tá aqui
80		na frente da porta aqui, a essa altura"?
81	D	Humhum
82	M	"não posso desistir agora, vai ser uma tremenda
83		vergonha". Acho que o cara pensa isso, né?
84	D	Sei
85	M	Não sei, eu não tinha esse pensamento, mas eu
86		imaginava, que a gente via, dentro do avião, assim, no
87		primeiro salto? Pô, o pessoal, tinha cara que ficava
88		rindo sem parar, cantando. Não era alegria, era
89		nervosismo em si
90	D	Pra tentar espantar o medo
91	M	Exatamente. A gente vê que a pessoa tá nervosa ali,
92		né? então: acontece, pô. A gente quando se depara com
93		o desconhecido? A gente, tem reações, cada pessoa tem
94		uma reação diferente
95	D	E você, que reação você teve lá em cima a primeira vez
96		que você subiu?
97	M	É:, dá assim aquele medão de, disparar a a a pulsação
98		e tudo, mas. Sabe assim, é uma ansiedade pra conhecer
99		((rindo)) o que que vai acontecer, o que é aquele
100		salto né? aí depois no salto, ((rindo)) todo mundo lá
101		no ar , dá pra gente conversar num ponto assim
102	D	Ah é?
103	M	A gente gritando, "epa:: eu sou paraquedista::"
104		gritando, né. aí o mestre de salto lá "para de gritar,
105		não sei que". No final vai que alguém se machuca
106	D	Ah sei, tá
107	M	Aí não pode ficar essa gritaria

108	D		Humhum
109	M		Mas a gente pô, primeiro salto, ((rindo)) saindo do avião, né? pô, já sou paraquedista.
111	D		Humhum
112	M		Aquela felicidade, todo mundo gritando e tal

((

00:12:45 - 00:17:17

eu mudei da água pro vinho do ano passado pra esse ano

eu não sou logístico, eu sou de infantaria, eu gosto da da da atividade, do outro lado, né? da instrução

1	D		O que você faz de diferente ((me refiro às atividades que ele realiza na brigada))que você já não tinha feito antes? Porque: o que eu quero ver, quero tentar entender, se nas missões aqui de comandante de companhia você vivencia essa mística paraquedista? É diferente? [comandar uma companhia aqui na brigada?
2			
3			
4			
5			
6			
7	M		[AH! COM CERTEZA. Bom a primeira vez que eu to comandando companhia. Eu tive a oportunidade de nos seis anos de tenente, no seis anos comandar PELOTÃO. Eu fui tenente de verdade.
8			
9			
10			
11	D		Humhum
12	M		Comandei pelotão, dei instrução, né? o pelotão que eu comande o ano passado, ele era quase que isolado, que, eu saí da ala, fui pro parque, passei a comandar o pelotão auxiliar, né? que é de soldados. Então, no último ano de tenente, eu voltei a comandar ↑soldado, que: pô, pra mim também é: ↑qualquer comando pra mim é legal. Não tem nada se é recruta, se é antigo, se é soldado, se é cadete=
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20	D		=é uma experiência, sempre contato com gente
21	M		Aí: apesar de assim, eu estar me sentindo ↑eu mudei da água pro vinho do ano passado pra esse ano. Que o ano passado eu tava na aman ((Academia Militar das Agulhas Negras)) assim. eu era tempo superior de nomeação? Comandante de pelotão auxiliar de soldado? Aí a gente tem aquele soldado de de resende, que de vinte e cinco recrutas eu tinha quatro voluntários pra serviço
22			
23			
24			
25			
26			
27			
28	D		Ó
29	M		E no final do ano, quase cem por cento era voluntário pra engajar
30			
31	D		↑olha, uma mudança mesmo
32	M		E: aí começa aquele negócio, as apaixonites, o cara "ah, só quero engajar se for aqui no avançado ((nome do curso em que o capitão Marcos Almeida servia)), se for no curso tal, não quero, se for no", porque aí o cara já pega o bizu com o outro, que no outro curso, [pô, o cara aperta, não sei que
33			
34			
35			
36			
37			
38	D		[É
39	M		Não que eu que eu afrouxasse, mas, tipo assim, eu eu sempre procurei ver o lado da tropa, entendeu? sempre me coloco no lugar do soldado pra não, não cometer injustiça, né? então eu procuro da minha consciência não fazer isso. e, pô, aparentemente dá certo, né? porque eu não tenho problema nenhum com. Muito pelo contrário, né? sempre tive um um bom retorno da tropa. todo todo (). Mas eu comandava um pelotão que tinha
40			
41			
42			
43			
44			
45			
46			

47		por finalidade? ↑Apoio. O apoio que se diga era.
48		Rancho, né? então assim, apoio de rancho, né? fazia
49		apoio do: montar quadro, quadro de instrução, montar
50		acampamento, montar acampamento pra curso avançado? ↑É
51		montar acampamento pra um batalhão. São quatrocentos.
52		Então, pó. seis hora da manhã? O cadete acorda e ta lá
53		o café, o pão, o leite, o iogurte, a maçã, que veio lá
54		da academia
55	D	Humhum
56	M	Aí eu tenho que gerenciar com o meu soldado, pra,
57		acordar de madrugada, voltar e tem a lavagem de
58		panela, e o cadete vai fazer a barba e tem que ter
59		água na caixa d'água dele lá. Né? ele vai, ele tem uma
60		latrina pronta pra ele, mas alguém cavou.
61	D	Sei
62	M	Né? Ele tem a barraca, mas o instrutor chega lá, ele
63		tem a barraca pronta, ele não faz nada, isso é tudo o
64		pelotão auxiliar que faz. Até acho interessante que
65		seja, realmente um tenente que já passou por isso,
66		pelo lado de instrutor, [já sabe o que preci:sa
67	D	[é é você já passou por toda a
68		experiência
69	M	Exatamente. Pó () você começa a ter uma visão
70		logística gigantesca. Só que assim, eu não sou
71		logístico, eu sou de infantaria, eu gosto da da da
72		atividade, do outro lado, né? da instrução, né?
73	D	E isso você faz aqui?
74	M	Exatamente. Então ano passado? A minha, pó eu, eu
75		verificava: telhado do curso pra ver se tava nascendo
76		capim no telhado, que, dá infiltração, eu via caixa de
77		esgoto, eu preparava: os almoços, né? a fachina do
78		curso. Se tinha um vidro quebrado, uma maçaneta
79		quebrada. Sabe? Eu era serviços gerais, eu era o faz-
80		tudo, [o severino. O quebra-galho
81	D	[Humhum humhum
82	M	Então eu tinha que gerenciar tudo isso aí. e: pó,
83		lógico, >fazia da melhor maneira possível<, mas,
84		assim, não, não é aquilo que eu que eu assim que eu
85		acho que eu me preparei? Pra fazer. Eu acho que não é
86		a função melhor pra um tenente que se especializou,
87		fez o curso de guerra na selva, né? pó, eu, buscando
88		fazer o curso de paraquedista, consegui vir pra cá, a
89		minha idéia era justamente, voltar pro meu metier, pro
90		que eu gosto, pr'aquilo que eu acho, né? que eu faço
91		melhor, né? pr'aquilo que eu sou destinado. Eu recebo
92		pra fazer isso. ser um oficial de infantaria
93		combatente. Aí, é: com a oportunidade de fazer o
94		curso, né? eu acabei vindo pra cá? Né? casei e tudo,
95		né? o interesse de fazer o curso com a possibilidade
96		de ter a minha nomeação, de ser transferido,
97		movimentado. Já cheguei aqui: e tive a grata, a grata
98		satisfação do comandante do batalhão ter me designado
99		"ó, você vão comandar a companhia, comandar a
100		segunda", é: eu gosto de trabalhar com recruta, mas
101		aqui me deram uma companhia de antigo, mas também, pó,
102		não tem problema... pó, acho que eu to me saindo muito
103		bem na função.
104	D	Humhum
00:18:55 – 00:21:00		
1	M	Eu não me vejo, aqui no rio de janeiro, servindo em um

2		lugar que não o vinte e seis.
3	D	Isso. me fala sobre isso.
4	M	Eu não me vejo no vinte e cinco, eu não me vejo no
5		vinte e sete, não em vejo em outro lugar. Muito menos
6		num batalhão pé de cão ((referência ao coturno preto
7		usado por batalhões não paraquedistas))
8	D	Você se identifica COM o [vinte e seis
9	M	[Com o vinte e seis. O vinte
10		e seis, ele te:m , ele tem uma mística, aqui dentro da
11		brigada. né? que é diferente da: assim tem as
12		místicas, né? tem a brigada dentro do rio de janeiro
13	D	Certo
14	M	Aí, dentro da brigada? ((risos)) tem? o vinte e seis.
15	D	Humhum
16	M	Que é >vamos dizer assim< o batalhão que é: é >vamos
17		dizer assim< mais operaciona:l, né? e realmente, é:
18	D	De pronto emprego. É um batalhão de [pronto emprego.
19	M	[isso. a gente
20		aqui
21	D	[Que em princípio
22		ta todo mundo ↑pronto pra ser empregado, em algu- em
23		alguma missão
24	M	A gente sabe que na bucha na bucha, a gente não tem
25		cem por cento de disponibilidade, a gente sabe que não
26		é assim. né? dentro da realidade a gente sabe que ,
27		pó, não é o ideal, mas a gente faz a química que seja.
28		E eu gosto, justamente desse desafio de? De tentar
29		fazer o: >pelo menos na minha companhia, né?< na
30		companhia que eu comando, fazer ela ser o máximo
31		possível, pronto emprego. Então é: adestramento, é o
32		treinamento físico, é o próprio: o valor moral do
33		solda:do, né? a gente tenta sempre trabalhar assim,
34		né? aí esse valor moral né? é um, é um cabedal de de
35		atributos da área afetiva que têm que ser trabalhados,
36		né? e, pó, () muito, eu hoje vejo a importância de
37		um tenente pra apoiar, um capitão dentro de uma
38		companhia. Pó. É essencial que o comandante de pelotão
39		seja um camarada também, chivunca:do ((com muita
40		garra)), que tenha, pó, iniciativa, que tenha
41		vonta:de. É o que a gente fala. Oficial e sargento,
42		ele sempre ta dando exemplo. Ou bom, ou mal. Mas ele
43		[↑sempre tpa dando exemplo
44	D	[é. ele ta sempre dando o exemplo. [Estão todos
45		olhando, né?
46	M	[↑não tem jeito,
47		pó. A gente: é procedimento do dia-a-dia, é a
48		presença, assiduidade, né né, de ↑estar num
49		treinamento físico,de de ↑ta na instrução, de pó, o
50		tenente entrar dentro da reserva de armamento,
51		conferir o armamento, ver a manutenção como é que ta.
52		Tomar, "aqui ó, to devolvendo o armamento", "quero ver
53		a manutenção" e tal. É a ação de comando dele tirando
54		serviço de oficial de dia, tudo isso é importante pra
55		que, pra que o próprio soldado dele se identifique
56		primeiramente com o tenente, né?
57	D	Humhum
58	M	E, em segunda instância, com o capitão. Eu acho que
59		até assim, né? na na companhia eu, eu roubo um pouco a
60		cena do tenente.
61	D	Ah?

62	M		((risos)) eu ainda: eu ainda quero ser um pouco
63			tenente, né? então vamos dizer assim, eu ainda faço
64			essas coisas de tenente que, é >vamos dizer assim<
65			muita coisa o capitão ele: ele perde um pouco o
66			contato com a tropa.

00:22:07 - 00:26:00

1	D		Falando um pouco assim, desses idéia:s, desse. Desse
2			lado, ah, psicológico que tem que ser desenvolvido e
3			trabalhado aqui. sobre agressividade no combate. Você
4			já teve oportunidade de viver alguma situação onde
5			você teve que evidenciar isso? onde seus homens
6			tiveram que evidenciar isso?
7	M		É, tive aqui, tive na selva. Na academia nem tanto,
8			mas. Na academia é interessante porque nas pequenas
9			coisas a gente faz o trab- a gente faz isso acontecer,
10			né? a gente às vezes até provoca uma situação pra
11			que, a gente tem essa: essa capacidade de de fazer esse
12			laboratório lá. E evidenciar pro cadete ver. Até
13			porque é importante pra ele, faz parte da formação.
14			Mas aqui assim, mais as operações mesmo. hum, por
15			exemplo, no início do ano a gente foi pra uma operação
16			em macaé. No assalto aero-terrestre. E: era a minha
17			companhia que tava. Então era: a minha companhia que
18			tava fazendo () do batalhão, (). >vamos dizer
19			assim< tava o coronel junto, né? o comandante do
20			batalhão, o estado maior, mas, as outras companhias
21			eram figuradas. No terreno mesmo só tinha a minha. Mas
22			independente de ter a minha a gente tinha
23			recompletamento, tinha soldado da outra companhi:a.
24			pô, aí a gente, quebra aquele negócio da unicidade do
25			comando, né? integridade tá:tica, né, daquele
26			conhecimento to comandante com a tropa, a interação. A
27			gente quebra muito isso quando a gente é: arruma
28			recompletamento. É a pior situação pra gente. Mas, eu
29			era o comandante de qualquer maneira, então,
30			independente de de qual é a origem do soldado, eu tava
31			comandando. Mas, o soldado, ele se identifica com o
32			comandante, é: através do exemplo també. Então, por
33			exemplo. Na marcha? A gente ó, a gente primeiro fez o
34			salto, né. no salto o soldado observa se a sua mochila
35			ta pesada ou não.
36	D		Hum
37	M		Se a gente se equipa direito com o pára-quedas ou não.
38			eles ficam olhando. Eles observam isso o tempo todo.
39			Ele vê se o meu fuzil ta com com a ancoragem correta
40			do: pro salto, se eu to usando a proteção pra pra
41			armamento. Eles olham isso, eles olham se o nosso
42			capacete ta ajustado. ELES OLHAM. Eles olham. E se a
43			gente apresentar erros, eles depois >vamos dizer
44			assim< se não gostarem da gente eles vão dizer "ah,
45			mas o capitão é lixão" ou então, não "pô, o capitão é
46			padrão"
47	D		Humhum
48	M		Ou então simplesmente se a gente não deixar=
49	D		=São exemplo de qualquer forma=
50	M		=A gente é sempre o exemplo. A gente não pode deixa:r,
51			é: FURO? Pra deixar margem a falarem, né? da gente.
52			Porque a gente tem uma moral porque a gente COBRA. A
53			gente EU? Como comandante eu tenho que cobrar TUDO

54			deles. TUDO. É o capacete ajustado, não sei que.
55			então, o dia que eu der furo nisso, aí: o dia que eu
56			cobrar eu vou ta sem moral pra cobrar
57	D		Humhum
58	M		E eu acredito que: pra cobrar a gente tem que: é muito
59			importante, a gente: ter essa: esse ↑respaldo pra
60			fazer as cobranças. Então a gente tem que cobrar da
61			gente pra que os outros não tenham que cobrar. Né?
62			então assim, você vai executar a marcha, ele vê se a
63			mochila da gente ta pesada, se o capitão ta tomando
64			água ou não, vê se eu to cansando ou não, a gente olha
65			pra trás, "bóra soldado. Vamos lá ou ta com medo?". Aí
66			ele fica naquela né, pô, ((rindo)) aí o soldado vai
67			saindo "pó, quando eu tinha a tua idade? Viu soldado?"
68			aí o soldado fica "pó, o capitão é bem mais velho que
69			eu, né?"
70	D		Humhum é ele [tem que fazer né?
71	M		[“ele ta ali ainda, não, eu tenho que ir
72			também, pó”. Então vai indo né? e: pó isso é: isso é
73			muito bom assim. a gente estar, estar à frente. E eles
74			confiam na gente assim, de uma maneira: é: confiam
75			cegamente, mesmo. Se a gente falar “não pessoal, é
76			↑por aqui que tem que ir” pó, como foi lá, né?
77			((risos)) a gente falava “é por aqui” pó a gente
78			entrando no negócio lá, a água até, o camarada foi até
79			o: água até acima do capacete de água
80	D		Sei
81	M		Né? passando dentro de uns valões gigantes lá e pó “é
82			por aqui” o pessoal “é por aqui”
83	D		É por ali mesmo, [na confiança
84	M		[se o capitão e o tenente disser “é
85			por aqui” eles confiam e vão naquela direção ali
86			cegamente. É: então isso a gente desenvolve a partir
87			da LÓGICO né? isso tudo a partir de um trabalho
88			anterior, do camarada confiar na ge:nte né? nesse
89			sentido.

00:26:00 – 00:28:15 - 00:47:00 - 00:53:00

1	D		E sobre: “ser paraquedista e experimentar o sentimento
2			mais profundo de nacionalidade” isso ta presente, você
3			percebe isso? isso é assim, tem tempo pra pra isso,
4			pra pensar nisso? Ou pra construir sentido em cima das
5			coisas que você vive? Ah ah tendo como ba:se aí, como
6			ideal “ser brasileiro, estar à frente de um país,
7			representando, contribuindo de alguma forma?
8	M		Humhum. É eu acho que, assim, dentro dá: da minha
9			função de comandante de companhia, eu muitas vezes eu
10			converso com eles é: sobre: esse ano acho que foi a
11			vez que eu menos conversei. Quando eu era comandante
12			de pelotão eu conversava mais. Acho que é até uma
13			coisa que eu posso melhorar pra pra o próximo comando
14			meu. Mas é: aquele negócio que eu falo da falta de
15			contato com a tropa. acho que até, analisando aqui
16			agora eu poderia ter feito mais. Mas, não acabou o ano
17			ainda. Então a gente conversa muito assim sobre: é o
18			papel deles depois que eles saírem daqui.eu acho que é
19			aí que entra a entra isso aí. é: pra que eles aprendam
20			né? os exemplos que eles vêm aqui de:ntro, né? os
21			exemplos certos e os errados, né? não repetir os

22		errados, "façam o que é correto"
23	D	Humhum
24	M	Né? eles terem isso, pra: pra ↑vida deles. Aí a gente dá orientações aí como, né? aquela orientação que às vezes muito muitas vezes ↑falta o pai. Às vezes o pai, em casa, não tem pai. Né? que é: uma coisa normal. então vive com o padrasto, vive com a avó. Pai desconhecido, não declarado. É uma coisa normal que
30	D	Sei
31	M	Casal separado simplesmente, assim, quem tem família: completa aqui, soldado? Acho que não chega a dez por cento. Família aquela padrão né? pai, mãe, morando na mesma residência? É muito difícil, não é uma coisa normal. então a gente assume um pouco essa função de de orientador social, né? de de como tem que procede:r, com a namora:da, que não pode ter filho, que depois vai ter que alimentar, coisa e tal. Pó vai ta apertado de dinheiro
40	D	((seu turno é interrompido por minha pergunta)) Falando de namorada, uma coisa que eu sempre escutei, que eu vejo e que já me falaram também, é que o soldado paraquedista, ele tem, muita fama com as mulheres.
45	M	((ao final da entrevista, aos 00:47:00 o Cap Marcos Almeida retoma o assunto sobre 'sentimento de nacionalidade, que julgou não ter sido claro o bastante)) olha só, sobre a nacionalidade que você falou, [eu fiquei com a pulga atrás da orelha
50	D	[ah sim
51	M	[Eu não falei de nacionalidade. Então vamos lá, a gente conversa isso com o soldado, né? a gente fala sobre: tropas de outros paí:sés, e tal né? isso a gente tem muita referência em cima do americano que? é um a a ↑maior >não digo a melhor< mas a maior máquina de guerra que existe hoje, então a gente tem que: é tomar algumas referências em cima deles. Lógico que a gente fala de de outros exércitos também, a gente pesquisa na interne:t pra falar e pra comparar, né? o nosso com o deles. Logicamente que nós somos o: >vamos dizer< o primo pobre nessas comparações né? que: pó, falta aerona:ve, pó a gente tem uma falta de uma deficiência de material muito grande aqui de:ntro. O exército não entende, que o nosso material deprecia mais rapidame:nte. A gente USA muito mais, aí o material perde, desgasta, rasga, acaba, né? a gente precisava ter uma uma atenção maior na. Mas quando o pessoal de fora vem aqui e fala que a gente ta bem com que a gente tem, que aí fora ta pior, então ((risos)) dão essa desculpa pra gente, então até acredito que eles estejam piores do que a gente.
72	D	Hum?
73	M	Mas, enfim, não é não é aquilo que a tropa paraquedista merece. Que precisa. Mas mesmo assim a gente fala que o valor do nosso soldado, do soldado brasileiro, né: o grande discurso nosso aqui é, o nosso ↑valor do nosso exército está nos ↑homens... material a gente, a gente fala que: a gente sabe que: num esforço de guerra o material aparece. Aparece do nada. Quando tem um sanhaço nacional a coisa aparece. Dinheiro aparece, tudo aparece. A gente sabe que tem só que é direcionado pra outros lados. Logicamente que

83			pó, a tropa paraquedista () se você conhecer aqui o
84			() você não vai acreditar que uma tropa de elite
85			viva naquelas instalações. Acho um ↑absurdo que é pior
86			que qualquer instalação de qualquer unidade ((risos))
87			que eu vejo por ai. Sabe , é muito abaixo do que: pó,
88			do que um soldado, independente de: ser recruta,
89			antigo, pé preta nan nam
90	D		Humhum
91	M		↑não merece, assim aquele tipo de instalação. E:
92			assim, o que vale pra gente é o valor do soldado... é
93			o soldado cumprir missão, é ele não se entregar, é ele
94			mesmo na dificuldade, ele combater e tal. A gente fala
95			que pó isso aí, o soldado brasileiro, pra pessoa não
96			desistir e tal, aí tem aquele, brasileiro ()
97	D		Humhum
98	M		ISSO É IMPORTANTE. Isso é importante porque a gente:
99			é: vamos dizer assim, faz parte dessa mística do do
100			soldado pqd, porque às vezes, final do ano agora, tem
101			um pessoal que vai saltar na argentina, vai lá ganhar
102			o brevê do pqd argentino
103	D		Sei
104	M		Aí vem o pessoal deles pra fazer adestramento aqui e
105			ganha o pqd brasileiro, também. Então >vamos dizer
106			assim< tem um pequeno contato de uma pequena parcela,
107			de, contato com com pqd de fora
108	D		Certo
109	M		Lógico, que o pqd argentino, também não tem grandes
110			coisas igual a gente né... todo mundo é farinha do
111			mesmo saco. Mas assim eles, eles se sentem assim no
112			frente do pqd de outro país, eles, não
113	D		[Ah entendi.
114	M		[Ele, que ele é ↑brasileiro
115	D		[No momento que ela ta ↑fora ali daquele ambiente
116			dele=
117	M		=ele sabe, por mais que ele passe o dia inteiro
118			reclamando disso, de que "pó, a comida do rancho não é
119			boa" que não sei que, eles sabem que quando a gente
120			não vai pra uma operação é que não tem gasolina, tem
121			segunda que não tem comida, eles ↑sabem disso. Não é
122			escondido isso dele não. eles sabem que isso é real
123			mesmo. Ta acontecendo. Mas, eles têm aquela satisfação
124			de pó, quando a gente puxa pelas raízes deles assim,
125			pó "o soldado brasileiro, o soldado, não sei que" pó,
126			aí eles já, né? pó eu tive contato com soldados de
127			outros países já na amazônia, pessoal da () pessoal
128			do exército peruano. Né? no meu guerra na selva eu
129			fiz com tinha americano, mexicano, francês, tinha tudo
130			quanto era gente lá. Ei tinha nove estrangeiros no meu
131			curso. Aí a gente conta as experiências aqui, até pra
132			eles se motivarem né? que o soldado brasileiro É
133			diferente, TEM uma capacidade de: de >vamos dizer
134			assim< como é que o americano, ele tem todos os
135			materiais pra fazer as coisas, como é que a gente não
136			tem e faz as mesmas coisas? porque a gente se vira, a
137			gente dá um jeito, a gente consegue, a gente tem
138			iniciativa,tem criatividade, tem vontade de fazer. E
139			eles, eles é assimilam isso. que a gente pó, tem
140			essa capacidade. Quando a gente fala "se vira negão",
141			então "se vira nos trinta", ou então "enquanto o mundo
142			gira o pqd se vira", manda ele fazer um negócio, paga

143		uma missão à garcia, "ó, se vira, negão, vai arrumar esse negócio"
144	D	Humhum
145	M	E ele se vira e dão o jeito deles. A gente fala "não
146		falei que você ia conseguir? Eu sabia que tu era
147		capaz". Ai ele pó, ele assimila que ele tem capacidade
148		de de fazer o impossível, de fazer aquilo que parece
149		que não vai conseguir mas por ele ser brasile:iro, às
150		vezes a gente puxa pro lado de, não, porque ele é pqd,
151		né? muito menos porque ele é brasileiro. Mas tem
152	D	Humhum
153	M	Mas tem oportunidade que a gente compara isso. a gente
154		compara, com o exército de outros países. A gente fala
155	D	E isso vai sendo nutrido nele e também no oficial
156		também né?
157	M	é

ANEXO 5

Transcrição da entrevista com Capitão Vagner

D = Cap Daniela

V = Cap Vagner

00:03:05 – 00:06:31

((eu inicio a entrevista observando os brevês que o Cap Vagner traz em sua farda: pára-queda, mestre de salto, caçador, educação física))

1	V		eu estou bem satisfeito assim. não pretendo mais fazer
2			curso de especialização. o ano que vem eu tô indo ser
3			instrutor do do curso de educação física e o máximo
4			que eu queria fazer era lá: era uma pós-graduação e um
5			mestrado na área de educação física
6	D		humhum
7	V		pra estar mais adequado com a minha área de tiro, né?
8	D		sei
9	V		de tiro desportivo
10	D		e tem muitos estudos né? tem lá o ipcfex ((Instituto
11			de Pesquisa e Capacitação Física do Exército))
12	V		ipcfex, é. e eu vou ser instrutor de tiro da escola de
13			educação física.
14	D		ah bacana
15	V		da parte desportiva
16	D		humhum
17	V		o próximo curso que eu pretendo fazer agora, já que eu
18			já tô assim com uma certa idade. agora, são os cursos,
19			voltados para a área de ensino, né?
20	D		certo
21	V		tô querendo fazer o mestrado ou a pós, o ano que vem
22	D		humhum
23	V		começar de novo.
24	D		e você quer fazer em que? você pensa em que?
25	V		eu quero fazer em em em na educação física.
26	D		dentro da área de educação física
27	V		eu já tenho até mais ou menos o tema de monografi:a,
28			já tá acertado com...
29	D		e sempre com essa parte de de de da [preparação
30			fí:sica?
31	V		[da preparação
32			física voltada pro pro rendimento do tiro
33	D		ah sim?
34	V		minha carreira toda eu tô voltando, eu tô focando pra
35			isso. todos os estudos que eu fiz, até a a própria::
36			monografia de término de curso da de da esefex
37			((Escola de Educação Física do Exército)), eu fiz é:
38			sobre é: exercício isométrico pra diminuição do arco
39			de movimento
40	D		humhum
41	V		do tiro, do tiro esportivo e de combate
42	D		sei
43	V		é: a minha tese de monografia da esao ((Escola de
44			Aperfeiçoamento de Oficiais)) foi caçador no combate:,
45			no combate regular.
46	D		humhum
47	V		aí foi uma especialização que eu tive a oportunidade
48			de fazer na aman ((Academia Militar das Agulhas

49			Negras)). consegui me formar caçador e agora tô trabalhando, tô gostando muito e trabalhando nessa área.
50			
51			
52	D		sei. então a questão do ↑tiro, tá sempre muito próxima...
53			
54	V		é
55	D		da questão é é da atividade fí:sica, e do comba:te. como é que você vê junto, tiro e pára-queda?
56			
57	V		bom, eu acho que: é é o tiro é tão importante pra tropa pára-quadista, >ou pra qualquer tropa<, né? só que aqui é visto com muito ma::is importância? porque a tropa pára-quadista ela tá normalmente em em muito mais próximo a atuações reais
58			
59			
60			
61			
62	D		hum hum
63	V		então aí a gente:, aqui na brigada é um costume da gente dar ↑muita importância ao treinamento de tiro. então é o local adequado aonde eu aonde eu eu ↑me encontrei, pra eu conseguir trabalhar ↑nessa área
64			
65			
66			
67	D		e você, trabalhou nessa área aqui? você teve a oportunidade?
68			
69	V		é. em dois mil e cinco eu eu desenvolvi o estágio de atirador de skol do vinte e cinco
70			
71	D		hum hum
72	V		que a gente preparava os cabos, é é estabilizados pra atirar com fal ((fuzil automático leve)) com luneta, e até tiveram bastante sucesso na na na providê:ncia ((refere-se ao Morro da Providência no Rio de Janeiro)), naquela operação abafa.
73			
74			
75			
76			
77	D		humhum
78	V		esse ano eu tô trabalhando ↑com a equipe de caçadores e até mobiliando, agora no chapéu mangueira, com atuação real, e, e e pesquisando nessa área assim tentando, me aprofundar.
79			
80			
81			
82	D		bacana
83	V		e no final do ano ↑talvez, é, me me dobrem de função né? eu vou ficar de professor de educação física na escola e aqui no stand de tiro no panamericano.
84			
85			
86	D		sei
87	V		então, e lá vai ter a escola de caçador, então eu tô me animando por isso, né? é chato por tá longe da praia [mas eu vou estar perto do caçadores
88			
89			
90	D		[humhum
91	V		tá bom pra caramba ((risos))
92	D		((risos))

00:22:12 – 00:24:52

protejendo alguém, isso é TUDO pra gente né? é o que torna a gente mais ↑útil

1	V		as fotos da de das atividades da briga:da e as fotos reais também, que eu gosto muito de recordar, assim, ah, as missões, [as missões que nós
2			
3			
4	D		[ah, então? >eu ia te perguntar disso<
5			as missões reais que você: já participou, é, podia me falar de alguma? Situação [que você viveu?
6			
7	V		[ah, a operação paraopebas,
8			que nós fomos pra lá pra pra: fazer um cerco da cidade de paraopebas, que o movimento dos sem-terra tava indo lá uma operação presença de grande vu:lto
9			
10			

11	D		o que você vivenciou lá que te marcou?
12	V		não, eu fui, [é de você é de você
13	D		[qual foi sua função lá?
14	V		eu tava comandando, eu fui pra ser o oficial de
15			comunicações do batalhão e acabei que: teve uma chuva
16			no dia, nós não conseguimos () pelo batalhão, e eu
17			acabei sendo o comandante de uma de um dos pelotões
18	D		sei
19	V		eu era tenente na época. aí acho que é essa, é você
20			realmente se sentir útil, você ver que o soldado ↑tá
21			com munição real, você vê que você ↑tá fazendo uma
22			coisa pra sociedade, você ↑tá barrando, protegendo
23			alguém, isso é TUDO pra gente né?
24	D		aí vem a recompensa? o sentimento de recompensa é aí?
25	V		BASTANTE. [é aí, TÁ AÍ
26	D		[nesses momentos?
27	V		é, é o que: eu não tenho lá fora, assim. eu não
28			consegui achar isso, não eu consegui, como instrutor
29			da aman ((Academia Militar das Agulhas Negras)) eu não
30			consegui achar ta:nto isso como tem aqui, essas
31			emoções
32	D		sei

1	V		a recompensa aqui ela: ela acontece muito mais, tipo:
2			chapéu mangueira, agora, a gente foi subir pra fazer a
3			proteção da da ladeira do é:me. Então,
4	D		quando foi essa operação do chapéu mangueira?
5	V		não, sei... em junho
6	D		desse ano?
7	V		foi
8	D		e aí? Qual foi tua função nessa operação?
9	V		foi, eu fui como caçador ((atirador de elite)), eu
10			passei em apoio ao bg, batalhão de guardas
11	D		sei
12	V		que eles tavam "né?"
13	D		hum?
14	V		teve uma situação e a gente passou à disposição de lá,
15	D		humhum
16	V		então isso é muito gratificante, assim. essas
17			situações são muito, gratificantes, eu gosto demais
18			assim
19	D		sei
20	V		acho que a razão pra você, estar treinando os soldados
21			é essa, são esses momentos
22	D		humhum
23	V		é o que torna a gente mais ↑útil.
24	D		certo
25			

00:24:55 – 00:27:00

1	D		então, você ta falando em ser ú:til. você percebe
2			ne:ssa, nessa sua profissão, você experimenta <o
3			sentimento profundo de nacionalidade? nesse, desse
4			jeito que você tá falando?
5	V		eu acho [que qualquer
6	D		[você se sente na frente do seu país, de

7			alguma forma?
8	V		eu acho que qualquer um que que que é capaz de dar a
9			vida, pela sua: pelo seu país né? que jura a bandeira,
10			eu acho que ↑sente isso. e ele, só que alguns só
11			conseguem, é: sentir? as conseqüências desse
12			juramento, quando eles são, quando a vida deles
13			realmente, é colocada em risco né?
14	D		humhum
15	V		e eu acho que, a atividade aeroterrestre ajuda isso
16			também né? porque você é é constantemente ta botando
17			sua vida em risco.
18	D		quando você jurou a bandeira que é "defenderei com a
19			[sacrifício da própria vida"
20	V		[É: da própria vida e:
21	D		você percebe isso sempre [nas atividades suas?diárias?
22	V		[SEMPRE, sempre. é, por que?
23			pela atividade aeroterrestre ser real. pela pela nossa
24			disponibilidade de ser acionado a qualquer momento
25			aqui no vinte e seis. é, eu nem sentia ↑tanto, é, no
26			vinte e cinco, quando eu servi lá. eu sinto mais isso
27			AQUI. porque aqui realmente o batalhão tá todo pronto.
28			em quarenta e oito horas a gente tá partindo. então, é
29			é aqui é muito ma:is, até , muito mais evidente do que
30			no vinte e cinco que que o vinte e cinco tem uma uma ,
31			ele é mais vocacionado pra parte de formação de
32			soldados
33	D		Formação
34	V		que é uma coisa histórica, né? agora todos os
35			batalhões tem a mesma quantidade de soldados, mas
36			historicamente o vinte e cinco era de formação, o
37			vinte e seis era: eram TODOS profissionais e o vinte e
38			sete é aquele meio termo

00:33:30 – 00:38:35 A sorte acompanha os audazes

1	V		nós temos <um jeito>, de fazer a coisa. que é? ...
2			resolvendo a situação na primeira hora que que que
3			possa resolver.
4	D		Humhum
5	V		e partindo pra cima. como? dentro daquela: pô, o salto
6			é isso. o salto é o movimento vertical. você você não
7			tem se envolver,
8	D		Hum
9	V		vindo de cima,então é uma coisa agressiva, uma coisa
10			que vai direto ao ponto. as os outros tipos de
11			manobra? são manobras i:ndiretas e vão chega:ndo. a
12			nossa NÃO, já: pega todo mundo, embarca, lança lá no
13			país inimigo e dane-se. a partir daí você que se vire
14			pra viver. então essa personalidade de sobrevivência?
15			é é faz parte da da mentalidade pára-quedista. e as
16			ações, as operações, que são desenvolvidas por essas
17			pessoas, com esse tipo de personalidade são
18			diferentes.
19	D		Humhum
20	V		a gente na esao ((Escola de Aperfeiçoamento de
21			Oficiais)) a gente sofre muito, assim. o pára-quedista
22			sofre muito, por você ta ali fazendo operações é é,
23			planejamentos pouco agressivos e você viveu a vida
24			toda, fazendo planejamentos ... quase que suicidas,
25			assim

26	D		Sei
27	V		uma coisa mais, um pouquinho, é: não é suicida, não
28			digo suicida porque ninguém é maluco. todo mundo tem
29			medo
30	D		metaforicamente só, né?
31	V		é metaforicamente. é: você, tem uma: uma linha de
32			pensamento. você é mais audaz.
33	D		é, é, porque o [risco é eminente, né?
34	V		[eu acho, é é. você, por isso, por você
35			estar envolvido com isso, você se torna mais audaz.
36			você: conta um pouquinho mais com com a sorte, com a
37			[sorte natural
38	D		["a sorte acompanha os audazes"? isso acontece?
39	V		É, é por ai. acontece. é exatamente isso. "a sorte
40			acompanha ou audazes" por que? você consegue ousar um
41			pouco mais, e realmente ah ah a diferença entre o
42			herói e o idiota tá na no nível de ousadia deles. só o
43			o audaz consegue ser herói ou idiota. que o outro vai
44			ser mediano pro resto da vida.
45	D		Sei
46	V		né? então é aquele negócio. às vezes pode até
47			acontecer de uma de uma operação mal sucedida você
48			virar o idiota. mas só o audaz conseguiria isso.
49	D		Humhum
50	V		o cara que é o ramibola ali, o mediano? ele nunca vai
51			conseguir, ser o herói.
52	D		sem ousar ele não vai conseguir
53	V		então é mais ou menos esse espírito. e é o espírito
54			que, que é o que envolve a mística pára-quedaista. que
55			é desenvolvido pela atividade aeroterrestre, que é
56			cultuado na brigada.
57	D		a imagem do herói tá cercando isso? você citou o
58			herói. o que é o herói pra você? você tem algum
59			exemplo?
60	V		o herói é o audaz pra mim. o herói é o audaz bem
61			sucedido...
62	D		é um acaso?
63	V		é né? "tudo na vida é um acaso", né?
64	D		hum?
65	V		Tudo
66	D		é sorte? Ser herói é sorte? ["a sorte acompanha os
67			audazes"?
68	V		[não não. eu acredito que
69			a sorte? nada mais é que o encontro do preparo com a
70			oportunidade. né? então você nunca consegue se:r, se
71			você for audaz, e incapaz? você sempre vai ser um
72			idiota.
73	D		Humhum
74	V		se você conseguir, unir, a sua audácia, ao preparo e à
75			oportunidade de ser um herói? você vai ser um herói.
76			você, até você aumenta a sua: probabilidade de ser um
77			herói.
78	D		por exemplo, aqui na brigada vocês usam ↑muito aquela
79			farda que foi apelidada de eterno herói. ainda tem
80			isso? ainda é isso? é aquela [como se fosse o terceiro
81			d um, só que é co:m
82	V		[é. tem tem. é que é o
83			homem bala do pé preto e a gente é o eterno herói. mas
84			o eterno herói? é é faz parte da ↑mística. faz parte

85			das do culto às nossas tradições. mas não que a gente
86			se ache um eterno herói. Não
87	D		Humhum
88	V		é porque [a nossa
89	D		[é um apelido que deram pra farda, né? mas
90			esse herói ta por traz de alguma forma, [a figura do
91			herói.
92	V		[com certeza.
93			a figura do herói, é é o que , o eterno heró:i, esse
94			culto ao heroísmo, esse culto a a você tentar sempre
95			dar o melhor e dar o algo a mais. o próprio lema do
96			batalhão é o chivunk. o chivunk o que que é? quando
97			chega no final você ainda tem o chivunk, o algo a mais
98			pra você dar. então o culto a isso tudo? é é é o que
99			faz o que que sustenta a mística, né?
100	D		Humhum
101	V		que é aquele negócio que o pessoal fala, "é fácil
102			colocar a marra, é fácil você achar que você é o
103			herói, mas difícil é sustentar essa
104	D		Mostrar que é
105	V		é, então, então, isso tudo é o que faz a gente
106			treina:r, que faz a gente se preparar realmente com
107			com o comba:te,então
108	D		Humhum
109	V		isso que vai moldando a a a personalidade mesmo né? da
110			do militar

00:48:00 – 00:51:00

((Cap Vagner introduz espontaneamente o assunto da oração do pára-quedista))

1	V		tem a oração do pára-quedista, que:
2	D		ah, então hoje eu já conversei sobre a oração com o
3			coronel e com o major, né?
4	V		Humhum
5	D		é: "senhor" né? "senhor" ["daí-me senhor meu deus o
6			que vos resta, aquilo que ninguém mais vos pede..."
7	V		["daí-me senhor meu deus o
8			que vos resta"
9	D		"não vos peço"
10	V		"nem o repouso nem a tranqüilidade"
11	D		"nem o repouso nem a tranqüilidade"
12	V		isso, isso
13	D		então, o que você podia falar sobre isso. isso foi um
14			ponto que eu levantei nas outras falas
15	V		isso, isso é um, é o que retrata. eu acho que isso tem
16			uma influência muito grande, assim, dentro
17	D		em que momento essa oração é entoada?
18	V		em todo, em todo o momento. toda formatura importante
19			ela é entoada
20	D		sei. é?
21	V		isso ajuda a moldar esse espírito da tropa pára-
22			quedista. porque realmente é, mexe é: um pouco mais
23			com a emoção, né?
24	D		e é uma coisa
25	V		por você estar entoando a religiosidade
26	D		tá chamando a religiosidade
27	V		você, você unindo a religiosidade ao a palavras do
28			combate? Você consegue: é: você consegue mexer mais
29			com a emoção e consegue gravar
30	D		que aparentemente é contraditório, não é? você acabou

31			de falar, "chamar a religiosidade e o combate". parece
32			contraditório. como parece contraditório=
33	V		=se você vir no ah, não foi no príncipe não, foi na
34			arte da guerra, mas escrito por maquiavel.
35	D		Sei
36	V		ele fala assim, ele é: diz que <não existe pessoa mais
37			religiosa, do que os militares>. porque é: <não existe
38			pessoa mais religiosa é: que é: do que o militar
39			porque ele se expõe tanto ao perigo que ele ta muito
40			mais próximo a deus que qualquer um. Então é aquele
41			negócio, todas as vezes que eu orei assim =
42	D		= é porque ele tá mais próximo da morte também? morte
43			e deus também tá perto?
44	V		É. não porque, pode ver, a hora que você vai rezar,
45			com, que você sabe que a reza vem lá do coração
46			realmente é quando você ta na "merda". tipo, numa
47			igreja, todo mundo falando, não sei que, você não
48			reza assim com a fé, com a fé. você reza pra você
49			subir o morro e voltar vivo. é diferente.

ANEXO 7

Transcrição da entrevista com Tenente Coronel Ermínio

MD – Maj Daniela

CE – TC Ermínio

00:11:09 - 00:20:30

1	MD	é: nessas missões que o senhor teve oportunidade de ir
2		e no dia-a-dia no quartel, o que o senhor poderia me
3		contar sobre é:: agressividade no combate, sobre
4		experimentar o sentimento mais profundo de
5		nacionalidade, sobre espírito de sacrificio, ahh o
6		espírito de corpo, companheirismo... eu tenho
7		percebido isso no discurso das pessoas com quem eu
8		tenho conversado e também nos documentos que eu tenho
9		lido... quer dizer, não tá só no papel, eu tenho visto
10		na fala das pessoas também =
11	CE	= é, bacana isso. é: eu vou resumir isso tudo que você
12		falou numa operação. então o ano passado, em março,
13		início de março, eu assumi o 26 em janeiro. um mês
14		após, nós estávamos sendo empregados naquela operação
15		para recuperar armamento que foi subtraído do ECT =
16	MD	= certo
17	CE	operação abafa. então nós inicialmente fomos para o
18		complexo do alemão, que é um ambiente:: >bastante
19		difícil<. e foi pra lá que o 26 foi. o 25 foi
20		empregado numa área mais tranqüila, um pouquinho, e o
21		27 ficou em reserva. então nós ficamos oito dias
22		↑direto, no complexo do alemão. tomamos uma
23		iniciativa. apresentamos para o comandante da brigada.
24		isso tudo discutido com o estado maior. é:: a
25		iniciativa foi a seguinte. a ordem era permanecer no
26		asfalto, e nós visualizamos ali, numa parte plana da
27		favela, uma operaçãozinha somente de vasculhamento nas
28		vias públicas, pra testarmos o ↑comando e controle.
29	MD	hum
30	CE	e o soldado se sentir ... seguro... entrando numa
31		favela...é:: então foi planejada essa operação e já
32		isso o S3, oficial de operações planejando, essa que
33		seria uma operação futura. pra execução, o ajunto
34		dele, do oficial de operações, é que ficou
35		responsável. e aí o E3 passou a planejar em outra área
36		que nós verificamos que era uma rua ↑muito
37		importa:nte, com algumas retençõ:es =
38	MD	=hum
39	CE	(trilha), essa coisa toda ... e então eu já pude
40		observar ali já no estado maior que eu mal conhecia,
41		havia apenas um mês, né, de batalhão ... e eles tinham
42		esse espírito de: de: é de ↑GRUPO >trabalhar em grupo<
43		eles tinham... bastante MOTIVADOS, muito embora,
44		estivessem ali numa missão um pouco complicada, era um
45		ponto de honra para o exército recuperar o armamento,
46		então... é: a ↑TROPA estava muito ansiosa em
47	MD	[cumprir a missão?
48	CE	[em TER SUCESSO
49	MD	hum hum
50	CE	a gente ↑VIA isso. pois bem, então, nessa outra

51		operação surgiu um informe, e eu consultei o general
52		se eu podia, >essa primeira tava autorizada< ... após
53		receber o planejamento ele autorizou. †e aí surgiu um
54		informe MUITO é QUENTE, em relação ao ... esconderijo
55		dessas armas. mas era † LÁ em cima
56	MD	certo
57	CE	[na área deles
58	MD	[tinha que subir lá em cima
59	CE	aí o general me disse, NÃ:O, essa aí você ainda não
60		planejou. eu falei JÁ sim senhor... vou mostrar. aí
61		f:ui, mostre:i, aí ele disse, ficou um pouco
62		preocupado, mas †CONFIOU, acho que no... CABEDAL de
63		conhecimento que ele sabia:: ((está falando do seu
64		próprio conhecimento tático-operacional)) eu fiz uma
65		palestra sobre o emprego lá no haiti... e também no
66		que ele já conhecia aqui do batalhão... então foi
67		confiança NA TROPA mesmo. então, resultado... ao subir
68		o complexo do alemão ô daniela, aconteceu o seguinte.
69		houve disparo da:: daquela força adversa contra a
70		tropa, um disparo ... a tropa ... não revidou...
71		seguiu as orientações... então eu tenho o seguinte
72		modus operanti, a tropa que vai ser empregada, vai pro
73		campo de futebol...eu digo pro pessoal sentar e
74		explico direitinho como é que vão ser as regras do
75		engajamento...pra que eles fiquem confiantes. †e eu
76		PERCEBI NESSE ATO, já estavam lá em cima, tinham
77		alguns usando crianças como escudo =
78	MD	= olha
79	CE	e ... dispararam, não foi possível identificar ...é:
80		esse elemento que disparou. >mas a tropa também em
81		contrapartida< não reagiu, o tiro que a gente chama
82		tiro de fração, que é o GC, o pelotão ... atirando a
83		esmo
84	MD	hum hum
85	CE	pelo risco do:: ... de haver algum efeito colateral
86		né? atingir um inocente
87	MD	hum hum
88	CE	então eu pude perceber que HÁ essa LIGAÇÃO ali do
89		sargento com os cabos e soldados ... no seu GC ... não
90		são apenas palavras ao vento. é o que acontece com
91		RISCO DE VIDA... risco né? de PERDER A VIDA ... risco
92		de morte né? que agora ta na moda
93	MD	é é
94	CE	então aí resultado...a gente fica bastante orgulhoso
95		de ver que é realmente CORAGEM TEM. >o pára-quedista
96		já tem a coragem né?< é:: é dele, é inato, eu acredito
97		que é inato, ele quer ser pára-quedista ele já sabe..
98		ele TEM a coragem... mas... fazer com que isso aí se
99		mantenha numa situação de ALTO RISCO ... que o
100		†complexo do alemão é FAMOSÍSSIMO, né? tem lá o
101		comando vermelho e é a base né? é onde tem a maior
102		base deles ... e foi bastante interessante verificar
103		isso aí na tropa ... o tiro pegou entre um praça e um
104		oficial ... e eles se mantiveram tranqüilos ... os
105		atiradores de skol viram ... um outro alvo ... tava
106		armado... mas tinham algumas crianças ali do lado
107		...perguntaram se poderiam atirar ... eu cheguei
108		próximo ... observei e tava um tiro de risco. então eu
109		acredito que a força adversa NÃO ofereceu resistência
110		por causa DA MONOBRA QUE NÓS FIZEMOS. fizemos uma
111		manobra interessante, com esse aprendizado todo do

112		haiti ... eu tinha muita gente o ano passado ainda
113		daquela companhia que tinha operado lá... e::: então
114		eu acho que eles ficaram ... INTIMIDADOS né? pelo que
115		a tropa fez. †o comandante da companhia de precursores
116		estava no helicóptero que eu havia solicitado pra
117		facilitar o comando e controle † a progressão,
118		coordenar ... e ele de helicóptero elogiou MUITO a
119		tropa ... que eu estava lá no chão, não tinha como
120	MD	hum hum, ele tava observando de um [outro ângulo
121	CE	[É CONTATO RÁDIO e
122		aí em determinado ponto as companhias lançavam
123		fulmígeno e eu via ... então eu sabia que eles estavam
124		em determinado ponto, agora como eles estavam fazendo
125		a progressão ele viu do helicóptero, infelizmente não
126		filmamos, eu esqueci desse detalhe, não ficou
127		registrada a imagem
128	MD	mas vai ficar registrado agora linguisticamente numa
129		tese de doutorado
130	CE	ah:: bom muito bom, ta vendo? uma oportunidade ímpar
131		essa, e::: ao retornar depois desses oito dias,
132		continuamos recebendo, tivemos descanso de um dia e
133		meio, e recebemos outras três missões, e no campo de
134		futebol ... é::: alguns me faziam algumas perguntas e
135		deu pra sentir realmente que a tropa é é muito unida,
136		por força do treinamento físico que é feito junto
137	MD	é cria um LAÇO não é?
138	CE	cria um cria cria
139	MD	Eles me falaram também nas entrevistas um outro ponto
140		que os torna ainda mais unidos é a questão de estarem
141		saltando juntos, na hora de um inspecionar o pára-
142		quedas do outro, você vai inspecionar o de alguém que
143		não ta nem vendo né? a parte do equipamento atrás e o
144		outro vai inspecionar o seu?
145	CE	[exatamente
146	MD	[você se entregar na mão do outro também
147	CE	aqui essa coisa aí é assim

00:20:35 - 00:02:20

1	MD	por tocar nesse assunto, "ele nunca tá só", eu tenho
2		percebido também nessas conversas que ... apesar desse
3		discurso tão corajoso, tão fir-, ou melhor, não
4		apesar, mas ao par desse discurso tão corajoso, tão
5		firme, existe um discurso de espiritualida:de assim
6		por trás né? inclusive, a oração do pára-quedista,
7		†daí-me senhor meu deus o que vos resta, aquilo que
8		ninguém mais vos pede ... isso, o senhor observa no
9		dia-a-dia, do batalhão, essa essa oração ela tá no
10		sangue do guerreiro aqui?, é: eles vivenciam isso?
11		existe esta questão da espiritualidade no dia-a-dia
12		deles?
13	CE	= é: como eu estou afastado dos cabos e soldados ...
14		do sargento assim, sou o comandante né? os contatos
15		que eu tenho são nos treinamentos físicos e nas
16		operações e quando eu vou verificar algum exercício,
17		alguma instrução ... então é lógico que quando o
18		comandante se aproxima eles procuram evidenciar
19		algumas coisas
20	MD	hum hum

21	CE	mas hoje mesmo eu chamei atenção pra esse o aspecto do
22		treinamento ↑físico ... como as nossas subunidades são
23		diferentes das demais ((está comparando as subunidades
24		do 26 com as de outros batalhões paraquedistas)) ,
25		então você vê nitidamente ((telefone toca, corte na
26		gravação))
27	MD	ok ((gravação é retomada)) 00:00:00 -
28	CE	então, o que:: eu chamei atenção para alguns capitães
29		que estavam treinando hoje:: comigo ali, no tfm... que
30		as companhias, você vê a vibração, às vezes eles não
31		me vêem, não vêem outros capitães, e já saem vibrando
32		e com esse... é... com esse ↑ESPÍRITO dessas palavras,
33		desses termos que são ditos na nossa oração, e é
34		mu:ito, >é da carreira militar também< que o
35		treinamento árduo e difícil é que vai conduzir aquela
36		tropa ao sucesso mais é: facilitado. então a gente
37		nota isso aqui. >mas é mais do pára-quedista, não é só
38		do vinte e seis<. agora, comparando, a MINHA tropa, a
39		tropa aqui do vinte e seis com com os demais ... a
40		gente vê que tem uma vibração um pouquinho diferente
41	MD	hum hum
42	CE	por esse orgulho que a gente... busca estimular no
43		dia-a-dia =
44	MD	= é, mas eles pedem a TORMENTA nessa oração, daí-me a
45		torme::nta... mas daí-me também, no final, a força ...
46		[a coragem e a fé
47	CE	[a coragem e a fé ... é ... isso é engraçado viu,
48		daniela, porque:: a tormenta, a inquietação ...
49		↑>alguns viveram mesmo<
50	MD	Hum hum
51	CE	eu digo, essa missão no haiti: nós chegamos lá numa
52		situação bastante complicada ... o segundo contingente
53		estava vivendo aí uma reação muito ↑violenta das
54		gangues. houve uma fuga de trezentos bandidos de uma
55		vez só, e de março até maio quando nós retornamos pra
56		lá, março foi o reconhecimento, isso tava, realmente
57		cada patrulha que saía sofria emboscada, tiro, aí, a
58		partir do momento que a gente foi resolvendo o
59		problema, a coisa ficou mais tranquila. então ESSE
60		<pessoal que chegou> conhece exatamente o que é dito
61		na oração. os que não conhecem, eu tenho certeza que
62		não vão ficar com medo na hora. medo fica, mas cumpre
63		exatamente o que tá sendo dito
64	MD	hum hum
65	CE	né: é o que tem que ser feito mesmo, por força dessa
66		disseminação, da tradição. ↑nós temos histórias desde
67		caxias de sucesso. e isso em algumas instruções de
68		quadro também é repassa:do, então acho que é UM TODO
69	MD	certo
70	CE	correspondendo a esse espírito

00:02:16

Texto: "A recompensa é de foro íntimo" Cel Ermínio 3

1	MD	e, assim, pensando na RECOMPENSA disso tudo? onde é
2		que ele se sente recompensado? de onde vem .. é é ...
3		porque eu penso que nenhum ser humano consegue ↑ SÓ

4		<mastigar um lado a-ze-do> e e não ter nada
5		recompensando aquilo. pô mas eu vejo que ele ↑quer
6		continuar, ele ↑tá a fim, ele quer servir aqui depois
7		como capitão, e depois ele quer voltar como major, e
8		depois e se possível ele não quer nunca sair.
9	CE	hum
10	MD	de onde que vem essa recompensa pra realimentar isso?
11	CE	é ... é o dia-a-dia né? bom, eu imagino que seja o
12		seguinte. é, a MINHA RECOMPENSA é que eu tô numa
13		função de comando... então, poxa, quanto mais exigirem
14		dele, claro. melhor vai ser essa fase aí do meu
15		comando. mas ... eu acho que a recompensa é de foro
16		íntimo. sabe, quando você conversa, e e, confessa
17		prum amigo que você superou uma dificuldade ...
18		operacional, e se sentiu bem, que estava melhor que o
19		outro companheiro do lado, etc, isso daí traz uma: um
20		ORGULHO PRÓPRIO muito grande. acho que é inerente aí::
21		ao ser humano mesmo. do meu parco conhecimento aí,
22		desse, na nossa ↑evolução? que os guerreiros contavam
23		né? como é que tinha sido o comba:te, até como tinha
24		elimina:do, como tinha né? alguém que o socorreu num
25		momento de dificuldade, e ele sentir orgulho daquilo
26		... o companheiro ter se ARRISCADO, num momento ali e
27		e ter ficado lado-a-lado
28	MD	são as glórias da vitória né?
29	CE	[É::
30	MD	acho que isso deve mexer ↑muito com com A GENTE com
31		com o ser humano mesmo
32	CE	é é, eu acho que essa coisa é meio do orgulho, de você
33		superar as dificuldades. e como aqui no vinte e seis
34		as dificuldades são maiores, daniela, que nos outros
35		batalhões, por força da QUANTIDADE de missões. a gente
36		recebe muita missão, e atualmente estamos com duas,
37		cumprindo missão pra duas brigadas, a nona brigada e a
38		pára-quedista e ainda mais nós nos mantemos na ação
39		principal da brigada. então acho que isso aí, acho que
40		nos deixa com muito orgulho. daí quando a gente sai da
41		brigada é que a gente tem noção disso aí
42	MD	sei
43	CE	porque aí:: você chega com o seu boot e o seu brevê
44		pra se apresenta::r, É DIFERE::NTE
45	MD	certo
46	CE	é diferente. os demais militares do exército, eles
47		RECONHECEM isso aí na gente.
48	MD	sim, e o senhor acha que essa MÍSTICA pára-quedista
49		realmente está materializada no brevê prateado, no
50		boot marrom e na boina bordô? isso fica estampado de
51		alguma forma ou fica brilhando ali naquele brevê?
52	CE	FICA, é é o seguinte. esses são os elementos visuais
53	MD	certo
54	CE	Mas na hora que um pára-quedista começa a falar sobre
55		a <sua a-ti-vi-da-de> ... numa reunião social ... isso
56		faz uma diferença, porque ele ↑ fala de coração ... eu
57		acho que isso aí é que marca mais

00:20:00

Cel Emílio 4

Texto: "O pára-quedista que se recusar a saltar tá crucificado"

1	MD	coronel, não quero tomar mais o seu tempo, mas uma
2		última pergunta aqui. é... existem † estíguas assim,
3		coisas que, características e qualidades que um pqd
4		não pode ter? que ele fica estigmatiza:do se ele se
5		comportar de um jeito ou de outro? ou se ele fizer uma
6		coisa ou outra? existe algum código de honra, que tem
7		que ser respeitado, ainda que veladamente, mas alguma
8		coisa “!pô, esse cara aí não PODE, NÃO DÁ”
9	CE	é... olha aqui é o seguinte. o pára-quedista que se
10		recusar a saltar ele tá <crucifica::do>
11	MD	hum hum
12	CE	se recusar a saltar ... está implícito que ele perdeu
13		a CORAGEM ... mesmo que ele tenha outras motivações
14		... uma outra coisa que o pára-quedista busca é não,
15		não ficar machucado muito † tempo
16	MD	sim
17	CE	porque:: o retira de atividade de salto, de
18		treinamento físico, que são muito importantes pra ...
19		esse espírito de grupo ... para o desenvolvimento da
20		liderança, da chefia e da liderança, né, então a
21		gente: percebe isso aí ... que mais? ... talvez o
22		nervosismo, ao estar ... conduzindo a sua fração ou
23		uma equipe em uma determinada tarefa, isso talvez
24		comprometa um pouquinho ali a LIDERANÇA daquele CHEFE
25		MILITAR, mesmo o cabo na função de cabo da guarda ou o
26		cabo de GC né? do grupo de combate tendo que subir aí
27		[uma fave::la
28	MD	[seria o controle emocional? então ele tem que tá
29		sempre gerenciando isso
30	CE	é, † passar a confiança. porque às vezes a pessoa tem
31		ali o controle, mas é pra si. ele não sabe passar isso
32	MD	tem que † transparecer então
33	CE	tem que transparecer é... MUITO BEM. não basta SER,
34		[tem que parecer ser
35	MD	[tem que parecer ser
36	CE	aquilo, pro † outro, ele tem que passar, tem que
37		convencer, pelas ações dele. eu acho que é isso... e
38		também uma coisa que a gente VÊ. uma falha de carater
39		°não pode ter° ... ah é:: o compromisso ali com a
40		verda:de e tal, mesmo que isso † lhe doa.
41	MD	hum hum
42	CE	† falar. compromisso moral aí com a tropa. acho que se
43		cometer algum desses três erros aí:, fica difícil pra
44		se levantar de novo como um líder e:: comandar aquela
45		[fração
46	MD	[e ser admirado, ser respeitado né? obedecido
47	CE	É MUITO IMPORTANTE pra nossa tropa isso aí porque a
48		gente efetivamente corre RISCOS

ANEXO 8

Transcrição da entrevista com Major Firmino

D = Cap Daniela

F = Maj Firmino

00:06:15 – 00:09:22

1	F		((a respeito dos motivos que o levaram a se tornar um pára-quedista do Exército Brasileiro)) o que eu queria
2			era, justamente fazer o que: é, eu imaginava que se
3			fazia aqui na brigada. saltar de pára-quedas, estar
4			sempre junto, com, aquela atividade dentro do avião.
5			isso aí me:, é: sempre me atraiu muito, entendeu?
6			
7	D		o fato de saltar e de de lançar também?
8	F		é: o seguinte, tinha, já na academia ((AMAN)), a
9			verdade é essa. já na academia a gente já via o pára-
10			quedista como um camarada diferente. entendeu? era
11			como se o pára-quedista, ele fosse realmente um LIDER.
12			porque a gente aprende muito isso na academia, né?
13			essa noção LIDER, CHEFIA, né? chefia e liderança. e a
14			gente via o pqd como a EXPRESSÃO DO LIDER. por quê?
15			por que ele tava sempre junto. A gente não via um
16			tenente pára-quedista separado do pelotão dele.
17	D		certo
18	F		você olhava pra um pelotão pára-quedista e sabia "ali
19			no meio tem um comandante de pelotão", diferente de
20			outras tropas que o comandante tava sempre isolado. A
21			gente identificava lá "tá ali o comandante, tá ali a
22			tropa"
23	D		ah sim
24	F		o pqd não, olhava, "cadê o comandante? ele tá ali no
25			meio". então ISSO me fascinava, né? e o fato de chegar
26			de outro lugar. quer dizer a gente podia, a gente
27			podia ir pra qualquer ponto do do brasil, SEMPRE com a
28			nossa fração ali constituída, fazia o que tinha que
29			fazer e ia embora junto.
30	D		hum hum
31	F		↑ e também, é: aquela idéia né? aquela certeza de que
32			o pára-quedista tinha um um preparo físico, uma
33			dedicação à à educação física BEM maior do que os
34			outros,né?
35	D		isso aí tudo era um exemplo, eram exemplos que o
36			senhor já observava [nos pára-quedistas
37	F		[i:sso, ↑desde a academia. desde a
38			academia a gente já tinha essa idéia. e realmente
39			quando eu cheguei aqui na brigada, foi, tudo isso <foi
40			comprovado>
41	D		e é assim que o senhor se sente hoje?
42	F		é. e, e, eu me sinto assim, eu sinto que eu, é:,
43			consegui realizar essa parte profissional, né?
44			consegui me satisfazer aqui no, nessa parte é
45			profissional. é: e eu vi assim que eu cheguei, quando
46			eu cheguei no vinte e cinco. já era tenente, faltavam
47			dois anos pra eu sair capitão, né? então eu tinha sido
48			comandante de pelotão, durante quatro anos, né?...
49			então quando eu cheguei aqui, EU, me senti cobrado
50			nesse lance de liderança. porque realmente aqui, a

51			brigada, toda ela, acho que todas as unidades, acho
52			que ela é uma escola de liderança.
53	D		hum
54	F		então você chega ali, eu lembro que quando eu CHEGUEI
55			no pelotão, eu tinha que tá realmente dentro do
56			pelotão, ali:, os soldados eles te olham de uma
57			maneira, assim, "pô, tudo bem, o cara, ele fez pqd,
58			mas ele tá chegando aqui agora, ele AINDA não É pqd.
59			ele ainda vai ter que MOSTRAR que é pqd. e esse
60			mostrar que é pqd, na verdade, é uma cobrança, que, pô
61			a gente com toda, a lucidez profissional que a gente
62			tem, sabe que a gente não precisa provar nada a
63			ninguém, mas a gente se sente cobrado. e tem que tá
64			realmente junto com o pelotão, tem que mostrar pro
65			pelotão que você realmente SABE fazer a coisa. e você
66			vai tá no campo junto, e aquele negócio todo. você
67			vai ter que estar dentro do avião, e vai ter que
68			demonstrar dentro do avião que você não tá com medo.
69			um monte de coisinha que: hoje você pensa "pô, isso é
70			besteira" mas o camarada TEM que fazer. senão ele NÃO
71			VAI comandar ()

00:09:30 – 00:13:50

O pára-quedista volta revigorado das missões e tem histórias pra contar

você SE SENTIR parte do grupo e sentir que O GRUPO te aceita

aqui você SENTE e não sente sozinho, o GRUPO, sente isso junto.

1	F		eu acho que realmente, atribuir a mística ((da
2			brigada)) a a UM fato só, isolado, NÃO existe. agora,
3			a gente pode né? eu tive na na amazônia,
4	D		sim
5	F		o meu batalhão, ele não tinha tradição nenhuma, ele
6			foi CRIADO lá. mas eu tive, né? fiz o curso de guerra
7			na selva e convivi ali com o pessoal do primeiro bis
8			(batalhão de infantaria de selva), que é uma tropa que
9			eu SEI que eles TENTAM desenvolver a mística. é, então
10			aí eu já acho que é o primeiro ponto errado, porque
11			acho que ninguém aqui na brigada tentou desenvolver
12			mística nenhuma. desde o início da da criação não
13			houve aquela idéia "vamos criar a mística?" não foi.
14	D		foi natural
15	F		ela foi natural. e, essa, naturalidade né? esse esse
16			decorrer aí normal, foi por causa disso. foi por causa
17			de um GOSTAR de estar aqui o tempo todo. entendeu?
18			fazer coisas que... te é, te façam vibrar, que você
19			realmente GOSTE de fazer aquilo ali. né? porque em
20			todos os outros batalhões você faz coisas que você
21			gosta. mas a maior parte do tempo, é, o quadro todo
22			das coisas elas são meio que iguais. tem muito
23			sofrimento, tem muito... lance de ficar fora da
24			família, cansaço físico... e aqui na brigada TEM
25			também, MAS, essas pequenas coisinhas ali, que o
26			camarada ele se sente realizado por poder fazer.
27	D		certo. isso é a recompensa? PODER FAZER, poder cumprir
28			a missão? de onde vem a recompensa que alimenta essa

29			essa mística e essa vontade de continuar aqui? e que
30			alimenta essa vontade de se especializar e fazer
31			outros cursos?
32	F		eu acho que essa recompensa vem, primeiro, de um
33			reconhecimento do grupo. acho que vem dessa parte do
34			reconhecimento do grupo. você SE SENTIR parte do grupo
35			e sentir que O GRUPO te aceita. então eu acho que
36			[inconsciente é mais ou menos isso aí
37	D		[certo
38	F		e, no segundo, é, acho ah ah que a segunda recompensa
39			é você SE SENTIR é, em PAZ com você mesmo, porque
40			qualquer um, qualquer profissional que esteja
41			exercendo a sua profissão, ele precisa no final do dia
42			ou em algum momento da da semana, do mês, ele precisa
43			sentir "bom, EU fui útil naquilo que eu me propus a
44			fazer". e aqui você FAZ isso. né? você sente, em
45			outros lugares você sente também, mas aqui você SENTE
46			e não sente sozinho, o GRUPO, sente isso junto.
47	D		hum hum
48	F		né?
49	D		e o senhor pode me contar um fato que o senhor tenha
50			vivido, vivenciado ISSO? alguma missão, alguma
51			atividade no quartel que venha a sua mente quando a
52			gente fala disso, dessa recompensa de tá com o grupo,
53			de tá se realizando junto. eu acredito que o senhor já
54			deve ter vivido INÚMERAS vezes essa sensação.
55	F		é... eu posso até dar uma generalizada. por exemplo, o
56			fato de você, da gente ir pro campo. então como
57			tenente. né? eu ACHO DIFÍCIL, um camarada que não seja
58			pára-quedista, passar pela experiência que um tenente
59			da brigada aqui passa. então, a tal da cabeça de ponte
60			aérea, nada mais é do que: um salto lá de avião, né?
61			saltar de pára-quedas, ocupar, um determinado local no
62			terreno, e fazer um buraco e ficar dentro do buraco
63			ali. como a gente fazia como era cadete. então o
64			cadete faz isso porque é obrigado. agora, UM OFICIAL,
65			>mesmo o tenente, novinho ali<, eu acho MUITO difícil,
66			°ele fazer isso°. se faz, é uma vez só. aqui na brigada
67			o tempo que ele tiver na brigada, até o coronel agora,
68			ele vai fazer. quando tiver essa operação lá em
69			resende, que é a membeca ((nome da manobra)), <a gente
70			vai ficar no buraco lá de novo> , junto com o
71			comandante, né?
72	D		hum hum
73	F		então isso aí é uma das coisas que você vê todo o
74			grupo fazendo. você faz. toda vez que você vai pra um
75			exercício, você volta, você RALA, você sofre, todo
76			mundo igual, o salto, que é desgastante, marcha, fica
77			lá no buraco, pega chuva, sol, depois volta. quando
78			volta? aí vem aquela recompensa que eu te falei, do
79			grupo. então, o grupo volta, é é, REFORÇADO, ele
80			volta...
81	D		revigorado [daquilo?
82	F		[REVIGORADO, exatamente, volta revigora:do
83			e tem histórias pra contar e o camarada se sente bem
84			por TER, superado aquilo ali. mas principalmente a
85			sensação de não tá sozinho. né?
86	D		hum hum

00:13:50 – 00:17:16

“bom, o que eu tinha na minha vida particular, acabou. agora é MINHA SOBREVIVÊNCIA aqui.

Oração do pára-quedista: o COMBATENTE PERFEITO

1	D		major, eu li e tô pensando a respeito da oração do
2			pára-quedista né?
3	F		É
4	D		“daí-me senhor meu deus o que vos resta, aquilo que
5			ninguém mais vos pede” é:
6	F		isso
7	D		e aí... o pqd, ele pede o que RESTA? ele ah, ele pede
8			a TORMENTA? ele pede o SACRIFÍCIO? ele pede a DOR? e
9			no final tudo bem, ele pede a força, a coragem e a fé
10	F		é
11	D		mas que que pessoa é essa, que combatente é esse, que
12			REZA? pedindo, o que a gente acha que é ruim? ele,
13			ele, por que que ele fa- da onde vem isso?
14	F		é, o histórico dessa oração você conhece, né?
15	D		ela foi encontrada, né? [no bolso
16	F		[foi encontrada. aí eu sempre
17			me pergunto isso aí
18	D		foi encontrada, só pra gente falar. foi encontrada no
19			bolso de um de um [pára-quedista
20	F		[pára-quedista ↑francês,
21	D		francês
22	F		né, aí tava=
23	D		=desconhecido, né? [não me lembro bem
24	F		[isso, é. e no final das contas ele
25			morreu. ele era um pára-quedista e tava lá. o que ouvi
26			um pouco mais à fundo a história é que ele, ele tava
27			justamente naquele momento que antecedia o ATAQUE.
28	D		certo
29	F		então, aí, tentando me transportar pra um momento
30			desse aí, eu acho que o camarada estava num desespero
31			total. né? tipo assim, acho que deve ser, né? não só
32			pra ele como pra qualquer um que esteja em guerra,
33			saber que você vai partir pra, METRALHADORA, BOMBAS,
34			MINAS, né? granada, aquele negócio todo ali, deve ser
35			um negócio, APAVORANTE. então ele devia tá ali num
36			momento, <mais SINISTRO do medo pra qualquer ser
37			humano>. e aí eu acho bacana essa oração porque ele,
38			com todo aquele medo que ele tinha ali, ele ter assim
39			uma: um BRIO próprio de não pedir NADA pra amenizar
40			aquilo ali
41	D		sim
42	F		“não, deixa esse negócio todo pra todo mundo. eu não
43			quero nada disso”. mas ele só queria três coisinhas: a
44			coragem, pra continuar seguindo, a força né? pra
45			chegar até onde tinha que chegar, que certamente devia
46			ser um terreno grande a frente dele ali, e a fé porque
47			né? a ligação dele com com o divino né? mas essa
48			oração, acho que é, ela é válida no momento é: num
49			momento desse assim né? ↑ decisivo. já no dia-a-dia,
50			até muitos colegas contestam né? o pessoal brinca né?
51			“ah, não pediu?”
52	D		se:i
53	F		“não pediu pra sofrer?” né? não sei se é isso que você
54			perguntou mas acho que é é, ela retrata uma certa face
55			do pára-quedista. não o dia-a-dia mas

56	D		sim
57	F		eu acho, que >e também nem o do pára-quedista< , mas o
58			COMBATENTE de VERDADE, eu acho que ele deveria pensar
59			assim, realmente. o cara, eu acho que o cara só vai
60			conseguir se dar bem no combate, se ele pensar: "bom,
61			o que eu tinha na minha vida particular, acabou. agora
62			é MINHA SOBREVIVÊNCIA aqui. e acho que o que o cara
63			precisa pra sobreviver é isso aí mesmo: coragem, força
64			e fé, o resto? tudo na guerra dever ser... assim né?
65			fome, frio, deve ser constante isso aí, saudade. então
66			se o camarada começar a pedir muita coisa boa, né?
67	D		ele vai fugir muito do contexto, vai estar com a
68			cabeça em outro lugar, né?
69	F		eu achei bacana porque ela ((a oração do pára-
70			quedista)) retrata não um lado do pára-quedista, mas
71			um lado do, digamos assim, de um COMBATENTE PERFEITO.
72			o cara tá ali, "não, é agora mesmo e vamos lá"
73	D		hum hum
74	F		mas acabou que sobrou pro pára-quedista, ainda bem
75			((risos))
76	D		((risos))

00:19:50

O vento que sopra no velame do general é o mesmo que sopra no velame do soldado

1	D		que qualidades o senhor evidenciaria como IMPORTANTES
2			num pqd? ... o que tem que ter um pqd? é é, tem coisas
3			que já estão escritas e que eu observo , que eu acho
4			que é assim mesmo. agressividade no comba:te, espírito
5			de naciona:lidade, espírito de co:rpo,
6			companheiri:smo... é: isso? tem algo mais que o senhor
7			percebe que um pqd tem? que não é evidenciado em um
8			outro combatente?
9	F		é, olha só, DENTRO daquela daquela idéia que eu acho
10			que é o principal aqui na brigada, que é, a aceitação
11			DO GRUPO, pára-quedista? porque justamente por causa
12			da mística o camarada já vê o pqd como uma máfia,
13			então dentro dessa idéia dele ser aceito pelo grupo,
14			eu vejo que O GRUPO exige do do do militar aí, do
15			camarada que tá chegando na brigada, os que já estão
16			aqui, primeiro COLABORAÇÃO. o tempo todo. né? até a
17			gente, até um orgulho né? uma coisa que a gente fala
18			muito; "o vento que sopra no velame do general é o
19			mesmo que sopra no velame do soldado"
20	D		°bacana°
21	F		tá entendendo? então colaboração, porque na hora , e
22			isso eu também já vivenciei algumas vezes, né? de você
23			estar sendo arrasta:do ((refere-se ao pára-quedista
24			depois do salto, já aterrado, sendo arrastado pela
25			força do vento em seu pára-quedas)) e às vezes quem
26			vai te salvar ali é um soldado, às vezes é um camarada
27			mais antigo, entendeu? que vai ter que segurar o
28			velame ali pra ele parar de se arrastar, tem horas que
29			você não consegue fazer nada
30	D		por causa do vento? [na hora da aterragem?
31	F		[por causa do vento. exatamente.
32			tem toda uma técnica pra você desvirar, mas a técnica

33		que a gente aprende no treinamento, na área de
34		estágio, é sem mochila:la. sem fuzil. então quando você
35		começa a ser arrastado com mochila e fuzil é meio
36		complicado. aí, então primeiro é isso, é um espírito
37		de colaboração que tem que ter, é: o AMOR, eu diria,
38		eu usaria essa palavra: o AMOR ao preparo físico,
39		entendeu? é lógico que isso aí é essencial em
40		qualquer, militar. eu eu
41	D	sim
42	F	eu sou, né? já tô a algum tempo no exército, então,
43		embora eu tenha realmente, eu reconheço, eu SINTO que
44		a brigada é o lugar onde eu me sinto MAIS à vontade.
45		entendeu? eu posso dizer que aqui é é um lugar que eu
46		me satisfaço MUITO, >já servi em vários lugares< mas,
47		é aqui na brigada que eu me sinto em CASA
48	D	o senhor se encontra aqui.
49	F	é. eu me encontro aqui, eu me sinto em casa aqui. aí,
50		o preparo físico ele é ESSENCIAL pra qualquer militar,
51		qualquer militar. mas aqui na brigada ele tem uma
52		importância ABSURDA. porque o camarada, depois de TUDO
53		que ele tem que fazer até chegar no... pra cumprir
54		missão, que é aterrar. e realmente começar a fazer o
55		que o infante faz normalmente, ele já ta MUITO mais
56		desgastado
57	D	ah sim
58	F	então é o preparo físico, aceitação do grupo, o
59		preparo físico, entendeu? e <a constante superação>.
60		porque saltar do avião, >a verdade é essa<, saltar do
61		avião, saltar de pára-quedas dá medo. entendeu? o
62		camarada ta dentro do avião ali, <ele SENTE medo>. não
63		tem como negar. EU sinto. DEPOIS de um tempo, né?
64		aquele negócio, dá um dispositivo ali que fff ((imita
65		o barulho do vento)) você sai do avião, e pronto.
66		então, eu hoje, eu não sinto mais esse medo, já tenho,
67		né? já tenho algum tempo aí, já tenho. então eu não
68		sinto mais esse medo, mas SEMPRE dentro do avião vem
69		aquela preocupaçãozinha “pô, o se não abrir? vou comandar o
70		reserva °. PRA MIM e pra muitos aqui isso já é normal,
71		eu sei que tem camaradas ali, que eles têm verdadeira
72		FOBIA. e são esses caras aí que eu digo que são os
73		verdadeiros corajosos
74	D	sim
75	F	né? porque eu acho que coragem é a superação do medo.
76		o cara que não tem medo, não pode dizer que tem
77		coragem. mas eu sei que tem muitos. soldado então? tem
78		soldado que tem verdadeira fobia, e ainda assim ele se
79		lança. então é uma renovação daquele reforço. o cara
80		(hhh) no final ele pra ele mesmo vai ta se sentindo
81		“pô, me supere:i” e o grupo vai ta aceitando ele
82		porque ele chegou de pára-quedas e assim vai né?
83	D	muito interessante isso.
84	F	né? são esses três coisas: a colaboração, o preparo
85		físico e a superação do do medo, né?
86	D	o senhor tem algum, alguma lembrança de um fato que o
87		senhor já tenha visto, vivido, passado. é é é com
88		algum soldado, com algum homem que o senhor tava
89		liderando? na hora do salto, alguma coisa que já tenha
90		acontecido que marcou a vida? a sua lembrança? coisas
91		que o senhor se lembra?
92	F	é... é, eu vejo ali, >por exemplo, uma aqui< eu como:

93			auxiliar de de mestre de salto, né? você fica ali na
94			porta do héracles ((nome do avião)), era uma passagem
95			só ((quer dizer que o avião deveria passar apenas uma
96			vez sobre a zona de lançamento e todos os pára-
97			quedistas deviam ser lançados desta vez)), tinha que
98			sair todo mundo, né? como geralmente é. a gente sabe
99			que o piloto tem uma má vontade muito gra:nde de, dar
100			uma outra volta no circuito. depois tem uma: má
101			vontade muito grande de ((risos)) de quem ta lá
102			chefiando o exercício, no caso era o comandante do
103			batalhão, né? porque esse aí era um exercício de
104			batalhão, ele NÃO gosta de saber, quer saber porque o
105			avião não lançou todo mundo, quando tava previsto
106			lançar todo mundo. porque que o avião deu mais uma
107			volta
108	D		certo
109	F		então quer dizer, então TUDO isso o oficial, o mestre
110			de salto, ele sabe. então lá dentro do avião, é pra
111			fazer o que foi planejado. e eu tava lá de auxiliar.
112			então o auxiliar, é: a principal função dele ali é
113			>auxiliar a equipe<, por isso o nome de auxiliar. e
114			uma das funções do auxiliar é justamente ver se o
115			saltador ta em segurança. né? naquele momento final
116			ali. aí a gente pega a fita do camarada ((parte do
117			equipamento de salto que o conecta ao avião e quando o
118			pára-quedista se lança, age no acionamento semi-
119			automático do pára-quedas)) e libera ele do avião. vai
120			pegando a fita e isso aí vai ficando meio que
121			automático né? vai pegando a fita e ele vai saindo. a
122			gente até treina assim, nesse movimento ((imita os
123			gestos do movimento)). aí numa hora que eu FUI lançar
124			o camarada, eu vi que a fita dele tava passando no
125			fuzil e, na frente do queixo dele
126	D		se ele [saltasse ()
127	F		[se ele saísse ele podia quebrar o pescoço ou
128			pelo menos... aí eu em- peguei o camarada, voltei.
129			quer dizer, parou tudo... né? mas aí o que que eu acho
130			isso interessante? apesar de TODO, todo o circo
131			montado ali que a gente sabe que tem que ser daquele
132			jeito ali, você sempre acaba dando MAIS importância a
133			sua função ali, e ao soldado.
134	D		hum hum
135	F		entendeu? aí parou=
136	D		= qualquer coisa diferente? [parou
137	F		[é
138	D		aí tirei o fuzil e o camarada, foi, quando ele saiu,
139			já acendeu a luz ↑vermelha aí teve que parar tudo. aí
140			do outro lado do avião saiu todo mundo e do meu lado
141			ficou aquele shshsh ((som com a boca)) aquela fileira
142			pra sair. aí solicitei, saiu, °depois, tive que explicar né?°
143	F		hum hum
144	D		e um outro fato que eu vejo a importância do grupo,
145			né? que isso aí se renova em TODOS os cursos aqui da
146			brigada, CADA curso da brigada. foi quando eu tava
147			fazendo o curso de salto livre. né? foi meu ↑primeiro
148			salto livre. então, naquele dia ali, eu falo isso pra
149			muitas pessoas eu já falei isso aí. <naquele dia, EU
150			estava pronto pra pedir desligamento do curso>.
151			tamanho era meu PÂNICO ali né? o avião, ia ser a
152			primeira vez que eu ia saltar e chegar e comandar o

153		pára-quadras. aí o búfalo ((modelo do avião)) decolou,
154		°eu ia ser o segundo a sair do avião°, aí, aquele
155		silêncio, eu olhava pra todo mundo assim, aí eu pensei
156		“vou pedir pra ir embora, vou pedir”
157	D	dentro do avião?
158	F	dentro do avião. falei “eu não vou sair, não vou” aí
159		começa, né? a racionalizar. “por que que eu vou fazer
160		isso, eu não preciso” aqueles papos todos. “minha
161		família ta em casa” mas aí... bom você olha pro
162		grupo, ta lá o grupo ((limpa a garganta)) aí você pô
163		((rindo))“<como é que eu vou explicar isso?”
164	D	((risos))
165	F	“ta aqui ó, todo mundo aqui, esse pessoal todo vai
166		sair, só eu que não vou sair?” aí “eu vou ficar, né?”
167		aí, foi né? então isso aí é uma coisa que, eu acho que
168		aconteceu comigo no salto livre mas acho que acontece
169		a todo momento aqui na brigada. né? todos os cursos,
170		mesmo no mestre de salto, o básico pára-quadista e
171		assim vai, entendeu?
172	D	hum hum
173	F	é o espírito de corpo, né? chamamos isso aí de
174		espírito de corpo. o MEDO, na verdade o medo de ficar
175		mal perante o grupo
176	D	hum hum
177	F	então pelo grupo, por isso aí eu vou continuar

00:33:00

Churrasco, futebol, cerveja e rosa maria

1	D	e sobre as formas de socialização, porque ta
2		trabalhando, ta junto, ta cumprindo missão, e ele tem
3		uma hora que ele vai relaxar, tem uma hora que ele vai
4		socializar. como é que o pqd socializa aqui, dentro é,
5		é, do quartel? ou fora? eles se reúnem ou é é essa
6		cumplicidade é só aqui ou [levam a amizade pra fora do
7		quartel?
8	F	[levam.
9	D	sai junto pra beber, pra passear?
10	F	é, acontece de duas formas. acontece na forma de é:
11		quando juntam os círculos ((se refere aos agrupamentos
12		dependentes de afinidades do mesmo posto)), os cabos
13		e soldados, misturam todos os círculos ali, aí fica
14		tipo uma: uma (). acontece muito no nível
15		companhia, seção, a quarta seção “ah, vamos reunir pra
16		fazer um churrasquinho”. isso aí acontece. mas isso
17		daí não seria tão espontâneo, né? seria uma
18		necessidade, né? que o pqd realmente GOSTA de sair.
19		acho que ta na na nossa história. ele GOSTA.
20	D	Gosta de sair junto?
21	F	gosta de sair junto. mas o que é mais interessante
22		aqui é que ocorre SEM essa: obrigatoriedade, dentro
23		dos círculos
24	D	ah?
25	F	né, dentro dos círculos ali, dentro dos círculos. é:
26		por exemplo, no vinte e cinco ((refere-se ao 25°
27		Batalhão de Infantaria Pára-quadista)), a gente tinha
28		ali o alojamento dos tenentes, e: do nada, chegava ali
29		“pô, vamos dar uma saída, vamos ali?” pronto, saía. no
30		centro de instrução então? era direto. entendeu? os

31		oficia:is, saíam, estavam sempre saindo,
32		espontaneamente. entendeu? sexta-feira, >até que não
33		ta acontecendo muito<. mas sexta-feira, pro pqd? é o
34		dia... do do churrasco, do futebol. não tem jeito.
35	D	hum hum churrasco, futebol, bebida? cerveja?
36	F	sempre, sempre, sempre. churrasco, futebol e cerveja.
37		ta? isso aí tem que ter, isso aí é: é, e isso acontece
38		espontaneamente. aí, como eu falei, a nível companhia?
39		o comandante, se ele não provocar, não vai acontecer,
40		porque tem que ser a companhia como um todo. mas vai
41		acontecer, pode ter certeza que ta acontecendo nos
42		círculos, ali. os sargentos estão se reunindo, o
43		grupinho de amigos ali, os soldados mesmo. às vezes os
44		sargentos tem mais intimidade aí com os soldados do
45		pelotão, e chamam.
46	D	hum hum
47	F	isso sempre acontece.
48	D	uma: um outro ponto, assim. o senhor falou churrasco,
49		futebol, cerveja, nas minhas conversas principalmente
50		com os os tene:ntes, os capitães, eu fiz uma pergunta
51		que envolveu, é assim, se ele tinha... se era verdade,
52		se era assim mesmo, que o pqd, é, tem é, muito, ele,
53		ele tem muita FAMA
54	F	((risos))
55	D	entre as mulheres, ((rindo)) que ele se dá BEM com as
56		mulheres, é alguma coisa, se o senhor observa na sua
57		tropa? nos seus soldados, se é assim mesmo, se o fato
58		de saltar de pára-quedas, se o fato de ta usando uma
59		farda tão bonita, né? esteticamente falando, quanto
60		essa? o fato de ser forte, de ser bem preparado
61		fisicamente, isso, ele faz sucesso entre as mulheres
62		por isso?
63	F	((risos)) eu ACHO, que esse negócio, é, que isso aí,
64		<com certeza> é um é um fator aí que que <é usado, pra
65		melhorar a auto-estima do soldado>.
66	D	certo
67	F	né? isso aí é claro né? mas funciona muito bem, e
68		funciona exatamente dessa maneira. as canções são
69		todas () "fulaninha não namora qualquer um, só
70		namora pqd", entendeu? o fato da gente obrigar o
71		camarada estar assim bem apresentado. fala que o boot,
72		parece que dá brilho à farda, e que, né? o pé preto é
73		escuro, [aquele negócio todo lá
74	D	[hum hum
75	F	mas eu vejo que isso aí, foi derrepente, né? >eu não
76		posso dizer quando que surgiu, né?< eu sei que HOJE
77		funciona bem pra auto-estima. entendeu? é: uma vez que
78		o o o o homem ali não pode ser realizado só na parte
79		profissional, tem que ter né? a parte pessoal social
80		dele ali. e, homem, né? ... ((rindo)) com toda
81		característica masculina, que certamente você conhece.
82		e, o JOVEM? pô dizer pro camarada, pro jovem que ele
83		vai ganhar mulher com aquilo ali? pronto. acabou
84	D	hum hum
85	F	acabou, aquilo ali pra ele passa a ser uma verdade
86		absoluta, entendeu? e aí vai de novo o psicológico ali
87		do grupo e da pessoa realmente ACREDITAR naquilo ali.
88		Eu até brincava quando eu era instrutor na área de
89		estagio lá, né? tinha, tinha lá um sargento °que ele
90		era muito feio°

91	D	hum?
92	F	ele era MUITO feio
93	D	((risos))
94	F	((rindo)) né? até o pessoal do avião sacaneava ele lá,
95		que ele era feio pra caramba. aí, eu, eu era instrutor
96		né? então, na segunda fase ali, eu, nossa senhora, eu
97		esculachava muito ele lá dizendo que ele era feio. aí
98		eu sempre dizia pra ele, "mas o dia que você colocar o
99		brevê, tu vai ficar bonito".
100	D	hum?
101	F	((rindo)) o dia, aí ele veio no dia a apresentação
102		dele com o brevê, aí lembro que eu virava pra ele e
103		falava, "quem é você? eu não te reconheço. eu conheci
104		uma cara assim, agora você ta bonito, vai sair daqui e
105		vai arranjar uma porção de mulher"
106	D	hum?
107	F	né? então isso aí é do:, né?
108	D	então tem também essas histórias?
109	F	TEM TEM
110	D	tem essa mística?
111	F	tem, mas é: eu vejo isso aí pra. eu tive em outros
112		batalhões, né? e em outros batalhões também a
113		cançãozinha é a mesma, né? só que não tem a palavra
114		pqd."lálalá o soldado do batalhão só namora"
115	D	hum hum
116	F	só que aqui, o lance aqui da brigada, é que ta todo
117		mundo JUNTO, né? é a única brigada do brasil, que é
118		todo mundo junto.
119	D	a figura feminina ta de alguma forma nas cançõ:es, pro
120		exemplo, [a musa do pqd é a rosa maria, né?
121	F	[tem rosa maria. acho que aquele negócio,
122		isso aí, acho que ta no no , na fantasia de todo
123		soldado. depois que ele sair pqd, ter uma mulher, uma
124		namorada, que ele deixa o brevê com ela
125	D	ah sei?
126	F	acho que todo: EU já fiz isso, acho que todo soldado
127		já fez isso aí
128	D	hum?
129	F	né? se o camarada não fosse pqd, ele ia arranjar uma
130		medalha, ia arranjar alguma coisa
131	D	sei, aí ele dá o brevê [pra namorada?
132	F	[ele dá o brevê. ele vai
133		chegar, num dia lá, sei lá o que ele fez com ela, vai
134		deixar o brevê::
135	D	sei
136	F	isso aí, é: realmente tem isso aí, entendeu? rosa
137		maria, vai pra um exercício, aquele papo de ((risos))
138	D	((risos))
139	F	mas com certeza tem isso aí
140	D	mas ta envolvido nessa nessa mística. seria um
141		pontinho, dessa dessa mística toda né?
142	F	↑ certamente, certamente. essa essa CRENÇA, né? como
143		se fosse uma VERDADE absoluta de que o pqd, pelo FATO
144		de ser pqd, ele vai ganhar tudo quanto é mulher, isso
145		aí realmente, é
146	D	hum hum
147	F	isso aí é um negócio violento. acho que ta, como você
148		falou, ta no ↑pqd mesmo como um todo, né? você a gente
149		vai pras nossas viagens, o camarada, você vê que o

150		anda:r, o olhar assim, ele realmente ACHA, >eu também
151		me sentia assim< quando eu fiz o curso de mestre de
152		salto, eu fui pra outra cidade, e a gente, primeiro,
153		na unidade a gente se sentia "pô, todo mundo ta,
154		pararam a unidade pra receber os pqd's" ia na cida:de,
155		"pô, a cidade", hojem em dia eu vejo que não é nada
156		disso, né? ((rindo)) não tem nada a ver, nego nem sabe
157		que a gente ta na cidade, nem sabe o quer dizer pqd
158	D	hum
159	F	mas, tem esse negócio mesmo, no no psicológico aí do
160		pessoal, ↑existe isso aí realmente, que o camarada,
161		aonde ele vai, parou aquela cidade pra receber ele.

ANEXO 9

Transcrição da entrevista com Tenente Wiesser

D = Cap Daniela
W = Ten Wiesser

00:00:12 – 00:00:55

então, tem que ser um, tem que ser um militar selecionado.

1	D		ok Wiesser, quando é que você terminou a aman?
2			((Academia Militar das Agulhas Negras))
3	W		vinte e cinco de novembro do ano passado
4	D		do ano passado.
5	W		[dois mil e seis.
6	D		[então você terminou a aman ... e ↑veio pro vinte e
7			seis?
8	W		isso
9	D		↑isso é diferente, não é?
10	W		é, tinha cerca de cinco ou seis anos que:
11	D		isso não acontecia?
12	W		que não acontecia
13	D		e foi acontecer com você?
14	W		é. eu escolhi. [eu e mais quatro companheiros
15	D		[↑ah isso que eu ia te perguntar, isso
16			foi bom pra você? você que quis?
17	W		eu que quis

((conversa sobre os motivos que o levaram a servir no 26° BI Pqdt

00:02:05 - 00:03:10

18	W		quando eu tava no quarto ano da aman, houve a
19			oportunidade dos aspirantes, então do quarto ano, é,
20			cursarem o o fazerem lá o curso de paraquedismo.
21	D		ah, ta.
22	W		então eu fiz. me matriculei antes da escolha de
23			unidades, eu nem sabia que ia abrir vaga pra brigada.
24			aí quando abriu, fechou, certinho ali, a:
25	D		quando abriu e você viu que tinha vaga pra brigada, só
26			tinha no vinte e seis? ou tinha nos outros batalhões
27			também?
28	W		tinha no vinte e cinco, vinte e seis e vinte e sete.
29	D		e você escolheu [o vinte e seis?
30	W		[o vinte e seis.
31	D		por que?
32	W		porque aqui era o batalhão que tinha a fama de ser o:
33			o batalhão que tinha mais ativida:de, o batalhão mais
34			puxado
35	D		Humhum
36	W		seria mais uma coisa pra motivar e pra mostrar também
37			o que era a brigada, né?
38	D		sei. aí você queria trabalhar, <no batalhão que era o
39			mais puxado, no batalhão=
40	W		=é
41	D		que cumpria mais missão>
42	W		é, e também por, até mesmo por orgulho assim, de
43			sentir bem fazendo, servindo bastante o exército

44	D		humhum
----	---	--	--------

00:03:12 – 00:03:56

1	D		como foi a sua área de estágio? Foi muito difícil?
2			você guarda boas lembranças? Isso marcou a sua vida?
3	W		guardo boas lembranças. porque, eu sempre gostei de
4			atividade física
5	D		humhum
6	W		então, Só tinha isso. e isso aí encaixou também
7	D		humhum
8	W		a parte da dor física também, tinha, muscula:r é: e
9			orgânica, né? é: isso aí não chegou a me abalar não,
10			é: psicologicamente. [pelo contrário
11	D		[você passou por isso na boa?
12	W		pelo contrário, até me estimulava mais. tava doendo aí
13			que eu gostava
14	D		humhum. quando doía é que você gostava? é, como é que
15			é? "tá bom porque ta ruim
16	W		é ((risos)) [seria melhor se fosse pior
17	D		[seria melhor se fosse pior
18	W		então essa máxima valeu [pra você lá durante?
19	D		[valeu

00:03:52 – 00:05:40

1	D		e: ... o seu primeiro salto, assim, você podia me
2			falar? o que se passou contigo? como você se preparou?
3			pra fazer. deve estar bem recente aí na sua cabeça,
4			né?<
5	W		é. ainda ta. Eu nunca tive medo de altura. tanto é que
6			o meu primeiro salto foi a primeira vez que eu andei
7			de avião. primeira vez que=
8	D		=sei. A PRIMEIRA VEZ NUM AVIÃO FOI [O DIA DE SALTAR?
9	W		[é. a primeira vez
10			que eu pousei foi agora, foi em agosto, quando eu fui
11			pra manaus, ((rindo)) que eu tive que pousar de avião
12	D		((risos)) sério? ((risos))
13	W		((risos)) até então eu só tinha levantado vôo pra
14			saltar de pára-quedas. Aí=
15			
16	D		=a estranheza foi pousar então, né? [não foi levantar
17			vôo
18	W		[é, é. foi foi. eu
19			nunca [tinha pousado.
20	D		[essa foi boa
21	W		então quando eu cheguei na aeronave e saltei? eu senti
22			muita vibração assim, porque: toda a área, a parte da
23			área de estágio, a parte puxada ali, física, é: veio
24			na minha cabeça, tudo aquilo é: levando o companheiro
25			pra terminar o curso comi:go, aí, eu lembrei daquilo
26			tudo, o silêncio do do céu, assim, não sei, [foi
27			bastante
28	D		[ah! essa
29			questão, do silêncio no céu, muita gente fala sobre
30			isso.
31	W		é
32	D		como é que você se sente lá? saltou, aí é aquele

33			silêncio total? é um vácuo? é só você e e a nuvem? e e
34			o cheiro de nuvem? como é que é isso?
35	W		é, é isso mesmo. é o cheiro do vento, e, a
36			tranqüilidade, né? misturado também com, com a ↑missão
37			que vai ser, que é só o início né?
38	D		vai começar né?
39	W		vai começar. então é aquela, são os momentos antes da
40			missão. é aquela tranqüilidade e depois vem a
41			inquietação, né?
42	D		então o salto é a parte mais tranqüila?
43	W		é. é só o meio de transporte, né?

00:10:30 – 00:11:40 Pode me chamar de amigável

1	D		você ta me parecendo um rapaz muito ↑doce, é:
2	W		((ten Wiesser faz uma expressão de reprovação))
3	D		ó, ((rindo)) sem trocadilho de palavras
4	W		((risos)) pega mal
5	D		((risos)) não, não, sem pegar mal assim, uma pessoa
6			muito, com muita ternura. >pega mal ternura também?<
7			não pode? é: uma pessoa, [de fácil trato
8	W		[amigável ((risos))
9	D		uma pessoa amigável
10	W		pode ser
11	D		é é onde fica a agressividade no combate? eu tenho
12			certeza que, porque você ta aqui, é que na hora que
13			você precisa da agressividade no combate, você vai
14			empregar
15	W		é, isso aí é o que a gente chama aqui de de rancor.
16	D		sei
17	W		então, cada um de nós aqui tem tem guardado, né? um
18			sentimento forte de ↑agressividade, que é pra ser
19			usado na hora certa. então se eu fosse agressivo o
20			tempo todo, eu ia tratar, eu não ia conseguir tratar o
21			soldado de uma maneira correta, eu ia tratar=
22	D		=tratar com afeição o seu subordinado
23	W		isso, então isso aí eu acho que não ia, encaixar muito
24			bem.
25	D		Humhum

00:13:55 – 00:

1	D		alguns já me disseram e eu já pude perceber aqui
2			também, que <"ser um paraquedista é experimentar o
3			sentimento mais profundo de nacionalidade>". né, de
4			ser brasileiro, de estar à frente de uma nação,
5			representando, defendendo, é, e protegendo.
6	W		certo
7	D		você já passou alguma situação aonde você tenha
8			vivenciado esse sentimento profundo de nacionalidade?
9	W		sim. bom, é o meu primeiro ano aqui, minha
10			experiência, ainda não é tão grande. né? mas a minha
11			primeira missão fora foi em, em manaus, né? na verdade
12			na província >não sei se é província o nome< mas em
13			urucu, onde tem um pólo petrolífero da petrobrás.
14	D		sei
15	W		então a gente: é foi pra manaus, com tempo, é a gente
16			saltou em urucu, e, tanto na cidade como é: em urucu,

17			a gente sentia que a população ali, quem tava
18			trabalhando, olhava admirado, gostava, via o pessoal
19			muito equipado, né? e os soldados é: os tenentes até
20			voltaram pra passar pro soldado, que: é o único
21			quartel, é a única unidade né? grupo de militares que
22			faz essa interação brasil. Então é rio de janeiro,
23			então vai ter missão em manaus, tem missão no
24			nordeste, tem missão no pantanal, no sul. é a única
25			tropa que faz isso. então o soldado ele: a maioria dos
26			soldados antigos aqui que já ta aqui há quatro anos,
27			ele tem esse sentimento de defesa territorial.
28	D		sei
29	W		por isso o: que até mesmo o nosso brado é brasil acima
30			de tudo
31	D		brasil acima de tudo, né? não se concentra em nenhuma
32			região, né?
33	W		quem ta na selva brada "selva",
34	D		é
35	W		quem ta no pantanal é "pantanal"
36	D		humhum
37	W		no sul é "pampas"
38	D		"montanha" quem ta=
39	W		=em minas é "montanha". é. o nosso é "brasil acima de
40			tudo"
41	D		pra todo mundo
42	W		pra todo mundo
43	D		muito bacana. e o espírito de sacrifício? você
44			vivencia isso muito? no seu dia-a-dia?
45	W		no dia-a-dia, claro.
46	D		em que momento você percebe que você ta se
47			sacrificando?
48	W		não, na verdade é: não é bem sacrificando no sentido
49			de estar sofrendo, né?
50	D		entendi
51	W		mas, é: no sentido de ta fazendo ↑além, além do que as
52			peessoas é: servindo em outros quartéis fazem, não digo
53			nem civis
54	D		humhum
55	W		que outros batalhões fazem. que é: o ↑serviço, o
56			próprio serviço do dia-a-dia, que: o serviço, a escala
57			é apertada pro pessoal aqui porque tem pouco efetivo,
58			né? e juntamente com esse serviço, é: nós temos a
59			função normal do dia-a-dia. a instrução TEM que ser
60			dado pro soldado, né? a parte técnica, tática, TEM que
61			ser dada pro soldado, e: também as missões extras.
62			então vai ter agora, na semana sem ser a que vem, a
63			outra, tem a: a força, força, () maracanã
64	D		ham?
65	W		força () estratégica maracanã. que é no rio de
66			janeiro, então só o vinte e seis que vai
67	D		vai ser um exercício? [ou é uma missão real?
68	W		[vai ser um exercício
69	D		um exercício
70	W		um exercício. visando né a defesa do rio de janeiro.
71	D		certo. aí
72	W		aí
73	D		ham?
74	W		antes disso vai ter uma competição, com é: os
75			batalhões pé preto aqui da do comando militar de área

76	D		humhum
77	W		vai ter a competição. então tem tenente envolvido com
78			tudo. com instrução lá pra () maracanã, juntamente
79			com a olimpíada, então muitas vezes a gente ultrapassa
80			o horário de descanso é: na hora do almoço ou até:
81	D		depois do expediente
82	W		depois do expediente pra
83	D		pra cumprir [essas missões
84	W		[pra cumprir as missões. tanto é que a
85			gente brinca que, o nosso batalhão é sempre o último a
86			ir embora, porque no arroio. então o vinte e cinco e o
87			vinte e sete olha, no final do dia quatro e meia eles
88			estão indo embora. o nosso sai aqui cinco horas, cinco
89			e meia, às vezes fica até seis e meia a gente ta aqui
90			pra pra cumprir as nossas missões
91	D		humhum
92	W		isso aí já é um espírito de sacrifício.
93	D		humhum. bacana.
94	W		além das atividades de salto e milhões de outras
95			atividades.

00:26:50 – 00:29:00

1	D		é, você falou que tem vontade de comandar um pelotão
2			de fuzileiros.
3	W		É
4	D		o que isso traria de aprendizado pra você? o que isso
5			faria?
6	W		até então a minha formação foi pra comandar um pelotão
7			de fuzileiros. então
8	D		certo
9	W		tanto a parte de efetivo, missão, tudo que eu aprendi
10			foi isso. aí eu cheguei aqui e peguei um pelotão de
11			apoio.
12	D		humhum
13	W		não quer dizer que eu não tenha feito missões de
14			pelotão de fuzileiros
15	D		humhum
16	W		só que não era o meu pelot- né? integrantes do meu
17			pelotão
18	D		humhum
19	W		isso aí não criou nenhum caso comigo, e com os outros
20			pelotões não deu pra eu ↑testar, aquele soldado, ver
21			como eles são na íntegra da da missão
22	D		certo
23	W		eu vi o pelotão do outro, dos soldados do outro
24			comandante
25	D		humhum
26	W		pra mim não criou tanto estímulo não
27	D		humhum me fala, o que faz um pelotão de fuzileiros?
28	W		o pelotão de fuzileiro é: é o pelotão que você vê em
29			filme de ↑guerra. aquele pelotão com o soldadinho com
30			seu fuzil
31	D		sei
32	W		fazendo a progressão, atirando, esse aí que é o
33			pelotão de fuzileiro
34	D		humhum. e o tenente comandante do pelotão de
35			fuzileiro, o que ele faz ali daqueles soldados?

36	W		é, o que a gente aprendeu né? é liderar, né? não só
37			comandar, né? isso a gente escuta muito, "comandar é
38			liderar"
39	D		certo
40	W		é liderar mesmo, você ver que ta modificando o
41			soldado, que ta fazendo ele ficar um um durante os
42			anos né? um bom soldado, né? provavelmente o tenente
43			fica com o soldado ali uns dois três anos. então ver,
44			a evolução desse soldado nesse período
45	D		humhum
46	W		no caso, com a ↑nossa ação. a ação do tenente.
47	D		foi pra isso que você estudou, pra isso que você
48			treinou
49	W		e tem também a formação psicológica ali:, a formação
50			de valores, que é justamente pra gente passar pro
51			soldado.

00:28:55 – 00:33:20

1	D		o que você ta aprendendo aqui? o que é que servir na
2			brigada, ser um paraquedista, servir no vinte e seis,
3			o que isso ta fazendo com você? o que você ta
4			aprendendo aqui pra sua vida? o que você acha, quem
5			você acha que ta se tornando, com esses ensinamentos e
6			compartilhando, [esses valores?
7	W		[bom, devido é, ao que eu falei sobre
8			a quantidade de missões, né? até mesmo a dificuldade
9			de algumas delas? e: a velocidade que elas vêm, com
10			pouco tempo pra planejar, então muita coisa ta, eu to
11			ganhando também. né? que é a parte de desenvoltura,
12			pra fazer as coisas. então, eu to com um problema em
13			casa? eu não vejo mais como um problema, então é ver,
14			ver o fato, pegar o fato, transformar, e fazer ele
15			melhorar. fazer ele, né? isso aí até:
16	D		[sim
17	W		[até minha família assim, minha, minha noiva, eles em
18			tudo vê problema. eu não vejo: vejo, eu vejo logo à
19			frente a solução. uma maneira de de de resolver
20			aquilo, né? que, que não era feito antes, né?
21	D		humhum
22	W		então, a vida na academia ela é muito, muito ↑guiada.
23	D		é
24	W		pelo comandante, e tal
25	D		humhum
26	W		e aqui fora não, eu não tenho mais ninguém pra pra me
27			controlar, e ver onde que eu vou ou não, eu que
28			decido, eu que vou escolher, logicamente. né?
29	D		humhum
30	W		é a ↑vontade também, né? a vontade de cumprir missão.
31			e cumprir da melhor maneira possível.
32	D		ham? o que é cumprir missão?
33	W		[cumprir missão
34	D		[como você entende essa expressão?
35	W		é: receber um, se deparar com um fato? né? me deparei
36			com um fato, geralmente um fato problema, e,
37			transformar aquele problema em uma solução. pra mim
38			isso é cumprir missão.
39	D		humhum
40	W		né? agora, como eu vou cumprir, também, tem que ser da

41			melhor maneira.
42	D		tem alguma situação que você se lembre que tenha
43			passado? aonde você pôde evidenciar esse espírito de
44			cumprimento de missão?
45	W		bom, é: quando eu, depois de dois ou três meses que eu
46			cheguei no batalhão, eu já fui pra: pra favela do
47			muquifo, °que é aqui perto°. então eu nunca tinha ↑nem,
48			nem feito, mal tinha feito planejamento na aman
49			((Academia Militar das Agulhas Negras)) de patrulha,
50			né? então eu já tinha que pegar um pelotão, planejar
51			onde cada soldado ia ficar ... cada um ia, numa
52			operação ↑real, que era pra prender um chefe um chefe
53			de de tráfico naquela favela
54	D		sei
55	W		então aquilo já foi um fato que eu tinha que crescer,
56			né? depois disso, além das missões administrativas,
57			que tem que receber e tem que estudar pra realizar pra
58			cumprir a missão=
59	D		=e pelo que eu to vendo são encaradas da mesma forma,
60			né?
61	W		é
62	D		qualquer coisa que [chega pra você?
63	W		[missão, missão
64	D		você vai cumprir?
65	W		isso. administrativa ou não. tiveram outras também,
66			que eu não to lembrado aqui, mas que fizeram com que
67			eu, que é: eu tirasse de mim forças além da né? do que
68			eu achava que tinha, pra, pra resolver
69	D		e aquela máxima? "quando você chega no seu limite? é
70			que ainda faltam?", quantos por cento?
71	W		quarenta
72	D		quarenta por cento?
73	W		é o famoso chivunk
74	D		humhum
75	W		que é o brado, o brado do nosso batalhão. chivunk
76	D		ah é? o brado do vinte e seis é chivunk?
77	W		é
78	D		e chivunk, ah, tem um brado de um pelotão de
79			infanteria da aman que é chivunk também, não tem?
80	W		é uma companhia do primeiro ano
81	D		ah, uma companhia do primeiro ano
82	W		é, mas justamente é essa a idéia também
83	D		já vem de lá né? ou melhor são ecos daqui pra lá? é
84			isso?
85	W		não, eu acho que lá foi feito antes esse brado
86	D		ah sei
87	W		mas a origem desse ↑chivunk é de tropas especia:is, se
88			não me engano
89	D		humhum
90	W		então, foi distribuindo, né? quem quisesse pegar
91			((risos))
92	D		((risos)) ah! e aí quando falou chivunk, é porque vão
93			sair, pra cumprir missão
94	W		é chivunk. a gente até: já transformou né? a parte de
95			lingüística
96	D		ham?
97	W		a gente fala que existem guerreiros chivuncados, né?
98	D		ah, sei
99	W		são os que demonstram mais energia

100	D		a palavra já evoluiu, né?
101	W		já evoluiu
102	D		you é um guerreiro chivuncado?
103	W		nas horas que tem que ser? a gente é. †todos os
104			tenentes aqui são
105	D		sei

00:34:32 – 00:35:47

1	D		you acha que, you considera que you é integrante de uma tropa de elite?
2	W		com certeza
3	D		you entende essa tropa como uma tropa de elite.
4	W		com certeza. é, poderia ser até melhor, eu poderia até
5			entender melhor isso, né? se os quadros do batalhão
6			tivessem completos. então se o pelotão tivesse, é:
7			todo aqui, tivesse todo o efetivo de tenente aqui, se
8			tivesse todo o efetivo de cap- né? todo, né? todas as
9			ocupações dos cargos completos
10	D		humhum
11	W		aqui o batalhão poderia render mais. †mesmo com o
12			efetivo reduzido a gente faz tudo, né? então é um
13			batalhão que faz formatura, da melhor maneira
14			possível, é um batalhão que vai cumprir missão fora da
15			melhor maneira, né? nunca teve: que eu saiba,
16			problemas de salto. justamente por causa da instrução,
17			por causa do adestramento. é: isso aí tudo, né? são
18			provas que †mesmo com as deficiências,
19			administrativas, e tudo mais, é um batalhão que cumpre
20			missão, né? como eu falei, que cumpre missão.
21	D		legal
22	W		respondeu a pergunta?
23	D		respondeu
24	W		acho que eu fugi, não foi não?
25	D		†não não. foi foi perfeito. é isso aí

00:36:31 – 00:38:00

1	W		((sobre um tenente que é tido como muito experiente e
2			que tem sempre muitas histórias pra contar)) tem um
3			tenente que é da minha companhia, é mais antigo. Ele
4			conta: é contador de histórias. [ele vai sair capitão
5	D		[quem é ele?
6	W		ten souza mendes
7	D		souza mendes?
8	W		é o oficial que ta na: como observador de conduta lá
9			no haiti
10	D		[ah sei
11	W		[então ele já foi pro haiti, ele conta histórias do
12			haiti. né? ele conta muito história de tudo aquilo que
13			eu já falei. Só que com maior intensidade.
14	D		humhum
15	W		né? então ele chegava a pegar missão, serviço de dois
16			em dois dias, que eram eram †patrulhas, patrulhas
17			pelas, redondezas aqui, que entravam pelas favelas,
18			então. todo dia tinha esse serviço.
19	D		humhum
20	W		então eram quatro serviços pra doze tenentes pegarem.
21			igual que tem agora. são doze tenentes, porém aqui

22			agora só tem um serviço que é o de oficial de dia.
23	D		sei
24	W		além do serviço de oficial de tinha tem, tinha três
25			patru:lhas, tinha patrulha em tudo que é lugar. né?
26			que os tenentes concorriam. né? †e juntamente com com
27			essas, o serviço que ocupa o dia inteiro, né? de três
28			em três dias tinha a parte administrativa, tinha que
29			fazer é, exame de material, tinha que fazer
30			sindicância, né? além, tinha que dar instrução pro
31			soldado. então era a parte que: os tenentes sofriam,
32			né?
33	D		humhum
34	W		isso aí tem o lado que eu falei da: do †sacrifício,
35			né? e o lado da recompensa que ele dá valor, valor ao
36			que ele fez, né? ao que ele fez aqui na brigada.
37	D		a recompensa é o que?= =é o orgulho, né? o orgulho, é dá valor= =não é nada material
38	W		
39	D		
40	W		não
41	D		a recompensa é alguma coisa?
42	W		é. ele poderia muito bem, completar, três anos aqui
43			no: vinte e se:is, ou né? ou †menos, e pegar uma
44			transferência, †lá pra selva, pra conseguir pra: né?
45			ganhar uma recompensa, no caso de dinhe:iro
46			[financeira
47	D		[financeira, é
48	W		poderia ir pro sul. mas ele quis se manter aqui no
49			batalhão. já é o sexto ano dele aqui †direto
50	D		humhum é o sexto ano dele?
51	W		é.
52	D		esse aí tem que vir conversar comigo, ele deve ter
53			muita história pra contar

ANEXO 10

Transcrição da entrevista com Major Wilker

D = Cap Daniela

W = Maj Wilker

TURNO	FALANTE	FALA
1	D	o senhor tem quanto tempo de serviço? [vinte e:: ?
2	W	[Vou fazer vinte e cinco o ano que vem
3	D	Vinte e cinco
4	W	É ... [em fevereiro, vinte e cinco
5	D	[Aí o senhor saiu da AMA::N em que ano?
6	W	oitenta e nove -
7	D	>Oitenta e nove<... e o curso de paraquedista, o senhor fez quando?
8	W	Fiz em janeiro de noventa -
9	D	Logo depois [que o senhor saiu da AMAN
10	W	[é é
11	D	E e o senhor serviu na brigada logo depois disso?
12	W	Servi:: a partir de:: do meio do ano de noventa e um... fiquei um ano e meio no vale do paraíba em caçapava e depois fui pra brigada =
13	D	= e por que o senhor escolheu ir pra brigada?
14	W	... Ta::va ainda:: naquele momento ... nessa hora você ... é...você tá realmente ... magnetizado por essa coisa ... por essa conquista... se você perguntar pra mim =
15	D	= a conquista do <u>curso</u> , de [fazer o <u>curso</u> , de passar pela área de estágio?
16	W	[é, é você ... >é uma coisa engraçada< ...porque ... a influência que isso exerce né ...>o produto final ele é muito bom< mas ... você acaba... >você viu tropa de elite?
17	D	Não, não vi ainda não =
18	W	=não viu, não viu ... pois é ... tem uma fase do curso que o:: na:: na::=
19	D	=Lançaram um dos pqd's agora o senhor viu? Também na ... na...

no festival do rio.

- 20 W [não ... não... puxa que ↑ legal
- 21 D [Chama brigada o filme... o diretor do filme chama guilherme coelho... eu já até entrei em contato por email com ele ... eu quero uma cópia, quero conversar com ele e tal. Ele filmou um ano e meio ↑ na brigada .. ele ta mostrando a ↑ vida ... do:: ↑ militar na brigada
- 22 W ↑ caraca ... cara... muito bacana =
- 23 D = muito bacana =
- 24 W = muito bacana mesmo, eu vou ver, vou correr atrás disso daíhh então, é:: tem uma parte do filme, quando os dois aspirantes lá ... os dois tenentes vão se inscrever no curso, eles estavam ali numa situação de rotina, que não era o que eles queriam, eles não tinham se formado pra'quilo ... muita burocracia e tal .. aí, eles queriam ação, né? Aí um deles viu a parte do BOPE lá... e foi... “puxa, como é que eu faço pra me inscrever nisso aí?” “Não, procura tal” não sei que ... aí o narrador do filme comenta né, “é ... o fulaninho sabia o que tava fazendo ... o outro ... não”, tipo assim, o outro foi na onda ...
- 25 D Ah:: ?
- 26 W naquela época, nós estávamos assim ... difícil era o cadete daquele ano que não tivesse movido por isso, [então =
- 27 D [de querer ir pra brigada, [de querer servir lá?
- 28 W [de querer, de querer ... haha ... você vai dizer “vem cá, você tava convicto do que você queria?”, “o:lha° naquele momento eu queria [um momento de =
- 29 D [é, só aquilo ()]
- 30 W = espaço e auto afirmação, “eu sou um tenente de infantaria e quero ser o melhor possível ... pra que eu possa mostrar até que eu sou o melhor possível =
- 31 D = tá, então tinha ideal, tinha ↑ vocação envolvido ↓ ali =
- 32 W = TINHA, tinha idea:l, tinha vocaçã:o ... e aquele primeiro objetivo que ...olha? pode dize:r , pairava na cabeça de noventa por cento do nosso ... de noventa, porque nós éramos cem [haha
- 33 D [hum haha
- 34 W Pelo menos uns noventa tinham isso bastante claro na cabeça, né? Pô .. quero ↑ tentar a área de estágio, quero colocar esse brevê de prata no peito, né?
- 35 D E esse brevê ... ele...ele ... é: conseguindo o brevê, estampando o brevê, ele ele muda a postura? =

36	W	= [TOTAL
37	D	[porque eu percebo que a postura dos paraquedistas é ↑difere::nte
38	W	[°Daniela°, eu fui pra Caçapava ...
39	D	[a postura ↑ fí::sica, o ↑ porte físico é diferente
40	W	A gente, naquela época eu >eu acredito que hoje ainda esteja assim< ... é sim, passou um período sem ser mas já voltou ... o:: aspirante fazendo a área de estágio em janeiro, logo depois que termina, você na verdade perde férias, você abre mão de parte das férias, né... pra poder...você teria aquelas férias escolares, e publica suas férias normal pra você chegar na tropa já com aquele período gozado (3 seg) > mais ou menos como acontece com o nosso aluno aqui< ...então, o cara que vai pra área de estágio ele já abre mão daquele período de férias em janeiro... um calor desgraçado no rio,[mil praias pro cara ir e ele ta lá “hop hop”
41		[()
42	W	Pô (3seg) cara... eu fui, fiz a área, terminei o curso ... aí:: nós tínhamos uma data pra me, pra apresentar nas OMs, eu tinha que me apresentar em Caçapava no vale do Paraíba, eu e um outro colega, °que tentou a área também° mas ... saiu, desistiu logo no início porque se machucou ... cara... eu fiz questão de viajar do rio pra Caçapava farda:do ... obviamente de boina bordô e boot marron haha =
43	D	= Ah sim haha porque é uma mística aquilo
44	W	Ah ... total total aquilo [ali é um motivo
45	D	[confere identidade também ...
46	W	pra caramba =
47	D	= o boot marron, a boina grená
48	W	Depois eu fui ver que:: naquele momento era até um tremendo mico haha
49	D	Ahham, haha
50	W	você chegar em Caçapava, pô, (tosse) mais pra frente, né? ... até pra você entender o porquê do mico, né? Mais pra frente ... Caçapava <é um batalhão febia::no ... e tal...então tem todo ano a festa de forno::vo lá:: ... aí recebe os velhinhos, aquilo ... tem uma comoção geral na cidade... né? Aí ... fui pra Caçapava, servi lá um ano e meio, né... aí vim pra brigada, né... acabei me casando com uma caçapavense, estamos juntos até hoje, naquela época viemos pro rio, morar no rio...terminei meu tempo na brigada e já como capitão ... pimba... caçapava de novo, aí lá já era BIL, aí fui pra Caçapava, tal – minto. Esse episódio aconteceu antes, olha, eu já era tenente antigo, né? A::h, ia ter a festa de fornovo ... “puxa, vamos pra Caçapava na festa de fornovo?” “vamos, claro” ... aí eu pensei né?, “ ↑ claro que eu vou, né? Vou perder essa oportunidade de ir na festa lá em Caçapava de ↑ boina e boot??

		haha
51	D	haha
52	W	Né? Nessa hora que você vê, caraça, cara... como a gente ... pô ... pouquíssimas pessoas, só mesmo os oficiais de carreira do bata:lhão ali:: ... o próprio coronel >que hoje é o chefe do estado maior do exército< é que identificaram ali ... ((em voz grave)) “ôôô paraqueditsta, como é que ta, tudo bem?” porque eu já [tinha servido lá::
53	D	[significava só pr’aqueles, pr’ aqueles que não sabiam o que é a [boina grená:
54	W	[a grande maioria, né... inclusive a família dela...muita gente vai porque a festa é aberta, né?... a prima dela, n n perguntou “ô Sandra ...por que que só Wilker usa esse negócio vermelho na cabeça? E o coturno dele é diferente? haha
55	D	Hum ham ...[pra eles não significava
56	W	[uma coisa ... meio ridículo =
57	D	= mas é que ser paraquedista tava transbordando [pela:: pelo sangue, pela pele
58	W	[SIM ... totalmente totalmente ... totalmente ... né:: tanto é que ... e isso a gente, é uma mensagem que::...ela... no no caso da formação de oficial ela começa... lá na origem... ela tem que ter... você pegar o cara no vazio, do nada e tentar incutir essa necessidade, “ó, você se formou oficial agora... ↑ agora eu vou começar a trabalhar em você ... a::: uma:: vocação operacional, pra que você”... não vai funcionar =
59	D	= começa lá:: ... talvez até na PREP, [como o senhor falou... começando a ver as frases e tal...
60	W	[sim sim sim... você tem que começar... isso tem que:: ser desenvolvido ... essa linha... bom – você conseguiu construir ... o mito operacional, a partir dali você vai ter que:: é é é, ↑ como explorar esse mito operacional? Uma linha vai ser ... fazer ↑ cursos operacionais ... puxa, >é o melhor caminho< ... aí você vai explorar esse <u>transbordamento</u> operacional que o cara tá tendo
61	D	Hum ham
62	W	Quando você vai pra fazer o curso ... como eu te falei, né? ...naquela época a gente tava muito... você tá ali::... meio que naquela pô ... “que que eu to fazendo aqui?” na:: hora você nem tá pensando muito nisso, né, você vai meio que no automático e supera limites que talvez em condições normais você não superasse... né?
63	D	Limites [físicos, psicológicos, emocionais
64	W	[limites físicos, psicológicos ... tanto é que se o cara não tiver ... com isso <muito bem trabalhado>, Daniela, ele >pede pra

		ir embora< [pede pra ir embora
65	D	[Pede pra ir embora ... ↑ “sim senhor, não senhor, quero ir embora” ... tá escrito lá até, né?
66	W	[é uma alopração ... é uma alopração consta::nte ... os caras em cima o tempo inteiro =
67	D	= porque pra saltar de pára-quedas mesmo, se fosse só saltar ... não precisa aquela aquela preparação toda, aquela dificuldade física e [psicológica toda
68	W	sim [sim
69	D	um é um paraquedista ↑ militar que ta sendo formado [mas é
70	W	A questão, a questão é a seguinte – exatamente ... a questão é que é essa – nós não formamos paraquedistas ... nós formamos uma tropa de elite, nós formamos paraquedistas militares =
71	D	= depois que salta ele vai ter que... combater
72	W	Exatamente <esse é que é o diferencial> da brigada paraquedista

Extrato 2 (16:40)

	TURNO	FALANTE	FALA
	1	W	Mas o interessante é que na na hora do lançamento ... tem a equipe PREC ... o:: curso de PREC é sensacional ... pouca gente conhece no exército ... só quem viveu a brigada paraquedista ...conhece o o o pessoal da tocha, né? ... é sensacional, é o:: aquela manicaca vermelha =
	2	D	=vermelha
	3	W	aqueles caras são são ↑ ótimos ... fala-se muito do comandos ... do FE ... que aparece no exército de uma forma maior, mas o precursor é fora de série. Eu tenho:: um... uma: : magoazinha de ... um arrependimentozinho de ter feito uma escolha, né? quando eu era segundo tenente na brigada, eu fui tentar o comandos ... e:: me preparei e tal, né? >até desviei do que eu tava falando< me preparei e:: do meu jeito lá:: eu e o pazuelo, não sei se você conheceu... a gente ficava nadando junto lá na vila... o pazuelo já é:: coronel, é um intendente, ele é FE
	4	D	Hum hum
	5	W	tá até comandando agora lá:: o:: BLog paraquedista, aí nossa preparação lá, e tal , não sei que ... e tinha uns caras que treinavam comigo, da minha turma, o Botelho:: o:: e outros, aí a coisa foi foi ... o treinamento ... tudo acontecendo normal, exames etc. época da apresentação. eu tava com toda a tralha reunida lá no meu quarto, era material pra caramba, né? A minha família:: ... tem é ... militares mas não ss ... é não são assim... é:: ... o meu

		cunhado...silva Braga, nunca foi de linha operacional, um infante... ↓ convencional, e o restante do pessoal, né? ... meu pai foi oficial temporário, >então aquilo pra ele não era uma realidade< ... <u>prática</u> , vamos dizer assim =
6	D	= sei
7	W	Minha mãe ficou <u>apavorada</u> ao ver aquela <u>quantidade</u> de material mobilizado ali, “ pô ... tu vai pra <u>guerra</u> , meu filho?” “não mãe, é °apenas um curso°” hahaha
8	D	hahaha
9	W	Até aquele mome::nto, comandos. comandos? “ah... ele sabe o que ta fazendo. pô, °ele já é paraquedista° ... então não deve ter nada muito mais difícil pela frente”
10	D	Ah? Ah?
11	W	né?, pois bem ... na noite, de véspera da apresentação ... o último baloarte, que era o Botelho, ligou pra mim falou “e aí?” “e aí rapaz, tudo bem?” “tudo legal... sssó que é o seguinte ... avisa lá pra mim amanhã que eu não vou não, ta? eu desisti” ... eu falei “pô::” aí do pessoal que tinha treinado::, todo mundo desistiu, aí eu fui, né?... e durei o quanto eu pude, mas as pressões externas eram muito grandes eu acabei (3 seg) roendo as cordas na sexta semana... até porque eu tinha visto que nnnão era bem o que eu queria ... depois, fiquei com esse remorso, até porque oficiais mais antigos ((muda o tom da voz, simulando uma repreensão amigável)) “como é que você <u>desistiu</u> rapaz, podia ser <u>FE</u> ... como é que você faz <u>isso</u> ? Você não ↑ podia desistir” aí eu falei “°caramba°”
12	D	Aí se o senhor tivesse ido pro prê pro prê pro curso de precursor talvez o [senhor não tivesse desistido
13	W	[... depois eu vi que ↑ na realidade era lá... né... aí:: mas ... o queria é:: é um negócio muito relativo, né... o fato é que > <u>ficou</u> < ... e toda essa linha operacional ... que a gente:: fala do pqd , o pqd , o pqd é uma <u>mística</u> , é um curso:: é:: que realmente seleciona na parte, <u>muito</u> na parte afetiva ... você tem que superar a a ... as razões pra você desistir são grandes e a possibilidade de você se lesionar e e ter que sair? São <u>enormes</u> também, ta? mas ... eu costumei dizer pra todos os colegas que falam “ah, quero tentar” ... “pô...é o seguinte. Não há ... cadete ... que não tenha condições <u>físicas</u> de encarar o curso ... básico paraquedista... não há ... a questão é meramente psicológica”
14		

Extrato 2 (13:00 voc 2)

	TURNO	FALANTE	FALA
	1	D	e passam por muitas situações de de <u>perigo</u> ? O ss senhor já foi empregado é é em alguma missão [<u>real</u> ?
	2	W	[o máximo que eu participei de operação real na brigada paraquedista foi na época da operação rio ... que era

aqui:: esse negócio de controle de favela, depois na eco noventa e dois, né? era a época que eu tava servindo lá=

- | | | |
|----|---|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 3 | D | = mas o perigo é <u>iminente</u> , assim, qualquer <u>salto</u> , [qualquer |
| 4 | W | [não, sim, sim
você dizer [que |
| 5 | D | [é sempre <u>real</u> |
| 6 | W | você dizer que ... um salto de paraquedas <u>não</u> tem risco ...ora...
<u>claro</u> que tem risco... “ah...mas tem risco também andar de ônibus”
... obviamente um salto de[paraquedas tem mais risco |
| 7 | D | [e medo, major, não dá medo não? Na hora que vai [saltar
lá? Como é que o senhor lida com com essas emoções? |
| 8 | W | [hum
... você ... olha.... o medo, ele é um negócio interessante, né?
...quando você ... e isso eu acho que:: ... é uma opinião mais ou
menos... <u>geral</u> ... quando você termina o curso básico ... né...
quando você termina ali o básico paraquedista (3 seg) você tá
movido por aquela <u>situação</u> de stress, de <u>cansaço</u> , de <u>desgaste</u> , de
<u>condicionamento</u> ... aí você... >quando você menos espera< você
tá dentro de um Hércules, sendo lançado ... e:: sai daquele avião
bum quando você vê:: você tá lá fora ... é aquela <u>realização</u> . Você
não tem noção ainda do que é um impacto no chão, porque você
vai fazer isso pela primeira vez ... ↑“ah mais você treinou
aterragem” sim, mas uma coisa é você treinar aterragem saltando
de um murinho, numa caixa de aterragem, num balanço, o cara
brigando com você, chamando a atenção... a outra é a hora da
verdade, é você tá ali ao sabor do vento pra dar um catrapo no
chão né? = |
| 9 | D | = e é catrapo mesmo? |
| 10 | W | dependendo do vento? sim haha mas você tá... por outro lado você
tá <u>extremamente</u> condicionado com a parte técnica ...né... do jeito
que vem você domina a bola, não tem jeito [haha né? |
| 11 | D | [hum hum |
| 12 | W | (3seg) <o momento:: de: mais insegurança>... >que eu eu pelo
menos senti< ↑ é no retorno ... quando você <u>sai</u> , fica um ano e
meio [fora pô , né? = |
| 13 | D | [ah |
| 14 | W | = aí você ↑ “ôpa” >vai pra brigada< aí [você ... |
| 15 | D | [tem que fazer uma
readaptação, não tem? |
| 16 | W | sim sim ...dep qualquer que fica::r é:: mais do que o período:: ...
tem o período das cotas de salto, [né? = |
| 17 | D | [hum ham |
| 18 | W | = não me lembro agora:: ... eu vou falar bobagem, não sei se são
dois meses? Ou quatro meses, e eu não sei ... >eu não me lembro |

agora< que fica sem saltar, ele tem que entrar em readaptação técnica... ↑ então você volta, ↑ você faz a readaptação técnica. beleza, a área de estágio não te assusta mais até porque você já ↑ é um paraquedista ... e tá sendo tratado naquela área como um paraquedista =

19 D ham hum

20 W = fazendo a parte técnica, “por favor, venha por aqui, por gentileza vá pr’ali” ... e a coisa é bem diferente (3seg) ↑ terminado isso... vai para o salto...de readaptação... e nesse salto de readaptação é que você, passa por um momento de: “caraca” ... nessa hora::, >pelo menos eu senti isso<, cai aquela ficha ((fala em volume bem baixo)) ↓ “que que eu to fazendo aqui?”... ainda m mais porque o meu salto de readaptação, ele foi u::m ...↑ >uma coisa que eu nunca tinha feito< eu cheguei na brigada, me apresentei pronto, passou quatro dias eu já tava em readaptação pra [saltar no quinto

21 D [e também já tinha passado aquela adrenalina toda inicial que o senhor [falou =

22 W [sim e você não t -

23 D =do tempo que o senhor era tenente que tinha saído da [aman,

24 W [exato

25 D foi pra unidade e voltou, né?

26 W v- exatamente

27 D passou aquele negócio de tá:: ... [à flor da pele

28 W [então você vê a::h agente:: ...a companhia de comando era junto com a cia PREC, e você via aquela galera ((forçando a voz na garganta)) precursora ... com ↑ manicaca pra todo lado... eu lembro que pô... eu era segundo tenente, eu vi o Vasconcelos assim puta a farda ... na época era aquele verdão, né?

29 D é é hum ham

30 W ((sorrindo)) verdão com as manicacas coloridas [aí tu sente?

31 D [hum ham é haha

32 W Tu olhava pra farda do cara “caraca... pô... [muito bacana” haha

33 D [muito bacana haha

34 W ((bate as mãos sobre o peito, sobre os brevês de cursos)) puta, o cara tinha curso pra cacete, né? primeiro tenente o cara... eu ((em volume mais baixo, olhos entreabertos)) “puxa, eu vô chegar lá”, né? ↑ beleza. isso... >é uma coisa< ... a outra é você ta num lançamento noturno de readaptação. porque pô eu ainda cheguei eu ainda tive esse agravante eu cheguei lá, pô ...você sempre faz na:: pra manter a:: a:: o nível de adestramento, o paraquedista faz acho que são cinco salto no ano, pelo menos um noturno... e eu

cheguei, e me relacionaram ... “não, você vai fazer a readaptação já [daqui há três dias”=

- 35 D [e o primeiro salto da readaptação já foi noturno?
- 36 W = e:: já vou botar o senhor, nesse avião aqui pá , pra preencher vaga aqui ... pá pá ... “é quando esse salto?” “não, é na quinta feira à noite” (3seg) ((volume de voz baixo)) “caraça (3 seg) puxa, eu nunca saltei à noite” haha
- 37 D haha
- 38 W aí, beleza, “vamos lá”, aí ((simulando o ruído do avião)) vuuu quando você vê você ta com aquele rio de janeiro aberto, aquelas ... estrelas no céu, e você ((volume de voz muito baixo, fala entre dentes)) “que que eu to fazendo aqui?” haha
- 39 D essa frase vai muito na cabeça[do senhor? “que que eu to fazendo aqui?”
- 40 W [NÃO, nesse nesse momento eu me lembro, que [que veio =
- 41 D [sei
- 42 W = nesse momento eu falei “caramba” , era
- 43 D O senhor podia ta em ta:ntos outros lugares [mas tava ali
- 44 W [°é é° ... e eu pô “eu to aqui porque eu quero, fiz porque eu quero, vá querer coisa louca assim” haha ... naquele momento ↓ porque você tá sem adrenalina. e essa parte ... do o paraquedista na verdade, <ele só vai ficar, dismanivrado no avião,ele só vai ficar safo pra caramba>, >quando ele faz o mestre de salto< ... na hora que ele faz o mestre de salto agente tinha até um [jargão na formação básica =
- 45 D [ele é mestre, né? vira mestre
- 46 W = ((levanta as sobrancelhas concordando com minha colocação sobreposta a sua fala)) a gente tinha até um jargão na formação básica que era “a hora que você tem o avião nos calcanhares”, você sente:: você ta em pé nele ali, comandando e você sente o balanço dele , na sola do pé... né?
- 47 D hum ham
- 48 W porque:: o curso=
- 49 D experiência
- 50 W = é , o curso ... você tá ali no curso, e saltando pra caramba, e não sei quê e trabalhos, e valendo nota e classificação e você querendo dar o melhor de si:: e uma série de ... situações (3 seg) pô ... nnão te interessa tanto o fato de você saltar do avião , pô “↑ ah, estou saltando, meu deus que medo, que não sei que” ...NÃO , você que é :: é não ser rebocado no lançamento, você quer fazer o

			lançamento correto
51	D		Cumprir uma [missão? cumprir aquela etapa?
52	W		[↑ é e você ta ali, e treina muito em falso avião

ANEXO 11

Mapa da entrevista com Tenente Coronel Ermínio – Comandante do 26 Batalhão de Infantaria Pára-quedista

Tempo- aproximadamente 40 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:01:06	“Pronto, pode começar a sabatina” (estranhamento frente á pesquisadora)
00:02:05	Visão de futuro do 26 BI PQDt – entrevistadora pergunta – citação exposta na entrada do Btl
00:02:45	Uma amostra do que o EB possui de melhor, em pessoal
00:04:20	Recursos humanos – está ok, - é o que o EB possui de melhor, falta equipamento, mas RH está ok (valoriza seus homens)
00:04:30	NARRATIVA: porque seus homens são diferentes motivação tradição aventura reserva estratégica ORGULHO, SATISFAÇÃO
00:06:30	Denominação histórica – complementando o porquê de serem DIFERENTES história do Btl - NARRATIVA
00:07:40	Situações reais em que foram empregados – MISSÃO REAL emprego em operações de GLO defesa externa missões de paz muita ação da tropa respaldo em termos de tradição
00:10:27	26 na ação principal – 26 é o centro, valorizado por seus homens
00:11:45 até 00:18:00	NARRATIVA - TC narra uma operação realizada no Complexo do Alemão para ilustrar os atributos do pqdt – Operação Abafa – se constrói como um comandante audaz e competente espírito de corpo companheirismo agressividade no combate experimentar o sentimento mais profundo de nacionalidade espírito de sacrifício trabalho em grupo iniciativa comando e controle ponto de honra planejamento competência do cmt e da tropa
00:16:00	“não são palavras ao vento” orgulho coragem alto risco – manter os atributos em situação de alto risco a tropa intimidou a força adversária faz elogios à tropa tropa unida

00:18:50	Eu procuro não lançar a tropa
00:19:20	NARRATIVA - CONFIANÇA salto em que um soldado morreu experiência amarga stress um pqdt nunca está só – ESPÍRITO DE GRUPO
00:20:00	ESPIRITUALIDADE – oração do pqdt
	*****CORTE NA GRAVAÇÃO (TC atende o telefone)*****
00:24:00	Vibração com o espírito das palavras que são ditas na oração do pqdt
00:56:00	26 é DIFERENTE dos outros batalhões Pqdt NARRATIVA – medo, tradição, cumpre o que é dito na oração
00:02:20	A recompensa é de foro íntimo (!!! BOM !!!) o self: NARRATIVA – orgulho, dificuldades, é diferente - O ORGULHO DE SER PQDT
00:04:40	A mística pqdt elementos visuais o pqdt fala de coração sobre suas atividades NARRATIVA: SENTIMENTOS: EMOÇÃO, REALIZAÇÃO
00:07:00	Ligação do pqdt com o 26 valorização do Btl a Ponte da Amizade É no 26 cabeceira do 26 a biruta ESTÁ no 26 piscina estética beleza
00:09:00	Formas de socialização do pqdt mais comum quando está longe da família NARRATIVA – churrasco, vibração
00:10:45	NARRATIVA – reuniões sociais
00:11:40	A sementinha do pqdt no coração das crianças
00:12:20	FAMÍLIA separação
00:14:00	NARRATIVA - ABNEGAÇÃO – a força da esposa - as crianças sentem muito
00:15:16	NARRATIVA – transferência para Brasília – “Deus ajuda o audaz”
00:19:50	O convívio com o pessoal e a compreensão da esposa
00:20:00	Estigmas que um pqdt não pode ter código de honra coragem nervosismo e insegurança comprometem a liderança não ficar machucado muito tempo a verdade falha de caráter compromisso com a verdade “não basta ser, vc tem que parecer ser”

ANEXO 12

Mapa da entrevista com Major Firmino – S/4 (responsável pela parte operacional) do 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista

Tempo- aproximadamente 48 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:01:38	Trajectoria do pqdt
00:02:40	NARRATIVA
00:04:40	“EU CONSEGUI VIR PARA A BDA”
00:06:40	O pqdt é visto DIFERENTE a expressão do líder isso me fascina espírito de corpo preparo físico maior que os outros
00:08:00	NARRATIVA – quando eu cheguei na Bda eu vi que era isso mesmo liderança – Bda é uma escola de liderança mostrar que É pqdt “performance”
00:09:00	NARRATIVA FICTIVA
00:09:44	NARRATIVA – guerra na selva mística (!!!) a mística da Bda vibrar, faz vc vibrar prazer realização poder fazer
00:11:00	RECOMPENSA Reconhecimento do grupo se sentir em paz com vc mesmo EU fui útil – SERVIR espírito de corpo
00:12:11	Sensação de recompensa de se realizar com o GRUPO cabeça de ponte aérea – ficar no buraco o grupo volta revigorado a sensação de não ESTAR SOZINHO
00:14:00	RELIGIOSIDADE a oração do pqdt retrata uma face do pqdt o combatente que pede a tormenta a história da oração do pqdt NARRATIVA desespero total da guerra – apavorante medo, coragem, força, FÉ
00:17:20	FAMÍLIA NARRATIVA FICTIVA – comparação com uma competição família X grupo – fica separado
00:19:50	Qualidades de um pqdt - NARRATIVAS aceitação do grupo pára-quedista – 'uma máfia' COLABORAÇÃO - “o vento que sopra no velame do general é o mesmo que sopra no

	velame do soldado” amor ao preparo físico
00:22:11	Me sinto em casa na Bda constante superação medo “eu sinto medo” hj eu não sinto mais esse medo NARRATIVAS
00:23:25	FOBIA x CORAGEM
00:24:00	EPISÓDIO QUE MARCOU A VIDA
00:26:17	NARRATIVA – importância do grupo salto livre – espírito de corpo <u>o medo de perder a aceitação do grupo</u>
00:28:50	Qualidades do pqdt “SIM – TEM” cumplicidade, confiança conversas de alojamento - NARRATIVA
00:33:25	Formas de socialização do pqdt o pqdt gosta de sair em grupo
00:35:50	NARRATIVAS - sexta-feira = churrasco, futebol, cerveja (masculinidade)
00:35:50	Mulheres – o pqdt se dá bem com as mulheres melhora a auto-estima do soldado canções uniforme vai ganhar mulher por ser pqdt – o jovem acredita
00:37:50	NARRATIVA DIVERTIDA – vai ficar bonito com o brevê e arrumar um monte de mulheres
00:38:40	A FIGURA FEMININA – Rosa Maria – fantasia de todo o soldado pqdt
00:40:00	NARRATIVA – o andar, o olhar, o soldado se sente poderoso
00:41:10	Assunto introduzido por iniciativa do Maj – Todos os pára-quedistas têm a exata noção de que TODOS os pqdts fazem o mesmo curso – soldado e oficial é o ponto mais característico e marcante dos pqdts – GRUPO – NARRATIVA cursos operacionais na bda, as mesmas oportunidades são para o soldado e para o oficial o praça não se sente diminuído não se sente excluído A FORÇA DO GRUPO
00:45:00	NARRATIVA - a origem da mística pqdt - IGUALDADE

ANEXO 13

Mapa da entrevista com Capitão Vieira

Tempo- aproximadamente 30 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:05:38	patriotismo - loucuras
00:06:35	Cumprir a missão – família, não pode deixar furo nem de um lado nem de outro – eb + família + filhos = estudos (Homem pós-moderno)
00:09:30	Diferente em ser pára-quedista dedicação a coisas que não são normais no dia-a-dia
00:11:30 até 00:15:00	NARRATIVA provocada pela entrevistadora – riscos de saltar – medo X coragem entrevistadora: pode me contar? Entrevistado: conto, mas deixa eu acabar de falar o que eu estava dizendo atos mecânicos em situação de perigo (seria o mesmo comportamento que ele apresentava durante a entrevista? Estava tenso, então agiu mecanicamente, não foi uma interação informal)
00:16:20	NARRATIVA sobre contar histórias: estou o tempo todo contando histórias quando não estou na brigada: “lá na brigada...”
00:18:20	Objetivos que queria tropa de elite mundial SENTIMENTOS ONTOLÓGICOS tropa de elite nacional
00:19:40	SUBIR NA FAVELA – ORGULHO da última missão perigo – um disparo perto dele “avida que é o 26”
00:21:46	Outra missão importante dissuasão – demonstração de força oficial de operações – era um objetivo meu sou infante, fiz coisa de guerreiro a vida toda nunca fui da administração SE CONSTRÓI COMO UM GUERREIRO, UM HOMEM DE AÇÃO
	CORTE NA GRAVAÇÃO GRAVADOR É LIGADO NOVAMENTE QUANDO O CAP VIEIRA AFIRMA QUE AINDA TEM O QUE DIZER
00:	Continua a seguir seu roteiro citando outros pontos que havia tomado nota ele se constrói mediante o grupo Vieira desenha quem é o pqdt desde o início de sua fala

ANEXO 14

Mapa da entrevista com Capitão Rocca

Tempo- aproximadamente 40 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:01:24	Por que quis ser pára-quedista? DIFERENTE Já estava escrito (MÍSTICO) O pqdt é exaltado (desejo de reconhecimento?) militar selecionado combatente completo
00:04:00	DIFERENTE é a única tropa que faz isso
00:05:00	ATITUDE do pára-quedista saltar do avião é fácil um guerreiro que não teme nada desafia qualquer coisa Vc não tem medo de nada? NÃO (sonora e enfático!!)
00:07:00	Dificuldades nas missões
00:08:00	Cerimônia de brevetação área de estágio – não tem recordações tão boas, ralou bastante lá
00:10:20	O que a área de estágio fez com vc? Tem que ser puxado, pois se for fácil coloca em risco a <u>mística</u> pqdt se preparar para a guerra É PRA ISSO QUE A GENTE VIVE
00:18:00	Preparado para cumprir a missão
00:21:20	Ficou 6 meses no Haiti
00:22:00	Sentimento de nacionalidade EU ENTREI PARA O EB PARA DEFENDER MEU PAÍS A realização de um sonho pessoal
00:26:30	Espírito de sacrifício, família
00:28:00	Rosa Maria – musa do pqdt vc encontrou sua Rosa Maria? Tinha tempo para namorar, para sair? Ele fica lacônico “A mulherada já olha diferente”
00:30:20	Espírito de corpo formatura motivação saber que <u>não está sozinho</u> o mal companheiro
00:33:00	Momentos marcantes em sua vida

	brevetação fotos antes da Bda
00:39:00	Contatos com o 26 por que vc queria tudo isso? Aqui se trabalha mais mais vivência, experiência o que eu queria como tenente Por que você queria tudo isso? Treinar para a guerra? O INFANTE Falar o INFANTE
00:41:00	UNIDADE OPERACIONAL PERMANENTE – pronto emprego QQ MISÃO, EM QQ HORA, EM QQ LUGAR

ANEXO 15**Mapa da entrevista com Capitão Marcos Almeida****Tempo**- aproximadamente 55 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:00:15	Experiência profissional NARRATIVA: TRADIÇÕES DA BDA QUE O MOTIVAM
00:03:00	NARRATIVA: trajetória até vir servir no 26 pqdt/selva: muita afinidade Amazônia idéia: servir em um local que era prioridade do EB
00:05:24	Como foi sua área de estágio? Foi difícil NARRATIVAS: as dificuldade do curso de pqdt
00:07:00	Se identificou muito com as atividades da área de estágio VIBRAÇÃO – realizando um sonho que tinha ficado guardado SUPER TENENTE – SUPER HERÓI NARRATIVA: experiência / dar exemplo
00:09:30	A EMOÇÃO de saltar Medo x coragem - só o louco não tem medo se deparar com o desconhecido ansiedade NARRATIVA: GRITA NO SALTO: “Eu sou pqdt!!!” ORGULHO, FELICIDADE, EMOÇÃO
00:12:50	O que você faz de diferente aqui? EU MUDEI DA ÁGUA PRO VINHO do ano passado pra cá NARRATIVA: sua estória profissional
00:14:00	NARRATIVA: se constrói como um homem justo e experiente NARRATIVA: sou de infantaria, não sou de logística, eu era o quebra galho Obs: mesmo comandando um pelotão de apoio, ele se constrói como experiente, mas afirma que não é de logística e prefere missões de combate: “mas não é a melhor missão para um tenente especializado” “estou me saindo muito bem na função”
00:18:00	Estou triste porque vou deixar a Bda (afinidade com militares que servem na Amazônia)
00:18:41	Planos para a família têm precedência sobre os demais
00:19:00	“não me vejo em nenhum outro Batalhão” “NÃO ME VEJO EM UM BATALHÃO PÉ DE CÃO” O desafio de tentar fazer o pronto-emprego ADESTRAMENTO, TFM, VALOR MORAL, ATRIBUTOS DA ÁREA AFETIVA, INICIATIVA, ASSIDUIDADE, AÇÃO DE COMANDO, CHIVUNCADO, PRESENÇA DO TENENTE, LIDERANÇA

	“Ainda quero ser um pouco tenente”
00:22:00	Agressividade no combate NARRATIVA: Operação Macaé O soldado se identifica com o cmt nas situações do dia-a-dia Oficial tem que ser exemplo, modelo “É MUITO BOM ESTAR À FRENTE” ((elaborou narrativas mas não respondeu à pergunta . Não percebi o ponto. Ele se sentiu agredido e testado pelos soldados???)
00:26:00	Ser pára-queda é experimentar o sentimento mais profundo de nacionalidade? ((Novamente ele não responde!! se coloca como um orientador que deve falar dessas coisas com seus subordinados))
00:28:00	NARRATIVA: O pqdt e as mulheres auto-estima incutir na cabeça dele que ele é bom o pqdt é SELECIONADO, rala muito e fala sobre essa ralação
00:31:00	ELE VIVE O PERSONAGEM
00:33:00	COMO A BDA ESTÁ TE TRANSFORMANDO? Ele resiste em responder à pergunta NARRATIVAS: mística, tropa especial, ((VÁRIAS ESTÓRIAS))
00:39:50	<u>A grande coisa que mudou para mim este ano: o poder de julgar</u> ((está relacionado com a fala que começa aos 33 minutos)) “mandar para o inferno ou mandar para o céu” NARRATIVA: (00:41:40) TEM UM SD QUE A GENTE TÁ MANDANDO POR BEM DA DISCIPLINA Ponto: o poder de julgar
00:43:30	Perspectivas depois da Bda Sonho: fazer o curso de precursor NARRATIVA: “Muita coisa eu ouvi falar aqui” ponto: quando eu sair da Esao eu quero ralar na Cia”
00:45:20	“sua esposa marcha na mesma cadência?” NARRATIVA: a compreensão da esposa. Ela entende muito bem
00:47:00	ELE RETOMA UM ASSUNTO QUE JULGAVA NÃO TER SIDO BEM EXPLORADO (!!!) “A nacionalidade ... eu fiquei com a pulga atrás da orelha” NARRATIVA: O VALOR DO NOSSO EB ESTÁ NOS HOMENS COMPARAÇÃO COM PQDT DE OUTROS PAÍSES orgulho de seu país raízes – sd brasileiro iniciativa, criatividade, vontade de fazer a questão da nacionalidade está na formação

ANEXO 16**Mapa da entrevista com Capitão Vagner****Tempo**- aproximadamente 55 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
Até + ou - 00:01:00	Conversamos sobre os tempos de AMAN falamos sobre cursos de Inglês
00:01:05	Pergunta: carreira cursos que fez NARRATIVA: está na Bda desde aspirante tropa dinâmica missão real isso me motivou a ficar sempre na Bda sempre gostou de atividade física tropa mais especializada tropa mais preparada
00:04:30	Fala sobre suas habilidades e pesquisa em Tiro OFICIAL COM HABILIDADES DIVERSIFICADAS se interessa muito em falar de suas habilidade com tiro
00:06:30	Qualidades importantes em um pqdt atividade física preparação física soldado DIFERENTE : NARRATIVA - está disposto a fazer qq coisa – CORAGEM exposto a situações reais 'não há salto de festim' espírito de corpo personalidade do pqdt – idt do pqdt a formação do sd pára-quedista
00:09:30	Medo x coragem
00:10:20	CORAGEM : atributo que vem da atividade aero-terrestre ATIVIDADE TRAUMÁTICA – dúvidas
00:11:06	Saída do avião é traumática - NÃO TEM LEMBRANÇA QUE MARCOU MAIS, POIS É SEMPRE ASSIM
00:11:30	NARRATIVA: a rotina de um lançamento instabilidade adrenalina atress

	Hércules com as portas abertas costume se expor ao vazio NARRA OS PERIGOS QUE PODEM ACONTECER
00:13:05	NARRATIVA DE PERIGO: entrelaçamento de pára-quedas fala sobre o primeiro salto de pára-quedista
00:14:32	NARRATIVA DE PERIGO 'essas coisinhas acontecem' isso desenvolve em cada sd a capacidade de lidar com o medo
00:16:15	Auto-estima auto-confiança exposição a situações estressantes
00:16:45	O mural da sua vida fotos cursos para-quedista mestre de salto – o momento em que você domina a técnica do lançamento
00:18:20	'a vida dos outros está nas suas mãos' confiança – liderança DIFERENTE de um Btl convencional Se o MS errar, as pessoas podem morrer exercer a liderança plena um retrato do combatente Ex: subir uma favela isso não tem lá fora AQUI É MUITO MAIS FÁCIL, É FÁCIL POR SER MAIS DIFÍCIL exercer a liderança a mística, a união do pqdt vem daí
00:22:00	O Cap Vagner retorna á pergunta anterior 'o mural da sua vida' NARRATIVA: Operação Paraopebas você se sente útil missão real fazendo algo pela sociedade recompensa emoções feedback
00:24:10	Subiu o Chapéu Mangueira NARRATIVA: exemplo de sentimento de gratificação, recompensa a razão para você estar aqui – SER ÚTIL
00:25:00	Sentimento profundo de nacionalidade dar a vida pelo seu país defender com o sacrifício da pp vida disponibilidade em 48h podemos estar partindo
00:27:30	O que torna o cara um mal pqdt? O mal pqdt é o mal militar
00:30:35	A personalidade desse sd é muito diferente o perfil

	tropa especial área de estágio é desgastante missões reais
00:32:30	Eles não se identificam com o planejamento de outras unidades mas executam, cumprem a missão por disciplina
00:33:00	NARRATIVA – para exemplificar a diferença entre ruma tropa pqdt e uma tropa convencional comparação com a verticalidade do salto PERSONALIDADE DE SOBREVIVÊNCIA
00:35:20	Planejamentos agressivos, audazes, ousadia SÓ O AUDAZ CONSEGUE A VITÓRIA – SER HERÓI
00:36:08	A IMAGEM DO HERÓI 'o heróis é o audaz bem sucedido' 'o audaz mal sucedido faz o idiota' 'ser herói é sorte e a sorte é o encontro do preparo com a oportunidade'
00:37:00	A farda 'eterno herói' faz parte do culto das tradições o culto do heroísmo tentar dar o melhor de si 'chivunk' o difícil é sustentar que vc realmente é um herói isso que fez vc querer se preparar
00:38:00	O lado pessoal do pqdt – família (ELE HESITA MUITO EM RESPONDER) Eu acho que... eu acho que... eu acho que... eu acho que... que eu não sei
00:39:05 até 00:39:25	(hesita muito em falar da vida pessoal) NARRATIVA: a experiência que ele teve no casamento quando ele serviu numa unidade convencional ausência – se equilibra presença com qualidade aqui conseguimos um equilíbrio muito bom
00:41:00	Como a esposa administra o casamento com um pqdt? Com crianças seria mais difícil PAPÉIS SE INVERTEM - a pesquisadora narra sobre sua vida pessoal
00:45:20	O cap Vagner pergunta sobre a pesquisa que eu realizo
00:48:00 até o final	ORAÇÃO DO PQDT – RELIGIOSIDADE tem uma influência muito grande para moldar o espírito da tropa pqdt emoção+religiosidade+ NARRATIVAS IMPORTANTES!!! 'vc é o que vc ouve' a palavra tem esse dom

ANEXO 17**Mapa da entrevista com Tenente Wiesser****Tempo**- aproximadamente 40 minutos

Tempo	CONTEÚDO/COMENTÁRIOS
00:0:45	Trajeto até chegar a ser pqdt CMJF vibração, parte física fama de ser o Btl mais puxado, mais missões ORGULHO
00:03:25	NARRATIVAS Dor física – não me abalou, pelo contrário, me estimulava mais ainda “Tá bom porque tá ruim, estaria melhor se estivesse pior” nunca teve medo só pousou uma vez de avião, as outras vezes que embarcou, saltou de pára-quedas, a estranheza foi pousar vibração o silêncio no céu o cheiro do vento a tranquilidade momentos antes da inquietação o salto é a parte mais tranquila o brevê – o ORGULHO de servir na Bda - distinção
00:08:10	A família – compartilhar momentos de vibração e companheiros EMOÇÃO, REALIZAÇÃO
00:10:30	ELE NÃO GOSTA de ser chamado de doce tem alguma agressividade guardada? NARRATIVA: episódio em que deve exercer pressão psicológica em seu pelotão – acampamento
00:13:00	Canções oração do pqdt canção do pqdt
00:14:00	SENTIMENTO DE NACIONALIDADE NARRATIVA – operações por todo o Brasil brado: Brasil acima de tudo! ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO – não está sofrendo, e sim fazendo além do que faz a maioria das pessoas
00:18:40	Por que quis ser pqdt? Espírito de corpo companheirismo a solidão do cmd ajuda entre os companheiros o foco do cmd é o grupo UM BATALHÃO DIFERENTE
00:21:30	A FIGURA FEMININA NA VIDA DO PQDT

	<p>sua Rosa Maria, já encontrou responde prontamente NARRATIVA a compreensão que a esposa deve ter ela é psicóloga fica feio mulher falar palavrão</p>
00:24:00	<p>O MURAL DA SUA VIDA infância PREP – 1 contato com o EB – alojamento amizades fortes formatura da AMAN Pqdt cada dia no curso é uma vitória 1 salto 1 missão aspirações para o futuro</p>
00:26:50	<p>Vontade de comandar um pelotão de fuzileiros o pelotão que vc vê em filme de guerra (HERÒI) comandar e liderar</p>
00:28:50	<p>O que vc está aprendendo aqui? Quem vc está se tornando? Desenvoltura influência em sua vida pessoal não vê problema, e sim, a solução decisão vontade de cumprir missão cumprir missão: fato problema NARRATIVA – FAVELA DO MUQUIFO: OPERAÇÃO REAL tirar forças além do que se acha possível CHIVUNKE – 40% o brado do Btl “guerreiro chivuncado” - <u>todos os tenentes aqui são</u></p>
00:33:30	<p>Medo + coragem – tenho medo e tenho coragem</p>
00:34:30	<p>Tropa de elite – um batalhão que cumpre missão</p>
00:35:30	<p>Os mais antigos têm muitas histórias para contar</p>
00:36:20	<p>Episódios contados pelos tenentes mais antigos sacrifício e recompensa</p>
00:38:00	<p>A MINHA RECOMPENSA É O ORGULHO</p>